



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BRUNA RODRIGUES CARDOSO MIRANDA

O INÍCIO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO CARÁTER
DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RIO DE JANEIRO, 2019

Bruna Rodrigues Cardoso Miranda

**O INÍCIO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO CARÁTER
DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dr.^a Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Rio de Janeiro
2019

CIP - Catalogação na Publicação

C268i Cardoso Miranda, Bruna Rodrigues
O Início do Processo de Formação do Caráter das
Crianças na Educação Infantil / Bruna Rodrigues
Cardoso Miranda. -- Rio de Janeiro, 2019.
131 f.

Orientador: Maria Judith Sucupira da Costa Lins.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2019.

1. Educação do Caráter . 2. Formação do Caráter na
Educação Infantil. 3. Socialização e Prática de
Virtudes. 4. Aprendizagem de Virtudes . 5. Ética na
Educação. I. Sucupira da Costa Lins, Maria Judith,
orient. II. Título.



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Dissertação "**O Início do Processo de Formação do Caráter das Crianças na Educação Infantil**"

Mestrando(a): **Bruna Rodrigues Cardoso Miranda**

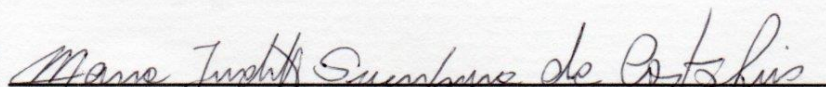
Orientado(a) pelo(a): **Profa. Dra. Maria Judith Sucupira da Costa Lins**

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

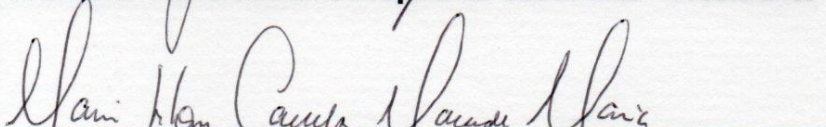
MESTRE EM EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:



Prof. Dra. Maria Judith Sucupira da Costa Lins - Presidente



Profa. Dra. Maria Vitoria Campos Mamede Maia



Profa. Dra. Tania Martins Santos

Dedico ao meu marido, meu maior incentivador, além de suporte nessa caminhada.

À minha mãe, professora, minha primeira referência de amor pela profissão de educadora.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à Deus, pois sem Ele não seria quem sou. Ele que sempre me conduz, me ouve, me acolhe e foi meu auxílio durante toda essa jornada, sendo minha maior fonte de alegria e paz nos momentos mais difíceis. A Ele toda honra, toda glória e todo louvor.

Ao meu marido Luiz Henrique, que foi o primeiro a acreditar em mim e na minha capacidade em dar esse grande passo de ingressar na Pós-Graduação. Ele foi meu suporte, auxílio e incentivador em cada uma das etapas que precisei passar. Meu muito obrigada a você, por todo amor e cuidado. Amo você!

À minha família, em especial minha mãe Jorcelene, que há mais de vinte anos leciona como professora na Educação Básica e foi meu primeiro exemplo de dedicação e amor à profissão de educadora, além de exemplo de pessoa. À minha irmã Juliana que me ajudou e nos momentos difíceis ouviu meu choro, mesmo à distância. À minha sobrinha Maria Júlia, motivo de alegria e que foi minha inspiração para o trabalho com alunos da Educação Infantil. À minha tia Jorma, professora, que me ajudou em diversas etapas desse trabalho. Ao meu pai, minhas avós, meus sogros e todos os que tem me auxiliado de alguma forma a ser quem eu sou.

Agradeço imensa e eternamente à minha querida professora e orientadora Maria Judith Sucupira da Costa Lins. Exemplo de pessoa ética, generosa e que trabalha com excelência. Ela acreditou na minha capacidade, quando eu mesma não acreditava, incansável e exigentemente me conduziu, me ajudando a desenvolver um trabalho de excelência. À você professora Judith, minha gratidão eterna, pois me ensinou muitos conteúdos acadêmicos, mas me ensinou algo de maior valor: a me dedicar em ser uma pessoa ética, capaz de olhar para o outro como pessoa especial que é. Com sua generosidade e disponibilidade em servir aos seus alunos, me ensinou o que é ser um educador e como fazer isso com amor. Devido à convivência com essa professora incrível, ascendeu em mim uma paixão pela profissão e uma esperança de que é possível construir uma sociedade mais justa por meio do nosso trabalho.

Às colegas do Grupo de Pesquisa em Ética na Educação, Daniela, Débora, Cristina, Filomena, Glaucya, Karine, Luzia, Monique, Roseane e Thelma por toda partilha de material, conhecimento e vida. Agradeço em especial à minha amiga Luzia, que muitas vezes me acolheu em sua casa durante esses anos e ouviu sobre os mais diversos assuntos e desabafos, sempre com sábios conselhos que me ajudaram muito. À

amiga Caroline, que me ajudou compartilhando informações e amizade. À amiga Fernanda que me deu dicas valiosas quanto ao ingresso na Pós-Graduação. Todas têm um lugar especial em minha vida e me ajudaram de maneiras diferentes a chegar até aqui.

Aos professores da Faculdade de Educação da UFRJ que contribuíram para o meu aprendizado, em especial às professoras Ana Ivenick e Maria Vitória Mamede. À professora Tania Martins Santos da Faculdade de Letras da UFRJ juntamente com a professora Maria Vitória que tão gentilmente aceitaram compor a banca e trouxeram ainda mais contribuições à dissertação. À equipe do PPGÉ, em especial à Solange, sempre muito solícita, alegre e disponível a nos socorrer em toda e qualquer situação.

À direção da Escola que acolheu esta pesquisa, agradeço pela confiança, disponibilidade e por sempre me receberem de braços abertos. Aos alunos e aos responsáveis que autorizaram a participação na pesquisa. Sem o apoio de vocês, não seria possível realizar este trabalho.

*“Toda Educação é uma forma de
aprendizagem, mas nem toda aprendizagem
é uma forma de Educação”*

Maria Judith Sucupira C. Lins

RESUMO

Esta pesquisa trata do início do processo de formação do caráter da criança na Educação Infantil. A observação das dificuldades enfrentadas pelas escolas e por outras instâncias sociais referentes a problemas de ética foi a motivação da pesquisa. Partimos da hipótese de que a interação social e a vivência das virtudes podem contribuir para o início do processo de formação do caráter do aluno durante as práticas escolares diárias. A filosofia de Aristóteles (2007, séc. IV a.C.) e MacIntyre (2001) é um dos fundamentos teóricos da formação ética nesta pesquisa. O desenvolvimento do caráter tem no pensamento de Lickona (2001, 2015) e Berkowitz (2016) suas bases teóricas e as contribuições de Sucupira Lins (2012, 2008, 2007) estão inseridas no contexto da aprendizagem Ética. Os objetivos são: a) Promover a aprendizagem da Ética por meio das virtudes amizade, honestidade e justiça; b) Observar elementos da interação social; c) Relacionar a prática das virtudes ao processo de socialização e início da formação do caráter. Foi utilizada a metodologia de Pesquisa-ação com maior comprometimento (SUCUPIRA LINS, 2015). A pesquisa incluiu observação, intervenções, oficinas, entrevista com a professora da turma e questionário com os pais dos alunos. Foi realizada em uma escola da Rede Municipal de Petrópolis, em uma turma de 19 alunos, do 5º período da Educação Infantil. Os alunos participaram de atividades que proporcionaram a aprendizagem e a prática das virtudes Amizade, Honestidade e Justiça. Foi observado que a pesquisa proporcionou a evolução dos alunos em relação a este aprendizado e prática. Concluímos que é possível auxiliar no início do processo de formação do caráter, pois está relacionado ao amadurecimento e à capacidade de agir buscando o bem estar do outro, quando isso lhe é ensinado e os alunos tiveram avanços significativos em relação a prática das virtudes trabalhadas.

PALAVRAS-CHAVES: Caráter, Educação Infantil, Escola, Virtudes, Ética

ABSTRACT

The formation of character begins in childhood and requires the action of the family and school. The motivation of the present research was based on the observation of the difficulties faced by the school and other social instances concerning with ethical problems. We start from the hypothesis that the social interaction and the experience of the virtues can contribute to the beginning of the process of formation of the character of the student during the daily school practices. The philosophy of Aristotle (2007, 4th century BC) and MacIntyre (2001) are the theoretical foundations on ethical training in this research. The studies of Piaget (1984) help in the understanding of the process of socialization of the child and how its construction happens. The development of the character follows the ideas of Lickona's (2001, 2015) and Berkowitz's (2016). Their theoretical bases and the contributions of Sucupira Lins (2012, 2008, 2007) are inserted in the context of Ethical learning. The objectives proposed in this research are: a) promoting the learning of Ethics through the virtues of friendship, honesty and justice; b) observing elements of social interaction; c) relating the practice of the virtues to the process of socialization and beginning of character formation. It was used the methodology of Action Research with a Greater Commitment (SUCUPIRA LINS, 2015), which through the participation of the researcher and his/her positive interventions, allows a deepening study in the data collection. The research included observation, interventions, workshops, interview with the class teacher and questionnaire with the students' parents. It was carried out in a school from the Municipal Network of Petropolis, in a class of 19 students of Early Childhood Education, aged between five and six years. The students participated in activities that provided the learning and practice of the virtues Friendship, Honesty and Justice. It was observed that the research provided the evolution of the students in relation to this learning and practice with the introduction of age appropriate behaviors. We conclude that it is possible to help at the beginning of the process of character formation by offering activities in which the virtues are known and practiced. An evolution within the level of children has been noted, related to maturation and ability to act for the well being of the other, when it is taught to them. The students had significant advances regarding to the practice of the virtues worked.

KEYWORDS: Character, Childhood Education, School, Virtues, Ethics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – CAPES	18
Quadro 2 – ANPED	19
Quadro 3 – SCIELO	19
Quadro 4 - Sociograma	56
Quadro 5 – Dinâmica da Amizade e Justiça 1	58
Quadro 6 – Resultado da Dinâmica da Amizade e Justiça 1	60
Quadro 7 – Brindes da Dinâmica da Honestidade 1.....	60
Quadro 8 – Resultado da Dinâmica da Amizade e Justiça 2	69
Quadro 9 – Segundo resultado da Dinâmica da Amizade e Justiça 2	69
Quadro 10 – Resultado da Dinâmica da Honestidade 2	71
Quadro 11 – Brindes da Dinâmica da Honestidade 2	71
Quadro 12 – Resultado da Dinâmica da Honestidade 3	72
Quadro 13 – Tabela A1 - Ficha Investigativa da Amizade	74
Quadro 14 – Tabela A2 - Ficha Investigativa da Amizade	74
Quadro 15 – Tabela H1 - Ficha Investigativa da Honestidade	75
Quadro 16 – Tabela H2 - Ficha Investigativa da Honestidade	76
Quadro 17 – Tabela J1 - Ficha Investigativa da Justiça	76
Quadro 18 – Tabela J2 - Ficha Investigativa da Justiça	77
Quadro 19 – Questionário Sócio Cultural	77
Quadro 20 – Questionário Sócio Cultural Comparativo	86

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Invariantes Funcionais	24
Figura 2 - Dinâmica da Amizade e Justiça 1	58
Figura 3 - Dinâmica da Honestidade 1	59
Figura 4 – Caixa da Dinâmica da Honestidade 1	59
Figura 5 – Livro Amizade	97
Figura 6 – Livro Honestidade	97
Figura 7 – Livro Justiça	98
Figura 8 – Música A-M-I-G-O	98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Aluno por Bairro	82
Gráfico 2 – Escolaridade das Mães	82
Gráfico 3 – Escolaridade dos Pais.....	83
Gráfico 4 – Profissão das Mães	83
Gráfico 5 – Profissão dos Paes	84
Gráfico 6 – Religião da Família	85

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

GPEE – Grupo de Pesquisa sobre Ética na Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCLEs – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UCS – Universidade de Caxias do Sul

UNESP – Universidade Estadual Paulista

Unoesc – Universidade do Oeste de Santa Catarina

USJT – Universidade São Judas Tadeu

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	13
1.1 – PROBLEMA	13
1.2 – HIPÓTESE	16
1.3 – OBJETIVOS	17
1.4 – JUSTIFICATIVA	17
1.5 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.6 – METODOLOGIA	21
2- DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA	24
2.1 – PERÍODO SENSÓRIO-MOTOR	26
2.2 – PERÍODO PRÉ-OPERATÓRIO	28
3- PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO NA INFÂNCIA	32
3.1 – CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E CONSTRUÇÃO	33
3.2 – A SOCIALIZAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR	36
4- REFLEXÕES SOBRE CARÁTER	38
4.1 – CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS	38
4.2 – CONSTRUÇÃO.....	41
5- DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	47
5.1 – LOCUS E SUJEITOS	47
5.2 – DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	49
5.3 – OBERVAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	53
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
7- REFERÊNCIAS	91
8- ANEXOS E APÊNDICES	97

1 – INTRODUÇÃO

1.1 – PROBLEMA

O interesse em realizar a referida pesquisa surgiu de uma experiência de estágio realizado durante o período da graduação em uma turma de Educação Infantil em uma escola particular no município de Petrópolis, onde foi possível observar a grande influência que as interações sociais têm para a construção moral dos alunos, a qual faz parte do processo de desenvolvimento do caráter (LICKONA, 2001). É um grande desafio para a escola, auxiliar no início da formação do caráter dos alunos, e por isso não pode se omitir quanto à participação neste processo. Diante dessa realidade, destaca-se como problema a necessidade de enfatizar a construção do início do processo de formação do caráter da criança na Educação Infantil.

Observam-se atualmente dificuldades nas escolas, como também em outras instâncias sociais, referentes a problemas de ética. A sociedade passa por situações de crise moral de modo que hoje se encontra em *Desordem Moral* (MACINTYRE, 2004) exigindo uma reflexão sobre essa questão e a escola não escapa a essa Desordem.

No que diz respeito à formação de crianças e jovens, Piaget (1973, 1994) é um autor importante, pois além das pesquisas sobre o desenvolvimento cognitivo, estudou o processo de construção da moral e da socialização. Considerando a necessidade de se trabalhar no início da formação ética de crianças na sociedade, estabelecemos o problema dessa dissertação, de modo que desenvolvemos uma pesquisa sobre “O Início do Processo de Formação do Caráter das Crianças na Educação Infantil”. Esse tema se justifica por sua extrema importância e necessidade (LICKONA, 2001, 2015; BERKOWITZ, 2016), como enfatizaremos na seção específica.

O desejo das pessoas (ARISTÓTELES, 2007, séc. IV a.C.) é ser e viver numa sociedade feliz pelo bem comum. A felicidade depende da prática da virtude visando esse bem comum. Para isso, o estagirita lembra que devem existir o respeito ao próximo, o agir com honestidade, a bondade e a generosidade. Essas características são aprendidas dentro das famílias, das escolas, das comunidades. Virtude, segundo MacIntyre (2004) “é uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício costuma nos capacitar a alcançar aqueles bens internos às práticas e cuja ausência nos impede, para todos os efeitos, de alcançar tais bens” (MACINTYRE, 2004, pag. 320). As virtudes têm que estar presentes

no cotidiano como uma prática constante e podem ser definidas como excelência (*areté*) do ser humano.

A felicidade é o *telos* que guia a vida das pessoas na *polis*, ou seja, a sociedade. A lógica desse *telos* está expressa na palavra felicidade, que exige das pessoas o exercício das virtudes na vida social. Para que esse ideal se torne possível, é necessário que se ensine desde cedo às crianças a prática das virtudes que as orientarão para atitudes valiosas e serão os meios necessários ao alcance da felicidade. É preciso que as crianças tenham referências de pessoas que as ensinem a serem éticas, pois ninguém nasce ético (SUCUPIRA LINS, 2012) e no entanto a formação do caráter, ou seja, a prática da ética, se faz necessária para a vida. Não se trata de ensinar em uma perspectiva cognitiva de aprendizagem intelectual, mas de viver moralmente (SUCUPIRA LINS e SOUSA, 2018) por meio da prática de virtudes.

A realidade da *Desordem Moral* das sociedades atuais (MACINTYRE, 2004), como já nos referimos, leva a uma urgência em se trabalhar o início do desenvolvimento do caráter na infância, que é um processo contínuo e necessário. É essencial avaliar (LICKONA, 2015) quais contribuições a escola pode dar para a formação do caráter dos seus alunos como base e o que pode ser feito para que venha a ser melhorada. A escola não é suficiente, e a formação do caráter não é seu único papel. É importante lembrar que a formação do caráter é um processo longo (HAVIGHURST, 1953), cujo término deve acontecer no jovem adulto. É preciso destacar a importância da formação do caráter e pensar quais meios podem ser utilizados para se auxiliar no processo de seu desenvolvimento.

Caráter, segundo Lickona (2015), é o desenvolvimento das virtudes, tendo como base uma vida com objetivos, produtiva e plena (LICKONA, 2015) e que reforça o valor dessa pesquisa, para a construção do caráter. Erikson (1976), quanto a esse termo, lembra que:

Os “instintos inatos” do homem são fragmentados de impulsos, aos quais é necessário reunir, dar significado, e organizar durante uma infância prolongada aplicando métodos de educação e instrução infantis que variam de cultura a cultura e estão determinados pela tradição (ERIKSON 1976, p. 85).

O referido autor mostra que uma pessoa não nasce com o caráter definido, pois esta não é uma condição genética, mas é resultado das interações sociais, conforme aponta Piaget (1973). A criança nasce com impulsos (FREUD, 1997) que devem ser organizados e não possui características éticas, por isso precisa aprendê-las na vida social. A escola

pode auxiliar (SUCUPIRA LINS, 2010) no início do processo de formação do caráter de alunos da Educação Infantil.

O caráter é a princípio, construído por meio da observação e imitação (LICKONA, 2015) até que se torne um hábito, integrando a personalidade. O processo de formação do caráter no indivíduo ocorre desde o seu nascimento, completando-se no final da adolescência (ERIKSON, 1987; HAVIGHURST, 1953) com a constituição da personalidade.

Os primeiros anos de vida da criança são decisivos para a concretização da sua formação geral (SPITZ, 1979) e por isso a educação nessa fase é fundamental. Sabe-se que as crianças não estão socializadas até cerca dos sete anos (PIAGET, 1984; VYGOTSKY, 1991) e para que esta socialização aconteça faz-se necessária a preparação nos anos anteriores. Observa-se então como é necessário um trabalho que ajude a criança a se socializar.

Quanto à prática da ética, segundo Piaget (1994), as crianças até os dois anos de idade estão na fase do desenvolvimento moral denominado “anomia” que consiste na ausência de normas. Além disso, a criança ainda não é capaz de refletir sobre questões morais, de questionar as práticas socialmente estabelecidas e de construir uma consciência moral independente dos adultos, pois não raciocina antes dos sete anos (PIAGET, 2013) em média. Em seguida, a criança entra na segunda fase (PIAGET, 1994) que é a “heteronomia”, etapa em que a criança passa a aceitar e de certo modo a compreender e cumprir as regras morais que lhe são dadas pelos outros. Esta é a fase na qual estão os sujeitos da pesquisa que têm entre 5 e 6 anos de idade. Devido às características de intuição e imitação nessa fase, é importante que a criança tenha como referência pessoas capazes de ensiná-la valores éticos que são essenciais à vida. Esses conceitos serão devidamente analisados e explicados em capítulo específico dessa dissertação.

As influências externas que a criança recebe no decorrer de sua vida colaboram para o início do processo de formação do seu caráter (ARISTÓTELES, 2007, séc. IV a.C.) e a escola possui um papel importante neste momento (GUSDORF, 1995) pelo fato de ser um ambiente em que a criança tem a oportunidade de interação com diversas pessoas.

Portanto, para o presente trabalho, o problema se fundamenta em como as interações sociais podem contribuir para o início do processo de formação do caráter das crianças na educação infantil.

1.2 – HIPÓTESE

Consideramos a partir dessas reflexões, a hipótese de que a interação social e a vivência das virtudes podem contribuir para o início do processo de formação do caráter do aluno durante as práticas escolares diárias.

A criança tem por natureza fazer o que lhe é mais agradável (SUCUPIRA LINS, 2004), buscando somente sua satisfação, sendo então, de responsabilidade dos pais e educadores encaminhá-los para a socialização e o bem comum. É importante também lhes ensinar princípios éticos que possibilitam o desenvolvimento do caráter. Aristóteles ensina em seu livro “Ética a Nicômaco” (séc. IV a.C. 2007, livro III, 1119 b12-16.) que: “a criança deve submeter-se à direção do seu preceptor, também o elemento apetitivo deve subordinar-se ao princípio racional.”, demonstrando a importância da criança ser direcionada por alguém capaz de instruí-la de maneira positiva.

É preciso que as pessoas envolvidas no ambiente escolar sejam reconhecidas como dignas de serem respeitadas. O desenvolvimento da moralidade está ligado ao desenvolvimento cognitivo e afetivo e às interações sociais estabelecidas ao longo da vida (PIAGET, 1973, 1994). As interações sociais são básicas e contribuem para o desenvolvimento moral, além de constituírem o relacionamento interpessoal. Nessa pesquisa especificamente está sendo entendida como o início do processo de formação do caráter por meio da prática das virtudes.

Uma formação sólida do caráter é de suma importância para que os relacionamentos em sociedade ocorram de maneira harmoniosa e acontecem por meio de atividades que valorizam os relacionamentos interpessoais. Lickona (2001) ao definir a formação do caráter como o desenvolvimento das virtudes acrescenta que esta é a base para desenvolver “uma sociedade justa, próspera e compassiva” (LICKONA, 2001, s/p) que é possível de ser alcançada se houver dedicação de todos em desenvolver a prática das virtudes.

Não estamos afirmando que esse processo será concluído, pois lembramos que a finalização da formação do caráter somente acontece no término da adolescência (ERIKSON, 1987). Não será observada nesta pesquisa a finalização desse processo, porque trabalhamos com um grupo de crianças de cinco e seis anos (PIAGET, 1994).

1.3 – OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

O objetivo geral da pesquisa é identificar o início da formação do caráter por meio da aprendizagem de virtudes e da interação social em crianças de cinco e seis anos de uma turma da Educação Infantil de uma escola da Rede Pública de Ensino da cidade de Petrópolis.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Promover a aprendizagem da Ética por meio das virtudes amizade, honestidade e justiça;
- b) Observar elementos da interação social;
- c) Relacionar a prática das virtudes ao processo de socialização e início da formação do caráter.

1.4 – JUSTIFICATIVA

Justifica-se essa pesquisa, primeiramente, pela observação da necessidade da escola auxiliar no início do processo de formação do caráter dos alunos e na experiência de estágio da pesquisadora numa turma de Educação Infantil em uma escola particular. Nesta escola foi possível observar a grande preocupação dos professores em ensinar conteúdos disciplinares, esquecendo-se muitas vezes de investir na Educação Moral, que envolve o ensino de princípios e valores fundamentais à boa convivência social (MACINTYRE, 2004; PIAGET, 1973) e na formação do caráter (LICKONA, 2001; PERINI, T. A.; SUCUPIRA LINS, 2017; BERKOWITZ, 2016) que precisam ser ensinados desde a infância.

Também se justifica pela participação da pesquisadora no Grupo de Pesquisas em Ética na Educação (GPEE) coordenado pela professora Doutora Maria Judith Sucupira da Costa Lins, no qual têm sido realizadas diversas pesquisas (PERINI, 2017; SOUZA, 2016; SOUZA, 2014) sobre ética, tendo como base os filósofos Aristóteles (2007, séc. IV a.C.) e MacIntyre (2004) que defendem a prática das virtudes como base para a construção da ética na sociedade.

A partir disto, e com o intuito de mostrar a relevância do tema a ser pesquisado, consultamos o banco de teses e dissertações da CAPES, o site da ANPED e a Biblioteca Eletrônica Scielo para verificarmos com que frequência pesquisas com o mesmo foco que esta têm sido elaboradas. Foram utilizadas as palavras chaves: Caráter, Educação Infantil, Escola, Ética e Virtudes, em quatro combinações no período de 2012 à 2016. Aplicamos o recurso de busca AND para possibilitar uma pesquisa em que todas as palavras combinadas estejam presentes numa mesma produção.

No banco de dados da CAPES, que disponibiliza os resumos de dissertações e teses defendidas em todo o Brasil, a pesquisa foi realizada utilizando o filtro dos anos e das combinações de palavras referenciados na tabela abaixo. Apenas quatro trabalhos foram encontrados com as palavras combinadas.

CAPES					
	2012	2013	2014	2015	2016
caráter AND educação infantil AND escola AND virtudes	0	0	1	0	0
caráter AND educação infantil AND ética AND virtudes	0	1	0	0	0
caráter AND escola AND ética AND virtudes	0	0	0	1	0
educação infantil AND escola AND ética AND virtudes	0	1	0	0	0

Quadro 1 – CAPES – Fonte: CARDOSO, Bruna

Na hipótese assinalada no quadro “caráter, educação infantil, escola e virtudes” existe somente um trabalho em todo o período pesquisado, que é intitulado “Desejabilidade Educativa e Aprendizagem: Desafios numa Cenário Social e Escolar em Metamorfose” (PEDROSO, 2014). Trata-se da dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). A pesquisa objetivou compreender e descrever o desejo de educar e de aprender na escola e na família, não tendo relação direta com a presente pesquisa.

A segunda tentativa “caráter, educação infantil, ética e virtudes”, apresentou uma produção realizada por Viana (2013), intitulada “O Papel das Emoções e do Hábito na Formação Moral”, resultado da dissertação de Mestrado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), que teve como foco o papel das emoções e do hábito no agir moral e dar significado ao educar para uma vida virtuosa e feliz. Apesar dessa produção apresentar discussões sobre moral e a prática das virtudes, distancia-se do foco da presente pesquisa pelo fato de analisar especificamente as emoções das crianças.

No terceiro caso, “caráter, escola, ética e virtudes” observou-se a dissertação de Mestrado de Sacaloski (2015) da Universidade São Judas Tadeu (USJT) do Estado de São Paulo, intitulada “Ética das Virtudes e educação em Aristóteles”. É uma produção que apresenta conteúdo semelhante à presente pesquisa, porém se trata de uma produção bibliográfica, que difere da metodologia aplicada a este trabalho. Além disso, não explora o início da formação do caráter na criança.

Por fim, as palavras “educação infantil, escola, ética e virtudes” apresentaram uma única produção. Awashima (2013), estudou “A Generosidade no Exercício da Autoridade em Professores de Educação Infantil”, que resultou na Tese de Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Mesquita Filho de Marília, São Paulo. Essa pesquisa objetivou investigar o juízo de professores e alunos da Educação Infantil quanto à virtude generosidade e se há relação com o exercício da autoridade docente. Portanto é um tema distanciado da presente pesquisa pelo objeto de estudo. Além disso, a metodologia utilizada não se assemelha à escolhida para a presente pesquisa.

ANPED					
	2012	2013	2014	2015	2016
caráter AND educação infantil AND escola AND virtudes	0	0	0	0	0
caráter AND educação infantil AND ética AND virtudes	0	0	0	0	0
caráter AND escola AND ética AND virtudes	0	0	0	0	0
educação infantil AND escola AND ética AND virtudes	0	0	0	0	0

Quadro 2 – ANPED – Fonte: CARDOSO, Bruna

Nota-se que a mesma pesquisa realizada no site da ANPED, contendo combinações iguais às palavras apresentadas no quadro anterior, também pesquisadas entre os anos de 2012 a 2016 não mostra produção alguma.

SCIELO					
	2012	2013	2014	2015	2016
caráter AND educação infantil AND escola AND virtudes	0	0	0	0	0
caráter AND educação infantil AND ética AND virtudes	0	0	0	0	0
caráter AND escola AND ética AND virtudes	0	0	0	0	0
educação infantil AND escola AND ética AND virtudes	0	0	0	0	0

Quadro 3 – SCIELO – Fonte: CARDOSO, Bruna

Na base de dados Scielo, foi feita a mesma pesquisa com todas as combinações apresentadas no quadro acima, porém não foi encontrada nenhuma produção que apresentassem essas palavras chaves combinadas.

A partir dos dados obtidos nos quadros acima, entendemos a necessidade de mais pesquisas sobre o início do processo de desenvolvimento do caráter da criança.

1.5 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para entender o início do processo do desenvolvimento do caráter na pessoa, é necessária uma forte fundamentação teórica. A partir desse conhecimento, estuda-se o comportamento, que no caso dessa dissertação será a pesquisa sobre a prática das virtudes na infância. O comportamento humano tem sido objeto de estudos, principalmente durante a infância, a fim de que sejam encontradas respostas sobre o desenvolvimento consequente. Em cada fase da vida, a pessoa apresenta uma conduta característica que deve ser analisada.

A fundamentação principal dessa pesquisa de dissertação está na obra de Aristóteles (2007, séc. IV a.C.) que diz ser necessário à pessoa desenvolver as virtudes visando o bem comum. Como já destacamos, devido à *Desordem Moral* existente nas sociedades atuais apontada por MacIntyre (2004), é preciso um retorno à prática da virtude em todas as instâncias sociais para se obter um comportamento ético. Esse segundo autor também é base teórica da dissertação.

A fundamentação também está baseada em Erikson (1987) que se dedicou à compreensão do desenvolvimento da pessoa, desde o nascimento até a velhice, identificando o período da infância como a fase na qual se recebe as maiores influências e von Hildebrand (2014) que enfatiza o valor da pessoa e sua ação com base na ética. Contamos ainda com a contribuição de Piaget (1994), principalmente no que se refere aos estudos com a finalidade epistemológica e sociológica. De suas pesquisas, resultou amplo material sobre o comportamento infantil, no qual mostra a grande influência que as interações sociais exercem sobre a estrutura mental da criança e do jovem.

Quanto ao foco dado ao caráter, as pesquisas realizadas por Lickona (2001) e Berkowitz (2016) servem de fundamentação para essa dissertação. O indivíduo recebe influências externas desde o seu nascimento e durante a primeira infância essas influências colaboram significativamente para o início do processo de formação do seu

caráter (LICKONA, 2001), o que é aqui analisado. A escola pode colaborar com essa formação, pois no ambiente escolar existem diversas formas de relacionamento (SUCUPIRA LINS, 2007), que favorecem o desenvolvimento inicial do caráter das crianças.

Com base nas contribuições dos referidos autores sobre a importância da ética e da prática das virtudes como meio para desenvolver o caráter, realizamos a pesquisa. Observamos como as interações sociais e a vivência das virtudes podem auxiliar no processo do desenvolvimento do caráter do aluno, guiados por essa fundamentação teórica. Pesquisas e estudos de diferentes autores (BRUNER, 1978; MOUNIER, 1976; MARRITAIN, 1966) são úteis como referenciais secundários, além de outros que aparecem ao longo da dissertação para melhor compreensão do problema proposto. Apresentaremos essas ideias nos capítulos 2, 3 e 4.

1.6- METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, segundo explicam Alves-Mazzotti (1998) e Minayo (2001), que tem como base para a construção metodológica o livro Metodologia da Pesquisa: Rompendo Fronteiras Curriculares (IVENICKI & CANEN, 2016) que fundamenta os critérios de rigor para a elaboração de um projeto de pesquisa. Foi utilizado na pesquisa, o Método Sucupira-Lins (2015), que é um método de pesquisa ação com maior comprometimento. Sabe-se que no Método Sucupira-Lins (2015) há a possibilidade de “intervenção educativa do pesquisador visando o bem do pesquisando, pretendendo que as crianças e adolescentes alcancem cada vez mais a perfeição enquanto ser humano” (SUCUPIRA LINS, 2015, p. 54), dando ao pesquisador a oportunidade de auxiliar na transformação dos alunos por intermédio da observação e também da ação, de maneira a compartilhar valores e fornecer o desenvolvimento do sujeito. A responsabilidade do pesquisador é um ponto central no Método Sucupira-Lins.

O grupo de pesquisandos é formado por alunos de uma turma do quinto período da Educação Infantil de uma escola da Rede Municipal de Ensino da cidade de Petrópolis. A escolha da Escola foi feita por se tratar de uma instituição localizada no centro da cidade e que recebe alunos de diferentes bairros do município, sendo possível alcançar na pesquisa uma diversidade cultural muito grande que enriquece a coleta de dados para a pesquisa. Participaram da pesquisa 19 crianças entre cinco e seis anos, que são

acompanhadas por uma professora regente de sala, responsável por desenvolver todo o programa escolar. A direção da escola acolheu muito bem a proposta da pesquisa, além de já conhecer a pesquisadora que havia anteriormente estagiado na mesma instituição.

Observamos as atividades das crianças dentro e fora da sala de aula, com intuito de acompanhar a interação social, segundo a hipótese dessa pesquisa que a considera como capaz de auxiliar no início do processo de desenvolvimento do caráter da criança.

Nesta pesquisa, objetivando estabelecer como possível o ensino/aprendizagem da ética para alunos de uma turma da Educação Infantil de uma escola da Rede Pública, de acordo com o estudo sobre o papel da interação social e a vivência das virtudes, analisou-se a aprendizagem do aluno, no que tange à prática sobre ética/moral a partir de atividades lúdicas que apresentem conteúdo ético. Partindo desse ponto observou-se como o aluno se desenvolve sobre esta questão com o direcionamento do professor, numa aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1980), além de Maia (2016) que aponta o docente como “responsável pela tarefa de ensinar ou, como preferimos dizer, responsável por manter um ambiente suficientemente bom para que seja possível aprender”. Também se estudou como os alunos se desenvolvem a partir das influências externas advindas da interação social com outras pessoas, sejam funcionários da escola ou os demais alunos.

É necessário que o professor seja criativo para que a aprendizagem se torne significativa (MAIA, 2016), principalmente na fase que se encontram os sujeitos da pesquisa, por isso os alunos participaram de treze oficinas orientadas pela pesquisadora. As atividades das oficinas são histórias, dramatizações, música, brincadeiras, além de fichas investigativas preenchidas pelos alunos com o objetivo de obter informações sobre quais conceitos os alunos têm a respeito das virtudes trabalhadas.

As fichas investigativas, aplicadas antes e depois das oficinas, constituem rico material de informações para a pesquisadora. Antes da realização das oficinas, a pesquisadora buscou entender os alunos por meio das seguintes dinâmicas: a) Dinâmica da justiça e amizade – Os alunos são divididos em duplas e cada dupla recebe dois recipientes idênticos, um contendo doces e outro vazio. Essa dinâmica teve por objetivo observar se os alunos têm a capacidade de dividir os doces, por iniciativa própria, com àqueles que não os ganharam, identificando assim, se são capazes de agir de forma justa e amiga; b) Dinâmica da Honestidade – Brinquedos diversos estão em uma caixa e os alunos são orientados pela pesquisadora a escolherem apenas um brinquedo, sem que os colegas e a pesquisadora sejam capazes de ver o que cada criança está escolhendo. Essa dinâmica objetiva verificar se os alunos são capazes de obedecer as regras, sem trapacear,

agindo de forma honesta. As mesmas dinâmicas foram realizadas depois do desenvolvimento das oficinas com conteúdos sobre as virtudes amizade, honestidade e justiça, para que se observe se houve alguma mudança de atitude por parte dos alunos pesquisados.

Houve uma entrevista com a professora regente da turma, com objetivo de conhecer seu trabalho, as inquietações e compreensão sobre ética. Também observamos se e como são realizadas atividades que desenvolvam a ética conforme estipulado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) por meio de Tema Transversal e se a professora tem conhecimento do conteúdo deste documento.

As reflexões sobre cada etapa trabalhada, no decorrer de todas as atividades, são importantes para que processo e produto possam ser avaliados sempre e não somente na etapa final. Os dados coletados são fundamentados e analisados segundo a metodologia de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2010). Essa metodologia possibilita revelar o que não está dito ou escrito nos instrumentos aplicados, por meio das inferências feitas pelos pesquisadores. O método permite organizar uma grande quantidade de dados coletados em categorias, facilitando assim a sua compreensão pela divisão em grupos.

2- DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Utilizamos como base para o estudo do desenvolvimento da criança, seja de modo geral ou específico quanto à ética, as investigações do epistemólogo Jean Piaget (2013, 1994, 1984, 1973), que teve como cerne em suas pesquisas, a preocupação em saber como se dá o conhecimento humano. Há também valiosas contribuições de Piaget no plano social, moral e afetivo. Esse pesquisador concentrou suas indagações científicas no processo da construção do conhecimento e não na análise do produto do conhecimento. Os resultados de suas investigações nos quatro citados campos permanecem atuais.

A teoria de Piaget explica que os seres humanos passam por uma série de mudanças sequenciais e previsíveis, denominados por ele de estádios ou períodos do desenvolvimento. Para Piaget, os estádios se caracterizam por diferentes maneiras do indivíduo pensar e interagir com a realidade, ou seja, de organizar seus próprios conhecimentos visando a adaptação, ocorrendo assim modificações progressivas dos esquemas.

Essas são as variáveis e acontecem a partir do que Piaget (1971) identifica como Invariáveis Funcionais. Essas são de dois tipos: interna e externa. A Invariável Funcional Interna é chamada de Organização e se refere inicialmente ao conjunto de equipamentos biológicos trazidos pelo sujeito ao nascer. Logo em seguida elementos adquiridos passam a integrar a Organização. A Invariável Funcional Externa é chamada de Adaptação e age de duas maneiras: Assimilação e Acomodação. Assimilação é a incorporação dos elementos externos experimentados. Acomodação é a modificação que se faz para assimilar (incorporar) os elementos externos experimentados.

Vejamos o esquema simplificado de como as funções acontecem no modelo piagetiano, no quadro abaixo.

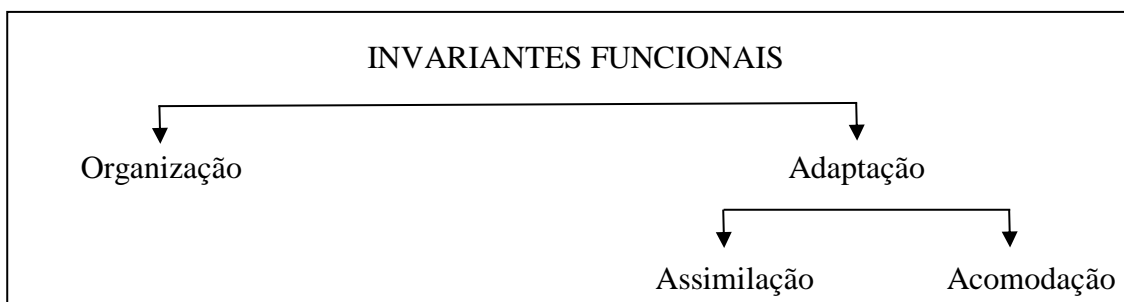


Figura 1 - Invariantes Funcionais - Fonte: Sucupira Lins, 1984, p. 44

A partir das suas observações empíricas, Piaget (1984) demonstra que os seres humanos se desenvolvem a partir de interações com o mundo e o aprendizado é um processo gradual. Para descrever o desenvolvimento cognitivo/ social/ moral/ afetivo, o Epistemólogo partiu da análise de comportamentos das emoções.

O processo de desenvolvimento da inteligência é um dos focos dos estudos de Piaget. Ele demonstra que a inteligência “não é um tipo de capacidade estática que o indivíduo poderá ou não possuir. Não é um acúmulo de dados e informações” (SUCUPIRA LINS, 1984, p. 28), porém é a capacidade de lidar com os dados e informações que o sujeito já tem em um processo que ocorre de diferentes formas com características próprias de acordo com a capacidade de cada um, em cada fase da vida. A inteligência é formada por meio de adaptações.

Derivado das observações, Piaget (1971) elabora a sua teoria da Epistemologia Genética sobre a construção do conhecimento, dividindo em quatro períodos o processo de desenvolvimento da criança. O primeiro chamou de Sensório Motor, que ocorre aproximadamente do nascimento até os dois anos de idade; o segundo denominou de Pré-Operatório, que acontece mais ou menos dos dois aos sete anos de idade; o terceiro é o Operatório-concreto, aproximadamente dos sete aos doze anos; e o último é o Operatório Lógico Formal, de pensamento abstrato, iniciado entre doze e treze anos.

Apresentamos os dois primeiros períodos, para interesse específico dessa pesquisa, da vida de uma criança, iniciando com o Período Sensório-Motor e concluindo, neste capítulo, com o Período Pré-Operatório, de acordo com as idades estabelecidas pelas pesquisas de Piaget (1984, 1971). É indispensável que seja apresentado como se dá o desenvolvimento da criança desde o nascimento, para que se torne possível entender a criança durante o Período Pré-Operatório, que é a fase na qual se encontram os alunos da pesquisa, que têm entre cinco e seis anos de idade.

Nessa dissertação, para nossos objetivos, não se faz necessária uma profunda descrição das conquistas das duas fases citadas, desse modo não há pretensão de um estudo exaustivo de suas características. Indicaremos o que nos parece mais relevante para a compreensão do problema aqui proposto. Além disso, não abordaremos os demais Períodos por serem relativos a sujeitos em idades diferentes dos integrantes da pesquisa.

2.1 – PERÍODO SENSÓRIO-MOTOR

O Período Sensório-Motor, segundo Piaget (1971) ocorre desde o nascimento da criança até aproximadamente os dois anos de idade. A criança vive exclusivamente das sensações de esquemas motores com os quais resolve seus problemas, que são essencialmente práticos. A criança já tem conduta inteligente, dentro das limitações de suas capacidades. Os esquemas sensório-motores são construídos a partir de reflexos inatos usados pelo bebê para lidar com o ambiente.

A partir da construção de esquemas pela atividade de transformação sobre o meio, a criança vai construindo e organizando noções. É caracterizado pelo surgimento de mecanismos sensório-motores e pode ser dividido em seis fases (PIAGET, 1971), descritos a seguir:

1ª - Exercício do Reflexo – Estende-se mais ou menos até o primeiro mês de vida. Nessa fase o recém-nascido apresenta reflexos, trazidos da organização biológica. São respostas que surgem automaticamente diante de certos estímulos. Piaget (1971) dá como primeiro exemplo de reflexo do bebê, a sucção. É possível observar desde o nascimento, movimentos impulsivos dos lábios e da língua do bebê, que são um esboço da sucção. “O reflexo de sucção é uma montagem hereditária que funciona desde o nascimento, quer sob a influência de movimentos impulsivos difusos, quer sob a influência de um excitante externo” (PIAGET, 1971, p. 43) e o exercício do movimento reflexo resultará em um funcionamento normal. É necessário que haja um meio apropriado para que os reflexos funcionem, pois “do contato com o meio resulta não apenas o desenvolvimento dos reflexos, mas também a sua coordenação” (PIAGET, 1971, p. 44). Piaget (1971) aponta que as repetições reflexas de ações, produzem uma satisfação no bebê, o que caracteriza uma atividade equivalente ao brincar e que uma pequena satisfação pode desencadear várias reações reflexas no bebê.

2ª - Reação Circular Primária – Essa fase ocorre mais ou menos do primeiro ao quarto mês de vida do bebê. Aparecem esquemas simples, descobertos pelo bebê e restritos a seu próprio corpo. As reações circulares “parecem ser o resultado de um simples treino automático sem que o elemento de atividade próprio das reações precedentes pareça intervir” (PIAGET, 1971, p. 70). Quando o bebê faz um movimento ao acaso, ele tenta repetir a ação. O bebê reconhece o meio pela intervenção dos sinais visuais, pois basta que ele perceba a mamadeira ou algum objeto que lembre a refeição, para que chore como forma de pedir o alimento.

3ª - Reação Circular Secundária e Processos para Fazer Durar os Espetáculos Interessantes – Acontece em torno dos quatro meses e meio até o oitavo ou nono mês. A criança nesta fase se encontra numa transição entre os atos reflexos e repetitivos do próprio corpo, que acontecem nas fases 1 e 2, e os atos voltados para o externo. Nas reações circulares secundárias “os movimentos estão centrados num resultado produzido no meio exterior [centrífugos] e a ação tem por única finalidade manter esse resultado” (PIAGET, 1971, p. 154), ou seja, o interesse está centrado no resultado exterior. Piaget diz que a criança ao se encontrar face um objeto novo, limita-se a utilizá-lo como alimento para seus esquemas habituais. Os comportamentos da criança nessa fase consistem em repetir o que acabou de fazer ou a repetição do que já está habituada a fazer.

4ª - Coordenação dos Esquemas Secundários e sua Aplicação às Situações Novas – Ocorre aproximadamente de oito meses a um ano de idade. Surgem as primeiras condutas propriamente inteligentes, por meio da coordenação dos esquemas secundários. Piaget diz que “os esquemas secundários destacam-se do seu conteúdo habitual para se aplicarem a um número crescente de objetos: de esquemas particulares, com um conteúdo especial ou singular, eles convertem-se, pois, em esquemas genéricos de conteúdo múltiplo” (PIAGET, 1971, p. 227). O progresso destes comportamentos é limitado por duas circunstâncias: para se adaptar, a criança se limita a coordenar os esquemas que conhece, sem diferenciá-los por acomodação progressiva; as relações que a criança estabelece entre as coisas dependem de esquemas já montados, porém não chegam a elaborar objetos inteiramente independentes da ação. Nessa fase existe um novo componente que é a intencionalidade.

5ª - Reação Circular Terciária e Descoberta de Novos Meios por Experimentação Ativa – Essa fase acontece mais ou menos dos onze aos dezoito meses. Observa-se o desenvolvimento de novos esquemas devido à experimentação ou à busca de novidades, o que leva ao aparecimento de um tipo superior de coordenação dos esquemas, que é dirigida pela busca de novos meios (PIAGET, 1971). Piaget diz: “quando a criança repete os movimentos que a levaram ao resultado interessante, não os repete literalmente, [como na reação circular secundária] mas, pelo contrário, gradua-os e varia-os de modo a descobrir as flutuações do próprio resultado” (PIAGET, 1971, p. 252). Nessa fase se observam as formas mais elevadas da atividade intelectual, antes do aparecimento da inteligência sistemática. Nessa fase há uma relação entre esquemas de modo que se colocarmos um objeto interessante que não esteja acessível à criança sobre outro objeto, ela utilizará um para alcançar o outro, além de já ser capaz de puxar para si um objeto,

utilizando um instrumento, como por exemplo uma vara, bastão, ou objeto similar para poder alcançá-lo.

6ª - Invenção de Novos Meios por Combinação Mental ou Transição – Ocorre aproximadamente dos dezoito meses até dois anos de idade. Essa fase é caracterizada pela capacidade da criança em desenvolver uma combinação mental de esquemas e o início da evocação de imagens-símbolo. A inteligência da criança avança na aquisição da linguagem e se transforma, com o auxílio do grupo social, em inteligência refletida (PIAGET, 1971). A linguagem é a expressão do novo tipo de inteligência. Piaget diz: “inventar é combinar esquemas mentais, isto é, esquemas representativos, e, para se tornarem mentais, os esquemas sensório-motores têm de poder combinar-se entre si de todas as formas, quer dizer precisamente poder dar lugar a verdadeiras invenções” (PIAGET, 1971, p. 354). Nessa fase, quando a criança se encontra em uma situação que percebe obstáculos, surge uma adaptação particular que a leva a descobrir meios adequados para resolver o problema.

Os esquemas do Período Sensório-Motor são as primeiras formas de pensamento e expressão e são padrões de comportamento que podem ser aplicados a diferentes objetos em diferentes contextos. Ao observar cada uma das fases desse período, entendemos sua importância para o desenvolvimento cognitivo, pois suas realizações formam a base de todos os processos cognitivos do indivíduo, que vai se desenvolvendo até alcançar o desenvolvimento do próximo período.

Essa é a justificativa da explanação acima, sabendo que a faixa etária das crianças da pesquisa é outra. Entende-se que conhecer a gênese da inteligência é imprescindível no trabalho com alunos de qualquer idade.

2.2 – PERÍODO PRÉ-OPERATÓRIO

O Período Pré-Operatório acontece aproximadamente dos dois até os sete anos de idade, período este em que criança não é capaz de raciocinar e ainda não está socializada. Características principais desse período são apontadas por Piaget (1984) e divididas em dois sub períodos:

1) Sub Período Simbólico – Ocorre mais ou menos dos dois aos quatro anos de idade. É o período em que há o aparecimento da função simbólica, principalmente por meio da linguagem. Além dessa, o jogo e a imitação têm papel fundamental porque dão

a possibilidade da criança construir esquemas de ação interiorizados, chamados de esquemas representativos ou simbólicos. Nesse subperíodo, a criança pode substituir objetos, ações, situações e pessoas por símbolos, que são as palavras ou imagens. A criança constrói conceitos a partir das experiências visuais concretas e da imaginação que representa o objeto real.

2) Sub Período Intuitivo – Acontece mais ou menos dos cinco aos sete anos e meio. A criança calcula sua realidade por meio de perguntas sucintamente elaboradas: Onde? Como? Por quê? E suas respectivas respostas. É o início da famosa fase dos “Porquês”. A criança inicia a construção de significados do que acontece ao seu redor. É um sub período rico em descobertas, em relação à etapa anterior, em que a criança apresenta traços marcantes e peculiares. A criança elabora e organiza seu mundo por intermédio de esquemas padrões de respostas para eventos, porque ainda não possui subsídios para compreender e explicar. A criança usa a imaginação para substituir a lógica, resultando no pensamento intuitivo.

O pensamento da criança no período pré-operatório é egocêntrico. Trata-se de um pensamento não flexível e tem como ponto de referência a própria criança. A criança é egocêntrica nas representações mentais, desenvolvendo a percepção sem considerar o ponto de vista do outro. Faz pouco esforço para conseguir adaptar a sua linguagem às necessidades do ouvinte e não consegue pensar sobre o seu próprio pensamento. Assimila os aspectos aparentes que mais chamam sua atenção e se submete ao estado do objeto e não à transformação deste. Portanto, o pensamento é estático e imóvel.

Nessa etapa está presente o animismo, que é a atribuição de sentimentos e intenções a coisas e animais, pois a criança acredita que tudo tem alma e vida. Ela possui conceitos primitivos de moral e de justiça e apresenta uma imaturidade nas tentativas de enfrentar intelectualmente problemas relativos ao tempo, causalidade e espaço. Além disso, acontece nesse período o aparecimento acentuado das representações mentais e do desenvolvimento das funções simbólicas, ou seja, a capacidade de simbolizar um fato real, como por exemplo o "faz de conta".

A criança não distingue claramente a atividade lúdica da realidade como áreas cognitivas diferentes, com regras próprias. As ações do período pré-operatório embora internalizados não são reversíveis, pois a criança ainda não é capaz de perceber que é possível retornar mentalmente ao ponto de partida. No período anterior, a criança é marcada pelas sensações, passando agora pela percepção, que é o modo elaborado de forma pessoal da sensação.

Piaget (1984) aponta que há uma desorganização na memória da criança até aproximadamente os sete anos de idade. O autor demonstra que nesse período, quando a criança está jogando, aceita as regras que recebe do exterior, ou seja, dos adultos ou das crianças mais velhas porque considera aquele que as informa como superior e inatingível. Porém, quando joga não acata de início a modificação das regras, pelo fato de não perceber a mudança. Joga imitando os outros e acredita que esteja em interação com os demais, porém está jogando só para si e modificando as regras sem perceber. Nesse período a criança é mais submissa às mudanças e não tem a tendência de ser controladora das mesmas. Não possui um sistema em equilíbrio que possa ordenar ou formar com coerência o mundo que o cerca, devido à incapacidade de raciocinar. Sua vida cognitiva e afetiva tende a ser instável, descontínua e momentânea.

O conhecimento da criança nesse período não é momentâneo ou apenas importante para essa etapa específica de sua vida, muito mais do que isso, “este conhecimento é base sobre o qual a inteligência poderá se desenvolver e construir futuras formas de conhecimento” (SUCUPIRA LINS, 1984, p. 28), sendo o desenvolvimento a ideia central da sua construção do conhecimento. Não há um tipo de conhecimento pronto e específico que possa ser adquirido em cada fase da vida, no entanto, existe um ponto de partida que é o nascimento da criança, e em seguida “uma série de fatos e acontecimentos que vão se desenrolando num processo inteligente que será a própria gênese do conhecimento” (SUCUPIRA LINS, 1984, p. 28).

A teoria de Piaget mostra que a inteligência e o conhecimento fazem parte de uma ação conjunta, pois a “medida em que a inteligência progride, o conhecimento se enriquece, e da mesma maneira, pelo fato desse conhecimento se desenvolver, maior a possibilidade da inteligência evoluir” (SUCUPIRA LINS, 1984, p. 28). A criança recebe influências do meio ambiente, o qual é um fator essencial para a aquisição do conhecimento e o desenvolvimento da inteligência.

No desenvolvimento da inteligência da criança, a afetividade também é um fator de grande importância, pois se trata de um “elemento fundamental e que age em estreita ligação com o aspecto cognitivo” (SUCUPIRA LINS, 1984, p. 31). A criança enfrenta as interferências da oscilação das emoções e sentimento (PIAGET, 2014) modificando também sua maneira de agir inteligentemente.

Não há como o mecanismo cognitivo se desenvolver sem a presença dos elementos afetivos, pois “nas formas mais abstratas da inteligência, os fatores afetivos intervêm sempre” (PIAGET, 2014, p. 39), como por exemplo, quando o aluno realiza

qualquer atividade. Se não consegue realizar uma tarefa com sucesso, pode se sentir desanimado, como pelo contrário sentirá satisfação ao atingir o objetivo proposto. É preciso dar atenção a este aspecto afetivo logo nos primeiros anos de vida da criança, pois a afetividade precisa ser desenvolvida desde cedo. Isto porque nas fases em que o raciocínio e a socialização ainda não estejam presentes, a afetividade exerce um forte papel.

Nos Períodos Sensório-Motor e Pré-Operatório, descritos nesse capítulo, a criança ainda não apresenta raciocínio. Ela não dispõe de um sistema equilibrado capaz de ordenar com coerência o universo ao seu redor nem utiliza estruturas lógicas. Não está socializada nem raciocina, e devido à esta incapacidade de ordenar o mundo, é preciso realizar um trabalho que auxilie a criança nesse processo. O processo de socialização na infância será detalhado no próximo capítulo desta dissertação, apresentando conceitos, características e construção.

Entender o processo de desenvolvimento da criança nos diversos aspectos apresentados é relevante para a pesquisa. Além de possibilitar o entendimento das capacidades, demonstra a importância de olhar para o desenvolvimento integral da criança.

3- PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO NA INFÂNCIA

Descrevemos neste capítulo os conceitos e características que envolvem o processo de socialização da criança, como sua construção acontece e qual o papel da escola neste contexto.

As crianças não estão socializadas até cerca dos sete anos (PIAGET, 1984; VYGOTSKY, 1991; WALLON, 1975) e para que esta socialização aconteça é necessário fazer uma preparação nos anos anteriores, pois os primeiros anos de vida são decisivos para a concretização da formação geral (SPITZ, 1979). Por isso, a educação nessa fase é primordial. Sendo assim, é preciso um trabalho que ajude a criança a se socializar.

Utilizamos como base para analisar a socialização, o trabalho do epistemólogo Piaget (1973) que além de descrever as fases do desenvolvimento da criança, apresenta uma teoria social, demonstrando como acontece o processo de socialização na infância. Observamos também as contribuições de Wallon (1975) sobre as etapas e o desenvolvimento do processo de socialização. Ambos autores apontam, por meio de seus estudos, a influência que o ambiente escolar exerce na vida social de uma criança. Contamos ainda com as contribuições de Erikson (1987) que se dedicou à compreensão do desenvolvimento da pessoa em todas as fases da vida, destacando a infância como o período em que se recebe as maiores influências.

Consideramos o estudo de Sucupira Lins (2005) sobre a Teoria Social de Piaget para a Educação, mostrando como o epistemólogo esteve interessado nos vários aspectos do desenvolvimento humano. Sucupira Lins (2005, p. 11) diz que embora Piaget “não fosse um educador, sua teoria pode realmente oferecer alguma contribuição útil para os que trabalham em escolas e outros campos relacionados à Educação”, pois a socialização faz parte do desenvolvimento do ser humano e a escola é um espaço propício a este desenvolvimento. A autora destaca as pesquisas sobre a questão social realizadas por Piaget (PERINI & SUCUPIRA LINS, 2017).

3.1 – CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E CONSTRUÇÃO

O homem é um animal social (ARISTÓTELES, 2009), necessita da vida em comum e de outras pessoas para alcançar a sua plenitude. O Estagisrita afirma:

As primeiras uniões entre pessoas, oriundas de uma necessidade natural, são aquelas entre seres incapazes de existir um sem o outro, ou seja, a união da mulher e do homem para perpetuação da espécie (isto não é resultado de uma escolha, mas nas criaturas humanas, tal como nos outros animais e nas plantas, há um impulso natural no sentido de querer deixar depois de indivíduo um outro ser da mesma espécie). (ARISTÓTELES, 2009, I, 1252a e 1252b, 13-4).

A socialização faz parte da natureza humana e não é atribuída a nenhum animal. O homem é o único entre os animais que possui o dom de falar e a fala é uma função social, tal como se pode ler: “A característica específica do homem em comparação com os outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e de outras qualidades morais, e é a comunidade de seres com tal sentimento que constitui a família e a cidade” (ARISTÓTELES, 2009, I, 1253b, 15). A natureza social do homem se manifesta na linguagem e na capacidade de discernimento.

Piaget (1973, p. 114) afirma: “Toda sociedade é um sistema de obrigações (regras), de trocas (valores) e de símbolos convencionais que servem de expressão às regras e aos valores (sinais)”. Isto significa que estes são desenvolvidos por meio das relações próprias à socialização. Esse filósofo enfatiza a necessidade de uma vivência progressiva em experiências sociais. Por outro lado, Wallon (1975) enfatiza que o processo de socialização da pessoa não acontece apenas por meio do contato com o outro, mas também do contato com a produção do outro. Ter acesso a um texto, pintura ou música produzida pelo outro, proporciona a identificação do sujeito como homem em sentido geral e a diferenciação para homem concreto, o que contribui com o processo de individualização e constituição do eu.

Nessa mesma perspectiva, Maritain (1966) entende o papel da socialização da pessoa como indispensável para a consciência do eu. O processo de identificação da própria individualidade ocorre desde os primeiros anos de vida da criança (SPITZ, 1979) e é essencial para que possa notar o outro num processo de ações interindividuais, o que Piaget (1973, p. 182) denomina de cooperação individual, ou seja, é “um sistema de ações interindividuais e não simplesmente individuais, mas ações mesmo, e conseqüentemente submetidas a todas as leis que as caracterizam”. Essas situações necessitam da participação do outro.

Sobre esse processo, Erikson (1976), também preocupado com a socialização, diz que “a criança em crescimento deve, a cada passo, derivar uma sensação vitalizante de realidade a partir da percepção de que sua forma individual de dominar a experiência é uma variante bem sucedida de uma identidade grupal e está em harmonia com seu espaço-tempo e seu plano de vida” (1976, p. 216), gerando uma percepção inicial de pertencimento a um grupo. Quando a criança começa a se perceber como um ser individual, torna-se capaz de dizer sim ou não para outra pessoa. Essa percepção é fundamental, pois possibilita o aprendizado para o convívio em grupo, que depende de regras a serem cumpridas. É importante que a criança entenda esse fundamento desde a mais tenra idade e consiga se comportar de forma adequada para viver em sociedade, tornando-se assim, um cidadão ético que se esforça pelo bem comum.

Retomando o olhar de Wallon (2007) sobre o ser humano, observa-se que este é definido como uma pessoa geneticamente social, visto que é impossível pensar em seu desenvolvimento, mesmo no período pré-verbal, sem a interação com os demais. Essa afirmativa é discutível, pois não há comprovação, nem pelo mapeamento do genoma, que exista. O autor afirma que o ser humano é organicamente social (WALLON, 1975), apresentando aspectos biológicos e também influências culturais provenientes do seu meio, que são interpretadas pelo adulto, promovendo o desenvolvimento cognitivo da criança. Esse psicólogo exemplifica o fato acima ao dizer que o bebê expressa sua insatisfação por meio do choro, sua única maneira de se relacionar, ainda não socializada. Esse choro mobiliza a mãe e ela o interpreta de acordo com valores e significados culturais. A interação entre ambos será responsável pelo desencadeamento das funções cognitivas na criança.

Corroborando com essa afirmativa, concernente à interação, Erikson (1976, p. 216) diz que “a identidade emergente transpõe as etapas da infância quando o eu corporal e as imagens parentais adquirem suas conotações culturais; e transpõe a jovem idade adulta quando uma variedade de funções sociais se torna acessível e, na realidade, crescentemente coercitiva”, demonstrando como as influências sociais têm papel fundamental para o desenvolvimento do indivíduo desde a infância. Lembra ainda que “sob circunstâncias favoráveis, as crianças têm um núcleo de identidade separada desde o começo da vida” (ERIKSON, 1976, p. 221) o que não significa estarem socializados. A criança tem necessidade de se identificar com as pessoas com quem tem maior proximidade para uma segurança natural.

Wallon (1975) comentou sobre o desenvolvimento infantil nos aspectos afetivo, cognitivo e motor, propondo um estudo sempre contextualizado ao meio social. Seus trabalhos podem ser divididos em duas etapas: primeira, relaciona-se com as questões da afetividade; segunda, com os estudos da inteligência, no entanto sempre com a preocupação social. No que tange esse aspecto, Piaget (1976) afirma que os fatores sociais são também fundamentais para o desenvolvimento intelectual. Esse filósofo enfatiza que “tanto o aparecimento do pensamento formal quanto a idade da adolescência em geral, isto é, a integração do indivíduo na sociedade adulta, dependem dos fatores sociais tanto e até mais do que dos fatores neurológicos” (INHELDER & PIAGET, 1976, p. 251) desenvolvidos pelo ser humano.

O desenvolvimento intelectual não garante a interação entre pessoas, pois estas necessitam de fatores afetivos e morais para se desenvolverem integralmente. Ninguém é capaz de se desenvolver sozinho, por isso é fundamental entender a importância e dependência (MACINTYRE, 1999) que um tem do outro. Uma das necessidades vitais do homem é alimentar-se. Para ter essa necessidade suprida depende de alguém para plantar, colher, vender, cozinhar. É claro que uma pessoa tem a capacidade de desenvolver as funções citadas, porém quase sempre estas são desenvolvidas por diferentes pessoas. Entender a necessidade que se tem do outro, inclui a capacidade de enxergar a pessoa como alguém que merece respeito (VON HILDEBRAND, 1972), desenvolvendo assim uma socialização benéfica, que pode ser iniciada logo nos primeiros anos de vida.

Observamos também a afirmativa de Piaget sobre o desenvolvimento social da criança em relação ao cognitivo logo no início da vida:

As principais etapas do desenvolvimento das operações lógicas, correspondem, de forma relativamente simples, a estágios correlativos do desenvolvimento social, a partir de um nível de partida, onde o indivíduo está ainda entregue a si mesmo. Com efeito, ao período sensório motor precedendo o aparecimento da linguagem, não se poderia ainda falar de socialização da inteligência: é mesmo durante este período inicial que se pode falar de inteligência puramente individual (PIAGET, 1973, p. 178).

Conforme já mencionado, o Período Sensório-Motor (PIAGET, 1971) ocorre nos primeiros dois anos de vida. A criança está no agir e sentir, porém ainda não raciocina, sendo seus esquemas construídos a partir de reflexos inatos, usados para lidar com o ambiente e transformados pela adaptação. A criança nessa fase ainda não está socializada,

porém há uma construção remota, inicial dessa interação, possibilitando o processo de socialização.

Todas as influências externas sociais recebidas pela criança, permitem que o processo de socialização aconteça. A família é a base para esta construção. A escola tem um papel muito importante de ampliação deste processo. Nela se encontra uma diversidade de novas práticas, antes desconhecida pela criança e, que veremos mais detalhadamente a seguir.

3.2 – A SOCIALIZAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

O fator social é importante pois estabelece relação com a construção cognitiva, afetiva e moral da criança, segundo Piaget (1973). Nessa linha de pensamento, Sucupira Lins (2005) afirma que a Educação está relacionada a estes aspectos como partes de um todo. A escola é um ambiente privilegiado em que a socialização ocorre intensamente, tornando-se base para que a criança se desenvolva, tal como concorda com Wallon (SOUZA, 2008) que apresenta valiosas contribuições no que diz respeito à influência da escola na formação social do aluno. A escola é o local onde esse autor teve acesso à criança para suas observações. Nesse ambiente contextualizado, cheio de significados, existe a possibilidade de enxergá-la como um ser “geneticamente social” (WALLON, 1975) na sua expressão. Considerando que a psicologia e a pedagogia deveriam agir num sistema de colaboração recíproca, entendemos as contribuições desses pensadores.

Gratiote-Alfandéry (2010) diz que Wallon participou da construção do Projeto Langevin-Wallon, propondo uma educação integral do pré-escolar até a universidade, com o foco na formação de valores éticos e morais do aluno, pois considerava a escola um espaço social adequado para tal. O objetivo do projeto era fornecer uma educação comprometida com a formação voltada para a autonomia, cidadania e orientação profissional, baseada em princípios de justiça, igualdade e respeito à diversidade, o que necessariamente enfatiza a socialização no ambiente escolar. O projeto sistematizou e sugeriu etapas consecutivas que priorizassem aspectos e necessidades específicas de cada faixa etária, respeitando o desenvolvimento afetivo, cognitivo, social e a maturação biológica de cada indivíduo.

É possível observar nas ideias pedagógicas de Wallon (SOUZA, 2008), uma proposta reflexiva sobre o papel social e político da educação. Acredita que a escola deve,

enquanto instituição, se engajar numa prática que permita o desenvolvimento social e individual do aluno, preocupando-se com sua formação integral. Para esse pesquisador, a escola é um importante meio na constituição do sujeito, assumindo junto à família a responsabilidade que lhe é devida. O que Souza (2008) analisa é coerente ao pensamento dos demais autores até aqui citados.

Voltando às conclusões de Piaget, nota-se que diz: “os problemas sociológicos que a infância levanta se agrupam sob duas classes principais: relações sociais entre crianças e adultos e relações sociais entre as crianças entre si” (1973, p. 320), ressaltando a ideia de grupo que a escola possibilita. Nessa mesma perspectiva Sucupira Lins (1999) destaca a socialização como um ponto importante da contribuição piagetiana ao apontar o seguinte: “Pelos trocas existentes com as outras crianças e adultos presentes em sua vida, cada criança irá construindo a moralidade, deixando para trás o estado de anomia e se iniciando numa vida social através da heteronomia” (1999, p. 102). Isto acontece sob a influência dos adultos e crianças mais velhas e de modo mais expressivo na escola.

De igual modo, Gusdorf (1995, p. 180) ao analisar a função do professor diz que “a função pedagógica tem por tarefa situar os jovens no horizonte espaço-temporal da vida comunitária”, possibilitando as pessoas tomarem consciência de si enquanto indivíduos, que dependem um dos outros, além de encontrar seu lugar na sociedade. Essa “vida comunitária” salientada pelo autor aparece com grande evidência na escola. É devido às influências da família e da escola que “a criança se deixa lentamente formar até o momento em que ela mesma se tenha tornado um membro completamente independente na sociedade dos homens responsáveis” (GUSDORF, 1995, p. 180). Vemos assim a ampliação do papel da escola, não apenas como um espaço em que o aluno tem acesso ao conhecimento, mas sendo um ambiente muito rico que possibilita o desenvolvimento integral do indivíduo.

Nesse sentido, já o filósofo Maritain (1966, p. 29) afirmava que “a tarefa da educação é ajudar e guiar a criança na sua realização humana” isso implica em pensar na formação do caráter da pessoa, pois "uma das coisas mais importantes na educação de uma criança e de um jovem é lhes proporcionar oportunidades para que venha a constituir um caráter" (SUCUPIRA LINS, 2017) que é parte da sua formação integral.

4- REFLEXÕES SOBRE CARÁTER

Neste capítulo apresentaremos os conceitos e características sobre o caráter, além de explicitar como se dá sua construção, lembrando que o desenvolvimento do caráter é um processo contínuo e necessário. Utilizamos os pesquisadores Lickona (2015, 2001) e Berkowitz (2016) como base para o estudo sobre o caráter especificamente e o filósofo von Hildebrand (2017, 1966) que oferece reflexões valiosas sobre a Filosofia da Pessoa, que contribui para a construção do caráter.

4.1 – CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

O caráter é visto, em geral, pelo senso comum, como algo inato ao ser humano, o que as pesquisas (LICKONA, 2001) mostram não ser verdadeiro. Além disso são frequentemente usados na linguagem coloquial os termos ‘bom caráter’ e ‘mau caráter’, que também estão incorretos, pois existe ou não a construção do caráter. Há diferentes concepções quanto ao que seja o caráter e destacamos a definição de Russel (2012), ao afirmar que caráter está associado com hábitos positivos, ou virtudes, e a falta dele está relacionado com hábitos negativos, ou vícios. O autor lembra que o caráter nos permite "ser o nosso melhor e fazer o nosso melhor" (RUSSEL, 2012, s/p). Estudando esse assunto e criando práticas educativas correlatas, Lickona (2001, s/p), chegou à conclusão que o caráter pode ser definido como “o desenvolvimento das virtudes – excelência humana – como base de uma vida com objetivos, produtiva, e plena”. O citado pesquisador explica que essas virtudes são as “qualidades humanas objetivamente boas que desenvolvemos ao viver em harmonia com a lei moral natural” (LICKONA, 2001, s/p) as quais são essenciais para uma boa convivência social e dependem da educação.

As virtudes Aristotélicas, melhor dizendo, as excelências, segundo Lickona (2001) são capazes de “fornecer um padrão para definir o caráter. Sem esse padrão, o conceito de ‘caráter’ se torna mergulhado no subjetivismo” (LICKONA, 2001, s/p), o que pode ser observado na sociedade atualmente. Nessa direção von Hildebrand (1966) afirma que “É como se as pessoas hoje flutuassem em colchões de ar individuais no lago preguiçoso de Newman, desconectados um do outro, cada um preso no isolamento de seus julgamentos subjetivos” (VON HILDEBRAND, 1966, s/p), sendo este um dos motivos pelos quais existe a *Desordem Moral* apontada por MacIntyre (2004) e já comentada anteriormente.

Dentre as inúmeras variações de significado da palavra caráter, Mounier (1961, p. 443) diz que “se refere à coragem de quem, vestindo uma verdade, amadurece pelo esforço total de sua vida”. O filósofo também afirma: “amadurecer é encontrar um lugar no mundo” (MOUNIER, 1961, 339) e o mal da juventude é fugir desse amadurecimento, que tem relação direta com o desenvolvimento do seu caráter.

As virtudes são adquiridas, aprimoradas e amadurecidas pelo *habitus*, portanto, é preciso que o indivíduo encontre alguém capaz de ensiná-lo a adquirir tais práticas (SUCUPIRA LINS, 2010), sendo esta uma tarefa de responsabilidade não apenas da família, mas de outras instâncias sociais. Dentre estas, a escola tem papel fundamental de complementar a educação iniciada na família. A referência ao termo *habitus* pretende distingui-lo do conceito comportamental, pois é algo mais profundo que possa fazer parte da natureza da pessoa.

Há um significativo no papel que a escola e a família têm no processo de desenvolvimento do caráter dos alunos, o qual deve ser trabalhado por ambas as partes, em conjunto, pois “A solução não está certamente em afastar a família ou a escola, mas no empenho em torná-las mais conscientes e mais dignas de sua vocação” (MARITAIN, 1966, p. 56), pois a base para a formação do caráter do aluno acontece nas relações familiares, que são as primeiras relações de um indivíduo, a escola por sua vez assume um papel importante de auxiliar nessa formação, pelo fato de ser um ambiente em que primeiramente as crianças expandem suas relações sociais para além do ambiente familiar.

Lickona (2001) lembra que todas as escolas, sejam laicas ou religiosas, devem se esforçar por desenvolver as virtudes básicas, que são necessárias para auxiliar no processo de desenvolvimento do caráter. O referido pesquisador enfatiza a independência da Educação do Caráter quanto à religião. É possível “promover virtudes básicas como respeito, responsabilidade, honestidade e autocontrole sem promover a crença religiosa” (LICKONA, 2001, s/p), pois essas virtudes estão relacionadas com atitudes morais que cada pessoa deve ter, visando o bem comum de toda uma sociedade. É imprescindível que pais e professores tenham sempre em mente, de maneira bem clara, que religião e caráter são instâncias diversas e que ética e religião não se confundem. Religião é uma opção de vida ligada à divindade e ética é uma questão da vida na *polis*, ou seja, em sociedade.

A Educação do Caráter, segundo Lickona (2001, s/p) “É o esforço deliberado de cultivar a virtude em suas dimensões cognitivas, emocionais e comportamentais”. Esse

esforço acontece em todas as fases da vida escolar, incluindo o exemplo do professor, o modo como são trabalhadas as regras e a disciplina escolar, além do conteúdo curricular e a prática de esportes. A partir de suas pesquisas, esse autor afirma que o maior desafio das escolas não é apenas fazer a Educação do Caráter, mas saber como fazê-la de forma eficaz, ou seja, é preciso saber como desenvolvê-la de forma prática e permanente. A educação efetiva do caráter “torna-se abrangente quando os professores de todos os níveis da escola em todas as áreas do ambiente escolar promovem, por palavras e exemplos, um conjunto comum de expectativas de caráter” (LICKONA, 2001, s/p). Desta maneira, pode-se compreender a importância e a influência que os professores exercem na Educação do Caráter dos alunos, notadamente no Ensino Fundamental.

Aristóteles (2007, séc. IV a.C.) afirma que as pessoas geralmente acreditam que discutir sobre a prática das virtudes é suficiente para torná-las pessoas virtuosas. Essa não é a realidade, pois esse filósofo frisa que não há possibilidade de se viver como uma pessoa de excelência sem a prática das virtudes. Neste sentido, o filósofo diz que para alguém se tornar virtuoso é necessário que pratique as virtudes.

Seguindo esse raciocínio, pensemos sobre a prática das virtudes não apenas como uma disposição para agir ou responder corretamente, mas uma qualidade do caráter de uma pessoa em sua totalidade, “considerando que uma mera potência para agir não tem um caráter qualitativo nem pode se manifestar no comportamento de uma pessoa” (VON HILDEBRAND, 1953, p. 357). As virtudes não são habilidades da pessoa, são “realidades completas em si mesmas e não apenas conseguem seu significado em ações e respostas únicas” (VON HILDEBRAND, 1953, p. 357). A prática das virtudes é efetiva quando faz parte de todas as esferas da vida do ser humano. Sobre as virtudes apresentadas inicialmente por Aristóteles, filósofos da contemporaneidade repelem que para se obter um caráter virtuoso é preciso uma ação mútua “Por um lado, o caráter virtuoso é construído por ações moralmente dignas, mas, por outro lado, o caráter virtuoso também facilita essas ações” (VON HILDEBRAND, 2009, p. 33). É necessário que se tenha atitudes virtuosas na vida social.

Lickona (2001, s/p) afirma que “tem sido dito que uma das características da educação do caráter é que ela ensina o que é certo antes que algo dê errado”, o que não significa não mais errar, pois errar faz parte da natureza humana e a educação de caráter não conseguiria atingir tal objetivo. Continua dizendo: “quando surge o momento de ensino, você tem uma estrutura no lugar, um padrão de comportamento esperado para se

referir” (LICKONA, 2001, s/p) o que propicia a Educação do Caráter nas mais diversas situações encontradas no dia a dia na escola.

4.2 – CONSTRUÇÃO

O desenvolvimento do caráter é um processo contínuo e necessário, tendo início na infância e prosseguindo o final da adolescência (ERIKSON, 1976) quando deve se consolidar. Erikson (1976), renomado psicólogo e estudioso da formação da pessoa em diferentes fases, acentua que para ocorrer a construção do caráter, o adolescente precisa passar por crises, frustrações e sucessos. Uma pessoa não nasce com o caráter definido, pois este não tem origem em uma condição genética. Na realidade, o caráter resulta da interação social, como afirma Piaget (1973) em obra fundamental e que é base para todos os estudiosos do assunto, estabelecida pela criança desde o início da vida.

A criança nasce com impulsos (PIKUNAS, 1979), forças interiores instintivas, que devem ser organizados, de modo a se chegar a consciência, autonomia e precisamente à definição de seu caráter. É importante repetir que a criança não apresenta características éticas (SUCUPIRA LINS, 2004) ao nascer e por isso se faz necessária a ação educativa que é iniciada na família. A família e a escola são instâncias básicas da sociedade que se comprometem com a construção do caráter. Pais e professores têm papel fundamental para que esta tarefa seja bem-sucedida. A educação do caráter é uma aprendizagem prática e não de cunho intelectual, que se dá pela aquisição e vivência das virtudes apresentadas por Aristóteles (2007, séc. IV a.C.) que também ressalta a formação cognitiva da aprendizagem das virtudes.

Sabemos que a “virtude moral ou ética é o produto do *habitus*” (ARISTÓTELES, 2007, livro I, v.15), ou seja, ninguém nasce ético, mas passa a apresentar comportamentos que se tornam uma nova natureza. Há uma incorporação à personalidade de tal modo que *habitus* nessa concepção se distingue da ideia comportamental. Desde a infância o ser humano precisa receber instruções de como agir eticamente, entendendo a prática das virtudes como fundamental para a convivência social. Esta prática das virtudes é capaz de proporcionar condições para que o sujeito possa agir visando o bem comum. Sem estas práticas de responsabilidade de cada pessoa, nenhuma comunidade pode funcionar efetivamente. O *habitus* se caracteriza pela própria pessoa transformada em sujeito virtuoso e difere, como já fizemos notar, do conceito de hábito proposto pelas teorias

comportamentais, nas quais não tem permanência no sujeito a não ser pelos reforços recebidos.

A criança sofre diversas influências durante sua vida, as quais colaboram com o processo de formação do seu caráter (ARISTÓTELES, 2007, séc. IV a.C.) que, tal com já frisamos, é um processo contínuo e exige a cooperação específica do professor (SUCUPIRA LINS, 2010) pelo fato de ser ele também um agente de transformações e de referência para seus alunos. Denomina-se essa proposta de ensino/aprendizagem de virtudes organizada e praticada por professores e alunos como Educação Moral, que é normativa e prescritiva no dizer explícito de filósofos, dentre os quais nomeamos Hare (2003) e de responsabilidade de pais e professores.

Tal qual Aristóteles (2007, séc. IV a.C.), von Hildebrand (2017) indica que a prática de virtudes é fundamental para o convívio harmonioso da sociedade. Von Hildebrand (2017) sugere a prática de algumas virtudes, e entendemos que a reflexão sobre a Reverência e a Responsabilidade, são primordiais para auxiliar na construção do caráter da pessoa. Isso não quer dizer que a prática das demais virtudes não seja importante, apenas damos destaque a estas nesse tópico específico.

A reverência, segundo von Hildebrand (2017), é a virtude que pode ser considerada como mãe de toda vida moral, pois “nela o homem primeiro toma uma posição em direção ao mundo que abre seus olhos e permite que ele apreenda valores” (VON HILDEBRAND, 2017), pois a reverência é o ato de reconhecimento da dignidade do outro. O filósofo também aponta o homem irreverente como alguém que é impertinente, escravo do seu orgulho e egoísmo, tornando-se prisioneiro de si e incapaz de enxergar os valores (VON HILDEBRAND, 2017). O fato da reverência ser capaz de fazer com que a pessoa enxergue a importância de praticar outras virtudes morais, torna fundamental refletir primeiramente sobre essa virtude, entendendo suas características, pois só assim será possível alcançar a prática desta e das demais.

A pessoa irreverente nunca dá oportunidades a situações, coisas ou pessoas de se revelarem em seu próprio caráter e valor (VON HILDEBRAND, 2017), fato que anula a própria pessoa, causando um desconhecimento e inconsciência de si. Se não houver essa consciência, que tem uma forte relação com o senso de responsabilidade que explicaremos mais adiante, não será possível o desenvolvimento do caráter.

A construção do caráter ocorre por meio da prática das virtudes (LICKONA, 2001), apresentadas inicialmente por Aristóteles (2007, sec. IV a.C.). Na perspectiva de Lickona (2001, s/p) o caráter “deve ser definido em termos de seus componentes

psicológicos essenciais: conhecer o bem, desejar o bem e fazer o bem”, ou seja, antes de desejar e fazer o bem, é necessário que a pessoa conheça o que é o bem. A partir dessa afirmativa, o pesquisador exemplifica que para se possuir a virtude da honestidade é necessário não só entender a honestidade, sabendo o que ela exige em qualquer situação, como praticá-la. Não se trata de um conhecimento, mas de vivência. É essencial também que a pessoa se empenhe em ser honesta, admire a honestidade nos outros, sinta culpa construtiva quando não for capaz de obedecer às normas honestamente, além de ter a capacidade de indignação moral diante da desonestidade (LICKONA, 2001). Ademais é preciso praticar a honestidade, agindo com honestidade em todas as circunstâncias e com todas as pessoas, pois só assim uma pessoa se torna honesta. Essa reflexão, e também as práticas, devem ser feitas com todas as virtudes, marcando desse modo o processo inicial da educação do caráter.

A irreverência, segundo von Hildebrand (2017) pode ser dividida em dois tipos de pessoa. O primeiro tipo está relacionado com a pessoa que age com orgulho e é impertinente, característica definida anteriormente, além de ter atitudes que demonstram uma superioridade presunçosa e falsa, acredita que sabe todas as coisas. É incapaz de enxergar alguém além de si mesmo, ignorando os que estão a sua volta. Esse tipo de atitude segundo Aristóteles (2007, sec. IV a.C.) não favorece o convívio harmonioso em sociedade, pois para isto é preciso visar o bem comum. Outro tipo de pessoa que não tem reverência, apontado por von Hildebrand (2017) é o contundente e concupiscente e igualmente cego aos valores. Suas atitudes são limitadas ao seu próprio interesse, ou seja, se algo é agradável para ele ou não, se lhe oferece satisfação ou que tenha qualquer utilidade para ele.

Reverenciar é reconhecer a grandiosidade. Essa reverência tem uma relação muito próxima com o respeito, pois quando enxergamos o outro como alguém superior a nós mesmos, somos capazes de respeitar esse alguém, independentemente da situação enfrentada. Respeito é indispensável para a boa convivência, é algo que tem se perdido na sociedade e que se mostra como um problema real dentro das escolas hoje. O desrespeito causa prejuízos (TEIXEIRA; KASSOUF, 2015) para o desenvolvimento dos alunos e atrapalha seu aprendizado. Esse desrespeito é um dos fatores (MIRANDA, 2012) que gera desmotivação nos professores, sentindo-se muitas vezes incapazes de ministrar os conteúdos da grade curricular, devido a esse comportamento dos alunos. É necessário que o professor seja capaz de olhar para o aluno como pessoa única e especial que é,

demonstrando toda sua reverência a eles. Essa atitude poderá refletir na postura dos alunos.

Tão importante quanto a Reverência, apresentamos a Responsabilidade, virtude que está relacionada principalmente com a consciência da pessoa sobre aquilo que é certo e errado, expressando a consciência de justiça, que define o bem e o mal. O homem inconsciente (VON HILDEBRAND, 2017, p. 24) “vai vivendo” e “tudo nele permanece entregue ao acaso, sem expressividade”, ou seja, é incapaz de se orientar por valores, sendo guiado por seus próprios desejos e por vezes não o que lhe acontece. Ser responsável é fazer um exame de consciência, pois apenas o reconhecimento de que algo está errado e precisa melhorar é que tornará o desenvolvimento moral possível. A responsabilidade leva à humildade (MACINTYRE, 2004) de reconhecer que se precisa do outro, além de auxiliar na educação da vontade.

O homem irresponsável (VON HILDEBRAND, 2017) só se interessa pelo que o satisfaz subjetivamente, não tem conhecimento sobre o mundo dos valores e sua exigência, tornando-se superficial, imaturo e infantil. Já o homem responsável, segundo von Hildebrand (2017, p.25) tem consciência da sua posição e missão na sociedade, “sente que não é dono de si mesmo para pôr e dispor à vontade, que não é juiz em causa própria, antes tem de prestar contas a alguém que o supera”. Isso demonstra a necessidade da pessoa ter alguém que possa ser uma referência para si e esse alguém precisa ter atitudes éticas para então se tornar um exemplo.

Von Hildebrand (2017, p. 28) diz ainda que a decisão do homem responsável não deve ser baseada num dado intuitivo ou numa reflexão examinadora, porém é essencial que os valores estejam claros e inequívocos, para isso é preciso que a pessoa conheça quais são as virtudes e os pratique até que se tornem um hábito (ARISTÓTELES, 2007, sec. IV a.C.), pois o homem não nasce ético (SUCUPIRA LINS, 2004) e também não possui o senso de responsabilidade.

Entendemos a importância do desenvolvimento da responsabilidade como parte fundamental nas relações escolares, pois contribuirá com a aprendizagem do aluno, além de auxiliar no seu desenvolvimento moral, que é parte integral da pessoa e o fim último da educação (MARITAIN, 1966). O objetivo da educação, segundo Maritain (1966, p. 36) “é guiar o homem no desenvolvimento dinâmico no curso do qual se constituirá como pessoa humana, dotada das armas do conhecimento, do poder de julgar e das virtudes morais”, ou seja, a educação é o instrumento capaz de formar o homem, tornando-o capaz

de pensar sobre suas próprias atitudes e lhe possibilitando a vontade de desenvolver as virtudes morais.

Nesse sentido apontamos o professor como uma figura de grande influência para os alunos, pois não é apenas alguém que transmite conteúdos disciplinares, mas, como afirma Maritain (1966, p. 207), “o mestre exerce uma influência causal real no espírito do aluno”, por isso é necessário que ele tenha essas atitudes éticas e seja um exemplo. Gusdorf (1995) fala sobre a importância da escola e a figura do professor, demonstrando que no ambiente escolar, o aluno tem a oportunidade de obter uma nova consciência de si mesmo e de outros, pois, mais do que o simples fato de ir à escola, trata-se de uma oportunidade de se abrir para um novo mundo.

Repetimos que a escola não é a única responsável pela formação do caráter, a qual tem início nas relações familiares e em outras instâncias sociais. Cabe à família o papel crucial de começar a Educação do Caráter desde a mais tenra idade das crianças. Estudos como os de Bloom (2014), que pesquisa a aprendizagem da moral em bebês, mostram a eficácia da Educação de Caráter iniciada desde a primeira infância. Passada essa fase, a escola tem o papel complementar de educar e formar as crianças em sua amplitude, coerente com os princípios estabelecidos pela família. Escola e família atuam conjuntamente na tarefa de propiciar às crianças e adolescentes condições favoráveis que lhes permitam a plena construção do caráter.

Para que a prática das virtudes faça parte do cotidiano escolar e conseqüentemente da vida das crianças, exige-se a atuação consciente do professor (SUCUPIRA LINS, 2008b) e para isso a sua formação é fundamental. Essa consciência tem relação direta com a Responsabilidade. Von Hildebrand (2017) afirma que “um dos principais objetivos de toda educação e formação de personalidade deve ser levar a uma maior consciência de nossa responsabilidade”, assim, o professor também deve entender a responsabilidade que tem enquanto educador, demonstrando comprometimento com a educação dos alunos de forma integral, compreendendo que a forma como ele age influenciará diretamente no comportamento dos alunos.

Não se trata de uma forma intelectual de ensino, mas de uma vivência contínua das virtudes, tanto pelos professores como pelas crianças e adolescentes. Nesta perspectiva, Padilha (1995) faz a crítica à ideia atualmente defendida de se obter uma educação sem a figura do educador, visto que educar é um ato moral e social. A partir da relação de educadores e educandos, (SUCUPIRA LINS, 2008b) o ser humano se fortalece como alguém capaz de ter ideias, crenças, princípios e valores. “A ideia da pessoa é

essencial à pedagogia, porquanto todo o instrumental pedagógico pressupõe a conceituação do destinatário da educação” diz Padilha (1995, p. 40), ressaltando o papel nuclear que o professor tem para a formação dos alunos. Nessa perspectiva, suas ideias convergem para a proposta filosófica de von Hildebrand (2009) que visa a formação plena da pessoa por meio das virtudes.

O psicólogo e professor de caráter Berkowitz (2016), em suas pesquisas que se prolongam na atualidade, observou que a influência moral mais poderosa da escola é a forma como as pessoas se tratam partindo do princípio de que a escola deve ser um espaço solidário, no qual exista o olhar de respeito para o outro. Se o professor estiver atento às suas próprias práticas, esforçando-se para agir de maneira ética e exercendo as virtudes, o resultado na prática dos seus alunos será efetivo e visível, o que é um forte encaminhamento à Educação do Caráter.

É importante pensarmos nas práticas das virtudes que auxiliam no desenvolvimento do caráter do indivíduo como algo que traz benefícios à sociedade, porque pessoas éticas têm a capacidade de olhar para o outro enquanto pessoa em sua essência (VON HILDEBRAND, 2017), esforçando-se para respeitar as diferenças e contribuir com o bem comum.

5- DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Neste capítulo são apresentados, a pesquisa em si mesma e a análise de todos os dados coletados. Isto envolve explicitar o locus, os sujeitos participantes da pesquisa, as oficinas desenvolvidas com os alunos, além de outras atividades. Os dados coletados são resultantes destas atividades, da observação e entrevista feita com a professora regente da turma e com os pais dos alunos.

5.1 – LOCUS E SUJEITOS

Essa é uma pesquisa empírica que teve início com a solicitação da pesquisadora à direção de uma Escola Municipal de Educação da cidade de Petrópolis, região Serrana do estado do Rio de Janeiro, para sua autorização. Depois da permissão da escola, foi realizado todo trâmite legal com apresentação de documentação exigida pelo Comitê de Ética em Pesquisa que forneceu o certificado de aprovação. A pesquisa teve início junto aos membros da escola logo em seguida.

A escola se situa em um local central do município, que recebe alunos de diversos bairros da cidade. Fato este que contribui para o enriquecimento da pesquisa, pois há uma variedade de realidades representadas num mesmo local. A direção responsável pela escola recebeu a pesquisadora muito bem e sempre se mostrou muito solícita e aberta à pesquisa.

Começamos com uma reunião de pais que estava previamente agendada pela escola. A professora regente da classe disponibilizou espaço e tempo da reunião para que a pesquisadora pudesse apresentar a proposta da pesquisa aos responsáveis pelos alunos. A pesquisadora explicou como seriam realizadas as atividades, falou sobre a participação voluntária dos alunos e sobre os riscos mínimos que envolveria a participação deles. A pesquisadora solicitou aos responsáveis presentes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a participação dos alunos nas atividades. Aos responsáveis pelos alunos que não compareceram à reunião, a professora enviou cópias do TCLE por meio da agenda dos alunos. Todos os alunos tiveram autorização dos responsáveis para participar da pesquisa e os TCLEs foram devidamente assinados. Segundo orientação do Comitê de Ética, o fato dos alunos não serem alfabetizados ainda, não exigiu o recolhimento da assinatura dos mesmos.

Em outra reunião de pais, a pesquisadora teve a oportunidade dada pela professora para pedir aos responsáveis que preenchessem um Questionário Sócio Cultural. Este tem o objetivo de fazer conhecer melhor a realidade dos alunos, no que diz respeito principalmente ao universo familiar. Da mesma forma, a professora enviou o questionário aos responsáveis que não compareceram à reunião, que posteriormente devolveram respondidos.

Trata-se de uma turma do quinto período, denominação dada pela Instituição para o último ano da Educação Infantil. Participaram da pesquisa dezenove alunos com faixa etária de cinco e seis anos, sendo dez meninos e nove meninas. O nome dos alunos é representado pelas iniciais dos seus nomes, garantindo o sigilo da identificação e facilitando a organização dos dados de cada um.

Há uma professora regente de classe, que desenvolve todas as atividades com os alunos. Segundo a professora, os alunos costumam ter um professor de Educação Física que realiza atividades específicas com a turma, porém, durante o período em que a pesquisa foi realizada, não havia este profissional disponível na escola. A professora respondeu a uma entrevista e seus dados serão apresentados mais adiante.

Foi utilizado na pesquisa, o Método Sucupira-Lins (2015), que é um método de pesquisa ação com maior comprometimento, “apropriado para o trabalho com pequenos grupos de crianças e adolescentes e, fundamentalmente, quando as pesquisas são referentes a situações próprias do campo educacional” (SUCUPIRA LINS, 2015, p. 54), enquadrando-se aos critérios da pesquisa realizada.

O Método Sucupira-Lins (2015) é “um método qualitativo de observação focada nos comportamentos, capacidades, habilidades, atitudes, desejos, afetividades, conquistas e falas dos sujeitos, o qual exige uma intervenção contínua do pesquisador” (SUCUPIRA LINS, 2015, p. 54), dando-lhe a oportunidade de observar e auxiliar na transformação dos alunos por intermédio da ação, de maneira a compartilhar valores e auxiliar no desenvolvimento do sujeito.

A intervenção do pesquisador é necessária para a pesquisa e o ponto central do Método Sucupira-Lins é a responsabilidade do pesquisador, que não “pode ser omissa quanto à formação integral da personalidade das crianças e adolescentes” (SUCUPIRA LINS, 2015, p. 57) porque este é o seu papel. Isso permite ao pesquisador fazer não apenas uma observação neutra e silenciosa, porém, ele precisa se envolver no cotidiano escolar, realizando as intervenções necessárias.

5.2 – DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

A pesquisa teve como objetivo estabelecer a possibilidade do ensino/aprendizagem da ética para alunos de uma turma da Educação Infantil, de acordo com o estudo sobre o processo de socialização e a vivência das virtudes. As virtudes desenvolvidas com os alunos foram: amizade, honestidade e justiça. Foi observado como o aluno se desenvolve sobre esta questão, apontando a possibilidade de contribuir com o processo inicial de desenvolvimento do caráter (LICKONA, 2001) na primeira infância.

Maia (2016) aponta o docente como “responsável pela tarefa de ensinar ou, como preferimos dizer, responsável por manter um ambiente suficientemente bom para que seja possível aprender”. Analisamos como os alunos se desenvolvem a partir das influências externas advindas da socialização com outras pessoas, sejam elas funcionários da escola ou demais alunos. É necessário que o professor seja criativo para que a aprendizagem se torne significativa (MAIA, 2016), principalmente na fase que se encontram os sujeitos da pesquisa, por isso os alunos participaram de treze oficinas orientadas pela pesquisadora.

As atividades das oficinas foram: uma música, uma brincadeira, três histórias, três dramatizações, três dinâmicas, além da elaboração de um Sociograma, que teve como intuito conhecer os vínculos afetivos entre os alunos. Fichas investigativas foram preenchidas pelos alunos, antes e depois das oficinas, com o objetivo de se obter informações sobre os conceitos que têm a respeito das virtudes trabalhadas. Estas fichas constituem rico material de informações para a pesquisadora.

Inicialmente foram observadas as atividades das crianças dentro e fora da sala de aula, em diferentes dias da semana e horários alternados, tendo como intuito acompanhar a interação social, segundo a hipótese da pesquisa que a considera como capaz de auxiliar no início do processo de desenvolvimento do caráter da criança.

A observação nas etapas iniciais da pesquisa de campo é um valioso instrumento de investigação. Durante a observação participante, o pesquisador tem a possibilidade de estabelecer uma relação de proximidade e confiança com os alunos e membros da escola, além de ter a chance de se adaptar às situações inesperadas. Na observação participante, “o pesquisador se torna parte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação” (ALVES-MAZZOTTI, 1998, p. 166) dentro do ambiente escolar.

Depois de duas semanas de observação, que possibilitaram o desenvolvimento das práticas mencionadas, foi realizada a primeira atividade com os alunos: coleta de dados

para elaboração do Sociograma. No mesmo dia os alunos preencheram a ficha investigativa sobre a virtude amizade. As fichas investigativas sobre as virtudes honestidade e justiça foram preenchidas num segundo momento. O preenchimento das fichas teve como objetivo saber qual noção do conceito de cada virtude os alunos tinham antes da realização das oficinas.

Depois foram realizadas com os alunos duas dinâmicas, que foram repetidas igualmente ao final da pesquisa. O propósito foi comparar o resultado das dinâmicas e observar se os alunos seriam capazes de demonstrar alguma mudança de atitude, a partir do contato e aprendizagem das virtudes realizados nas demais atividades propostas.

As dinâmicas foram nomeadas e desenvolvidas da seguinte maneira:

a) Dinâmica da Justiça e Amizade – Os alunos foram divididos em duplas e cada dupla recebeu dois recipientes idênticos, um contendo doces e outro vazio. Não era possível identificar pela embalagem qual dos potes continha doces. Todos os alunos deveriam permanecer com o pote fechado até que a pesquisadora autorizasse e então todos abririam os potes juntos.

Havia duas regras: 1) não abrir o pote sem a autorização da pesquisadora; 2) não jogar lixo no chão. Neste momento da aplicação das regras a pesquisadora teve a chance de trabalhar junto com os alunos as virtudes justiça - não jogar papel no chão e honestidade – obedecer as regras.

Essa dinâmica teve como objetivo observar se os alunos têm a capacidade de dividir os doces, por iniciativa própria, com aqueles que não ganharam, identificando assim, se são capazes de agir de forma justa e amiga;

b) Dinâmica da Honestidade – Foram colocados diferentes brinquedos (ioiô, corda de pular, lego, pega-vareta, quadrinho) em uma caixa, de forma que apenas um aluno por vez fosse capaz de escolher um brinquedo sem que ninguém visse qual ou quais ele pegou. Também havia duas regras nessa dinâmica: 1) escolher apenas um brinquedo; 2) não mostrar o que escolheu. A dinâmica objetivou verificar se os alunos seriam capazes de obedecer as regras, sem trapacear, agindo assim de forma honesta.

Além da participação dos alunos, foi realizada uma entrevista com a professora regente da turma, com objetivo de conhecer seu trabalho, suas inquietações e compreensão sobre ética. Na coleta de dados, a entrevista é um dos principais meios disponibilizado ao pesquisador numa abordagem qualitativa. De acordo com Alves-Mazzotti (1998), as entrevistas semiestruturadas possibilitam que se façam perguntas específicas, mas também permitem que a pessoa entrevistada responda com suas próprias palavras. Conforme

Gil (1999), a entrevista não significa ter uma conversa despreziosa e neutra. Este procedimento de obter dados objetivos e subjetivos é característico das entrevistas semiestruturadas. Na entrevista objetivou-se entender se a professora possui conhecimento sobre o conteúdo ético estipulado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) por meio de Tema Transversal.

Depois da observação, o preenchimento das fichas investigativas e realização das dinâmicas, os alunos participaram de oito oficinas direcionadas pela pesquisadora. Dentro da pesquisa empírica, a técnica de oficinas foi escolhida como forma de reunir os alunos em uma aula prática, com intuito de observar o desenvolvimento das virtudes amizade, honestidade e justiça. Segundo Maia et al (2014, p. 53) “o jogo no ambiente escolar propicia a espontaneidade do aprender, facilita a integração e comunicação, criando, inevitavelmente, redes sociais e uma busca por responsabilidade e autonomia”. A oficina possibilita a realização destes objetivos de forma lúdica, que é tão importante quando se trabalha com crianças de cinco e seis anos.

As atividades das oficinas foram: três histórias, três dramatizações, uma música e uma brincadeira, que estão detalhadas a seguir.

As histórias foram contadas utilizando os livros da coleção “O que Cabe no meu Mundo” (TRINDRADE, 2015a; 2015b; 2015c), que possui livros com título: Amizade, Honestidade, Justiça, além de outras virtudes. Foram selecionados os livros com título da virtude trabalhada na pesquisa. O conteúdo apresenta definições sobre a virtude, além de ilustrações de práticas cotidianas que envolvem a vida da criança, realizadas por seres inanimados, representados por animais e o personagem principal das histórias é um Urso, que os alunos deram o nome de Melzinho. Cada dia uma história diferente foi contada pela pesquisadora. Enquanto as histórias eram contadas, os alunos se identificavam com as ações e faziam comentários. A pesquisadora também fazia perguntas, o que possibilitou o enriquecimento da construção de material para a pesquisa.

Depois de cada história contada, no dia que se seguia, foram organizadas dramatizações feitas a partir das histórias dos livros. A turma foi separada em grupos, para que todos pudessem participar de pelo menos uma dramatização. A pesquisadora selecionou os fatos da história que mais chamaram a atenção dos alunos, organizou cada grupo de alunos previamente, para que pudessem fazer uma breve apresentação de teatro aos demais colegas da turma. Tanto os alunos que encenaram, quanto os que assistiam, se identificavam com as cenas e faziam comentários. Os alunos tiveram a oportunidade de aprender sobre as práticas das virtudes.

Num segundo momento, a pesquisadora ensinou uma música aos alunos sobre Amizade. Aprenderam uma coreografia, com intuito de ouvir a letra da música repetidas vezes até saberem cantar. Também assistiram um vídeo animado, que apresentava situações que a música descreve. A letra da música conceitua a amizade e colabora para a aprendizagem de práticas de amizade.

Um amigo é sempre querido, ele tem o seu lugar. A vida sem um amigo seria tão difícil, nem dá pra imaginar. A-M-I-G-O, A-M-I-G-O, Amigo, amigo, A-M-I-G-O. Um amigo é aquele que tem prazer em ajudar, atencioso e alegre, ele vem querendo abençoar. Um amigo é aquele que diz a verdade para mim, mesmo que eu não goste de ouvir, ele me ama e quer me corrigir. Um amigo é aquele que sabe perdoar, ele quer fazer as pazes e continuar a brincar. Um amigo é aquele que escuta o que eu tenho pra falar, ele tem muita paciência, quando eu preciso desabafar.

(Composição: Ana Paula Valadão Bessa)

Também foi realizada uma brincadeira de roda, para a qual os alunos fizeram uma roda sentados no chão. Com intuito de escolher de forma justa qual aluno iniciaria a brincadeira, eles passaram uma bolinha, de mão em mão até a música acabar. O aluno que parou com a bolinha, começou a brincadeira. Um aluno de cada vez, tinha os olhos vendados, enquanto outro colega escolhia com quem deixaria a bolinha e os demais alunos cantavam a música:

Ser honesto, ser amigo e ser justo é muito bom
Sempre falar a verdade e a todos respeitar
Aprendi a não menti e ao amigo ajudar
Quero partilhar minhas coisas e sempre ter com quem contar
(Ao som de ciranda cirandinha)

Em seguida o aluno que escolheu com quem deixar a bolinha, devia ajudar o colega que estava com os olhos vendados a encontra-la, podendo dar dicas ou mesmo leva-lo até a criança com quem estava a bolinha. Esse movimento foi feito até que todas as crianças pudessem participar, sendo vendadas e escolhendo um colega com quem deixar o objeto.

Os resultados desta e das demais atividades desenvolvidas serão detalhados no próximo capítulo.

5.3 – OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

As anotações no diário tiveram início em 13 de setembro de 2017. A professora e os alunos foram observados em atividades, dentro e fora da sala de aula, além da entrada e saída dos alunos na escola e do intervalo para a merenda no refeitório. Esta foi feita por meio da Escuta Sensível (BARBIER, 1985) com intuito de identificar como e se ocorria a aprendizagem das Virtudes e também identificar se havia o conhecimento sobre o Tema Transversal Ética por parte da professora. A partir dessa, intensificou-se o uso do Método Sucupira-Lins (2015) já explicado anteriormente.

Na observação foi possível conhecer a rotina dos alunos na escola. As crianças têm almoço disponível e podem chegar antes do horário do início da aula para almoçar. Na entrada, os alunos formam filas, de meninas e meninos separados no pátio antes de entrarem na sala.

Ao entrar na sala, rotineiramente, a professora repete algumas etapas com as crianças. Para ensiná-los sobre o respeito e ouvir o outro, a professora, juntamente com os alunos, recita o seguinte verso: “voz em silêncio, ouvidos escutando, corpo calmo”, e então os alunos se acalmam. Em seguida, fala sobre o calendário, menciona o dia da semana e o clima. Os alunos cantam músicas do alfabeto, dos números, da primavera e sobre higiene. Depois a professora conta uma história infantil, usando o livro que um dos alunos levou para a aula.

A professora sempre disponibiliza tempo para os alunos brincarem livremente, utilizando jogos que estão na sala de aula. Também há o momento de brincadeiras direcionadas, na maioria das vezes com objetivo de ensinar algo sobre o conteúdo programado. Toda sexta-feira é o “dia do brinquedo”, que os alunos podem levar para a escola.

No horário do recreio, a professora organiza os alunos e pede para pegarem os lanches. As crianças cantam uma oração agradecendo pelo lanche e vão para o refeitório. A professora os acompanha e auxilia aqueles que têm dificuldade. Depois do fim do lanche, os alunos guardam seus pertences na sala de aula e em seguida podem brincar livremente no pátio por 10 minutos, sob a observação de uma inspetora escolar. Esse é o momento de intervalo da professora. Alunos do 4º e 5º período da Educação Infantil (quatro e cinco anos) compartilham o horário do recreio, tanto no refeitório quanto no pátio. Ao retornarem para a sala, os alunos escovam os dentes na pia dentro da sala. Todos

os dias a professora dá alguma atividade em folha para os alunos, podendo ser pintura, desenho livre ou direcionado.

Durante o período inicial da observação feita pela pesquisadora, a professora estava organizando, juntamente com a colega do 4º período, um projeto intitulado “Bolo Fofó”, baseado num livro de mesmo nome. A história conta que alguns animais se organizam para fazer um bolo, diz de onde vêm os alimentos e a tarefa de cada animal na construção do bolo. A partir do tema da história, foi feita a aplicação sobre a importância da tarefa de cada pessoa. Os alunos ensaiaram uma apresentação teatral com os alunos do 4º período, que foi feita para os demais alunos da escola e familiares.

O período da observação dessa pesquisa, antes de iniciar a prática com as oficinas, encerrou-se no dia da apresentação do projeto mencionado. Nesse momento, a professora deu início introduzindo o tema da história, que fala sobre a importância de cada um e a contribuição que cada animal deu para fazer o bolo. Os alunos fizeram a apresentação e a professora concluiu dizendo que “a união faz a força e quando cada um contribui da melhor maneira que pode, é possível fazer muita coisa” (sic professora).

Mesmo durante a observação, a pesquisadora teve oportunidades de lidar com os alunos por meio da intervenção. Conforme o Método Sucupira Lins (SUCUPIRA LINS, 2015) orienta, o pesquisador tem responsabilidade e maior comprometimento com os pesquisandos. Houve uma situação em que o aluno NI, que algumas vezes era excluído das brincadeiras pelos colegas, queixou-se com a pesquisadora, que gostaria de brincar com os colegas e estes não o deixavam participar. A pesquisadora intermediou o conflito, chamando os colegas PE e ME para conversar e pedindo que deixassem o aluno NI brincar com eles, falando sobre a importância de incluírem todos os colegas nas brincadeiras, o que representa a Virtude Amizade.

Em outra situação, a pesquisadora observava alguns alunos que brincavam no pátio sem a supervisão de um funcionário. Um dos alunos falou com a pesquisadora, reclamando que o aluno NI estava brigando com os demais. A pesquisadora conversou com os alunos que estavam brigando, e a situação que foi solucionada. Durante os primeiros dias da pesquisa de campo, enquanto era feita apenas a observação, foi possível colher valiosos dados.

Os dados coletados durante a pesquisa foram agrupados em categorias temáticas e analisados de acordo com a fundamentação teórica de Bardin (2010), o qual permite identificar o significado do conteúdo por meio das inferências. Estas são operações intelectuais, que permitem uma aproximação com a verdade de uma proposição em

decorrência de sua ligação com outras já reconhecidas como verdadeiras. A categorização é a organização de acordo com os conceitos específicos escolhido *a priori* e *a posteriori*. Para um melhor entendimento sobre como funciona o método (BARDIN, 2010), sugerimos pensar em como seria feita uma classificação de botões. Estes podem ser divididos por tamanho, cor, formato, material ou outras características próprias que permitam a separação que conduz à ¹categorização. Da mesma forma são organizados os dados coletados em uma pesquisa, facilitando sua compreensão.

Bardin (2010) construiu o procedimento para análise de conteúdo, que possibilita ao pesquisador partir das inferências e então organizar categorias que levam a uma melhor compreensão dos dados coletados. As categorizações favorecem a reunião de grande número de informações com características semelhantes e esquemas do processo de pesquisa para correlacionar e classificar. Uma categoria pode ser formada *a priori*, ou seja, com sua designação antes da coleta para que os elementos descobertos sejam repartidos da melhor maneira possível para a interpretação e entendimento do que foi pesquisado. Ou podem ser formadas *a posteriori*, o que significa terem surgido depois da avaliação primária dos elementos obtidos. Nesse caso, palavras ou frases e o título só são definidos no final da operação. Na presente pesquisa foram feitas análise e interpretação das informações levantadas na coleta de dados, visando responder às questões inicialmente apresentadas na pesquisa e utilizados conteúdos *a priori*. No decorrer da pesquisa sentiu-se a necessidade de adicionar dados que não haviam sido planejados anteriormente. Estes são classificados como *a posteriori* e serão apontados no texto.

Conforme Bardin (2010), a Análise de Conteúdo é o método das categorias que permite a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem. Nesse sentido, estabelecemos *a priori*, de acordo com o tema dessa pesquisa as categorias das Virtudes Amizade, Honestidade e Justiça. Procurou-se observar a existência de elementos indicadores destas três virtudes, no decorrer das oficinas. Além disso, foi realizada a análise dos dados coletados na entrevista feita com a professora da turma e também com a família.

¹ Explicação frequente, dada pela orientadora Professora Doutora Maria Judith Sucupira da Costa Lins.

Descrição das Oficinas

Antes de iniciar a prática das oficinas, foi feito um Sociograma com intuito de conhecer os vínculos afetivos entre os alunos. Perguntou-se individualmente, aos alunos, quais colegas da turma eles gostariam de escolher para brincar e para estudar. Os alunos poderiam escolher até dois colegas para cada situação, podendo repetir a escolha em cada uma. O resultado, exemplificado no quadro, aponta a quantidade de vezes que cada aluno foi escolhido por um colega como preferência para brincar ou para estudar junto.

Alunos	Brincar	Estudar
AL	1	0
AR	0	2
GU	3	3
IS	5	1
JGA	0	0
JGU	1	0
JF	1	2
JS	5	3
LE	1	1
LU	3	1
MA	3	3
ME	6	5
NA	2	4
NI	0	1
NY	3	3
PE	2	5
VA	2	1
VO	0	0
YA	0	3

Quadro 4 – Sociograma – Fonte: CARDOSO, Bruna

Estão destacados em negrito os resultados de maior e menor valor. Em relação à escolha para brincar, os alunos AR, JGA, NI, VO e YA não foram mencionados. ME foi o aluno mais escolhido para brincar, tendo seis votos. Na escolha para estudar, os alunos

JGA, JGU e VO não foram escolhidos. ME e PE foram os mais escolhidos, tendo cinco votos para cada.

Na contagem final, observa-se que JGA e VO não foram escolhidos por nenhum dos colegas em nenhuma das situações. Durante o período da pesquisa, o aluno JGA faltou a maioria das aulas e talvez por isso os colegas não se lembrassem dele. Este fato pode ter influenciado na não escolha dos colegas, pois não lhes era possível ter oportunidade de interação com JGA. Nos dias em que JGA participou das atividades, foi possível notar a dificuldade de interação que tinha. É fundamental que seja possibilitado à criança a interação social (PIAGET, 1973), que nessa fase já está sendo desenvolvida. Isto é um indicativo da importância da interação entre as crianças, inclusive quanto ao problema central dessa dissertação que é a formação do caráter.

O aluno mais escolhido tanto para brincar quanto para estudar foi ME, que inicialmente teve dificuldade com o aprendizado das virtudes trabalhadas. Foi observado que este aluno possui grande potencial a ser desenvolvido por meio do direcionamento de alguém capaz. Os resultados apresentados ao final da pesquisa mostram a evolução real do aluno ME, o que é sugerido pelo ensino de virtudes proporcionado.

As situações mencionadas dão indícios de que a interação social e o aprendizado das virtudes podem auxiliar no processo de desenvolvimento do caráter de crianças. São práticas de extrema importância que possibilitam uma convivência harmoniosa em sociedade e precisam ser aprendidas desde a infância.

A primeira atividade desenvolvida pela pesquisadora foi uma dinâmica, com intuito de proporcionar aos alunos a prática das virtudes Amizade e Justiça. Essa prática é de extrema importância (ARISTÓTELES, 2007, séc. IV a.C.) para que as virtudes se tornem *habitus* da pessoa. Tivemos o objetivo de observar se os alunos já mostravam algum comportamento identificador de virtudes. A dinâmica, exigia que os alunos fossem divididos em duplas. Como havia treze alunos da turma presentes nesse dia, a pesquisadora pediu a professora do quarto período se poderia deixar um aluno da sua turma participar da dinâmica. Ela permitiu. Os alunos foram organizados em fila e duplas, sentados em cadeiras. Foram entregues caixinhas idênticas aos alunos, conforme mostrado na Figura 2. Cada dupla recebia uma caixinha azul escura com doces e outra igual, mas vazia. A pesquisadora explicou as regras. Regra número 1: esperar todos receberem autorização para abrir; Regra número 2: jogar o papel no lixo. As regras da dinâmica foram pensadas para colaborar com o desenvolvimento das virtudes trabalhadas.



Figura 2 - Dinâmica da Amizade e Justiça 1

Depois de receberem as caixinhas e ouvirem as regras, os alunos foram instruídos a fazer o que quisessem. Foi feita uma ressalva ao se dizer que por estarem em duplas, deveriam fazer as coisas juntos. Ao abrirem as caixinhas, alguns alunos que receberam as vazias, demonstraram decepção. Houve até um aluno que chorou. A pesquisadora perguntou: “o que vocês podem fazer agora? A aluna JS disse: “dividir!”. Diante da atitude desta aluna, outros alunos começaram a dividir os doces enfatizando a exemplaridade, pois segundo Achtman (2017), os exemplos éticos podem ser um excelente ponto de partida para estudar e ensinar ética. O comportamento de cada aluno está especificado no quadro a seguir:

Dinâmica da Amizade e Justiça		
Duplas		Resultado
Pote Cheio	Pote Vazio	
NY	JF	NY teve iniciativa de dividir igual - 3 doces para cada
JS	IS	JS teve iniciativa de dividir igual - 3 doces para cada
LU	JGU	LU teve iniciativa de dividir igual - 3 doces para cada
AR	PE	AR teve iniciativa de dividir igual - 3 doces para cada
ME	ALX*	ME deu apenas 1 para ALX
MN**	NA	MN deu 2 para NA
MA	AL	MA quis dividir igual, mas AL quis apenas 1 doce

Quadro 5 – Dinâmica da Amizade e Justiça 1 – Fonte: CARDOSO, Bruna

*ALX - aluno que participou apenas desta dinâmica, pois logo em seguida mudou-se para outra escola.

**MN foi a aluna do 4º período que participou da dinâmica.

As caixinhas continham doces em quantidade par, justamente para facilitar uma divisão justa sem ter que parti-los. Nessa dinâmica os alunos tiveram a oportunidade de exercer as virtudes Justiça e Amizade. Observa-se que os alunos ME e MN tiveram mais dificuldade em dividir os doces que receberam com aqueles que não ganharam nada. Nota-se que a aluna AL demonstrou contrariedade ao receber a caixinha vazia. Pelo fato

de não ter recebido a caixinha cheia, ela se recusou a aceitar os doces que o colega MA insistentemente quis dividir com ela.

Em seguida a pesquisadora explicou os conceitos das Virtudes Amizade e Justiça em linguagem adequada à compreensão (PIAGET, 2013). Disse aos alunos que dividir os doces igualmente com o colega é ser justo e amigo. Enquanto a pesquisadora explicava, o aluno ME, que deu apenas um doce para a sua dupla, não prestava atenção. Conversava e virava-se para trás demonstrando não querer ouvir a explicação. A pesquisadora precisou chamar sua atenção diversas vezes. Ao perceber que não havia dividido os doces que recebeu, como a maioria dos colegas, o aluno ME disse à pesquisadora que não havia ganho doces e por isso não os dividiu. A pesquisadora disse ao aluno que não é certo mentir, pois não é honesto e que ele poderia ainda dividir os doces com sua dupla, porém ME havia comido todos os doces antes da explicação.

A segunda atividade foi a dinâmica da Honestidade. Foi colocada na frente dos alunos uma caixa com diferentes brindes, de modo que não era possível visualizá-los, conforme ilustra a Figura 3. A pesquisadora explicou as regras aos alunos. Regra número 1: cada aluno poderia pegar apenas um brinde; Regra número 2: somente o aluno poderia ver o brinde que escolheu para si, não sendo permitido aos colegas e à pesquisadora vê-los. Foram sorteados os nomes dos alunos, para que fosse justa a escolha. Havia trezes alunos na sala e vinte e quatro brindes na caixa, conforme Figura 4.



Figura 3 - Dinâmica da Honestidade 1



Figura 4 – Caixa da Dinâmica da Honestidade

O resultado da dinâmica está exemplificado no quadro abaixo:

Brindes Disponíveis	Alunos Participantes	Brindes que deveriam ter sobrado	Brindes que sobraram	Déficit de Brindes
24	13	11	9	2

Quadro 6 – Resultado da Honestidade 1 – Fonte: CARDOSO, Bruna

Treze alunos participaram da dinâmica e por isso deviam sobrar onze brindes. No entanto, foi verificado que somente nove brindes sobraram: isso corresponde ao déficit de dois brindes, indicando que alguém tirou mais de um brinde. Faltaram dois brindes na contagem final mostrando que um ou dois alunos desobedeceram a Regra número 1, pegando mais de um brinde. Com isso não exercitaram a virtude Honestidade. Houve trapaça. A pesquisadora não sabia qual ou quais alunos haviam desrespeitado a regra principal, fato que foi exposto posteriormente pelo próprio aluno e que será apresentado mais à frente. Já a regra número 2 foi respeitada por todos os alunos.

A listagem dos brindes disponíveis e dos que sobraram pode ser vista no quadro:

Brindes Disponíveis		Brindes que Sobraram	
1	jogo de letrinha	1	jogo de lego azul
1	jogo de lego azul	1	corda de pular
1	Mola	2	jogo de lego colorido
3	corda de pular	3	pega vareta
3	Girocoptero	2	Ioiô
3	quadro para desenhar	Total	9
3	jogo de lego colorido		
4	pega vareta		
5	Ioiô		
Total	24		

Quadro 7 – Brindes da Dinâmica da Honestidade 1 – Fonte: CARDOSO, Bruna

Depois da dinâmica da Honestidade, a pesquisadora explicou aos alunos o conceito desta virtude. Disse que a maioria respeitou as regras e parabenizou os que pegaram apenas um brinquedo na caixa, conforme a regra do jogo, e foi honesto.

Como já mencionado, essas duas dinâmicas foram atividades introdutórias, que tiveram como objetivo identificar se os alunos já desenvolviam práticas relacionadas às

virtudes trabalhadas. Foram repetidas as mesmas dinâmicas para comparação em relação à postura dos alunos no início da pesquisa e no final da mesma.

A primeira oficina foi a contação de uma história intitulada “Justiça” (TRINDADE, 2015c) do livro da coleção “O que cabe no meu mundo”, que apresenta definições sobre a virtude Justiça. As imagens ilustram situações do dia a dia e podem ser imitadas pelas crianças, possibilitando assim a prática desta virtude.

Os alunos sentaram no chão em roda e a pesquisadora iniciou a história que fala o seguinte: “Justiça é a virtude de fazer as coisas da maneira correta” (TRINDADE, 2015c, p.3), essa cena fala sobre a importância de partilhar. A pesquisadora explicou que o personagem dividiu e que isso é ser justo. O aluno VI disse: “isso é que ele não é egoísta”. A pesquisadora lembrou aos alunos sobre a dinâmica que haviam feito, na qual houve a oportunidade de dividir os doces com os amigos. Elogiou os alunos que dividiram igual, dizendo-lhes que foram justos (ARISTÓTELES, 2007). Outra fala do livro: “Ser justo é agir de acordo com as regras. É buscar atingir os objetivos fazendo o que é certo” (TRINDADE, 2015c, p. 4-5). A cena demonstra a importância de cumprir as regras. A pesquisadora falou para os alunos que obedecer à professora é justo. Alguns alunos disseram que obedecem. O aluno MA disse: “eu obedeco” e a aluna JF: “na escola não”. A quem não obedece, a pesquisadora disse que deve fazer diferente e passar a obedecer. O aluno MA disse: “O NI sempre fala e não faz”. A pesquisadora disse que agora ele fará diferente e quem não obedece passará a obedecer.

Outra citação do livro: “Quando somos justos temos o respeito e a admiração de todos” (TRINDADE, 2015c, p.7). A pesquisadora explicou que ao sermos justos, as pessoas querem ficar perto de nós e que precisamos nos esforçar para ser justos. A aluna JS disse: “eu não consigo ser amiga da AL. Ninguém consegue”. A aluna JF disse: “eu também não consigo ser amiga da AL, porque ela fica empurrando”. A pesquisadora então reforçou a importância de dar atenção aos amigos e respeitar a todos. O aluno PE disse: “mas eu não consigo ser amigo do NI”. Pesquisadora: “mas vamos nos esforçar para conseguir”. YA disse: “eu não consigo ser amiga do NI, porque a minha mãe disse que eu tenho que ficar longe dele”. A fala da aluna denuncia um fato, comentado pela orientadora educacional, de que muitos pais veem o aluno NI como uma ameaça aos seus filhos. Apesar de se mostrar uma criança agitada que não é capaz de acatar um não, NI necessita de regras e do direcionamento de uma pessoa capaz de ensiná-lo. Como já mencionado, os alunos estão na fase da “heteronomia” (PIAGET, 1994) e são capazes de compreender e cumprir as regras morais que lhes são dadas pelos outros

Ao ouvir os comentários dos colegas, o aluno NI ficou muito triste. A pesquisadora disse: “ele agora vai ficar calmo, vai ser amigo de todo mundo, vai obedecer e todos serão amigos dele”. Então o aluno ME disse: “eu consigo ser amigo dele”. A pesquisadora elogiou a fala de ME e o parabenizou. Logo outros alunos disseram que também querem ser amigos de NI. Os alunos MA e JF abraçaram NI e ele ficou extremamente feliz com o gesto de carinho e amizade expresso pelos colegas. Nota-se a importância da afirmação positiva (PIAGET, 2014) por meio de elogios, pois os alunos tendem a mudar o comportamento a partir do que ouvem. Há também uma influência positiva da interação social (PIAGET, 2014; 1973), visto que a atitude de afeto dos colegas com NI foi capaz de modificar seu comportamento naquele momento.

A próxima cena diz: “É justo reconhecer nossos erros, mesmo que isso nos traga algum prejuízo” (TRINDADE, 2015c, p. 8). O desenho mostra o personagem reconhecendo ter quebrado um objeto e se desculpando para sua mãe. A pesquisadora falou sobre a importância de sempre falar a verdade, mesmo que eles possam ser castigados por isso. Os alunos fizeram comentários sobre situações nas quais fizeram algo errado e se contaram ou não para seus pais.

A segunda oficina foi uma encenação feita pelos próprios alunos. Foi elaborada a partir das situações descritas no livro “Justiça”, com intuito dos alunos registrarem o que aprenderam com a história. Os alunos foram divididos para que pudessem participar de alguma das encenações que seriam realizadas durante toda a pesquisa. Cinco alunos se voluntariaram para participar desta encenação.

A pesquisadora levou os cinco alunos para o pátio, afim de fazer um breve ensaio com eles. No teatro foi contada a seguinte história, criada pela pesquisadora:

Encenação da Justiça

Narrador – A professora da turma disse aos alunos que poderiam levar seus brinquedos para a escola apenas em um dia da semana, então ela disse que a sexta-feira seria o dia do brinquedo!! O aluno A ganhou um presente novo no domingo e estava doido para mostrar aos amigos da escola. Ele queria muito levar na segunda-feira, mas ele pensou que não era justo desobedecer o que a professora havia falado. Então, ele esperou chegar o dia do brinquedo e levou seu brinquedo novo para

mostrar e brincar com seus amigos. A deu razão a professora, pois ela merece respeito.

- Um dia B levou um saco de balas para a escola e ele queria comer tudo sozinho, mas ele sabe que ser justo é dividir com aqueles que não tem, então ele dividiu as balas com todos os amigos da sua turma. Seus amigos ficaram muito felizes, pois todos puderam comer juntos. Depois de comerem as balas, C jogou vários papéis no chão da sala! Mas D disse para não fazer isso, pois não é justo alguém ter que pegar os papéis que ela jogou no chão, o justo é que cada um jogue fora seu próprio lixo.

As letras A, B, C e D foram usadas para substituir os nomes dos personagens da peça, que eram os próprios alunos. A pesquisadora levou óculos, um jogo e um saco de balas para compor a peça de teatro. Quatro alunos se voluntariaram para a encenação e os demais ficaram muito atentos e aplaudiram os colegas. Nesse dia todos os alunos da turma aprenderam lições sobre justiça e como ser justo.

A terceira oficina foi a contação da história “Amizade” (TRINDADE, 2015a), da mesma coleção de livros mencionado anteriormente com a mesma proposta. Antes de iniciar a história, o aluno NI disse à pesquisadora: “tia, eu não quero ouvir a história hoje”. Ela conversou com o aluno dizendo que seria uma história muito legal sobre amizade. O aluno NI estava ainda triste com os comentários feitos pelos colegas durante a contação da última história e provavelmente por esse motivo não estava sentindo a vontade de ouvir outra história. O mesmo aluno que não queria ouvir a história, ficou muito concentrado e prestou a atenção. Ao terminar a história, a pesquisadora falou sobre a importância de ajudar o amigo e de ouvir o que o outro tem a dizer. Também fez perguntas aos alunos sobre o que entenderam sobre a história. O aluno PE disse: “foi que tem que ajudar o amigo quando ele cai” (sic).

A oficina de número 4 teve como proposta fazer uma encenação baseada na história contada anteriormente sobre a Virtude Amizade. Quase todos os alunos queriam participar da encenação. Dentre os que não haviam sido atores, sete se voluntariaram.

O teatro contou a história abaixo, criada pela pesquisadora, que lia a história, enquanto os alunos encenavam:

Encenação sobre Amizade

Narrador – A, B, C, D, E e F estudam na mesma turma a muito tempo, eles são muito amigos e sempre ajudam um ao outro: na hora de fazer as atividades na sala de aula, ensinando um jogo novo, ouvindo as histórias um do outro. Eles sempre se divertem muito!!

- Um dia a professora ensinou uma brincadeira nova para a turma, mas A não estava conseguindo aprender e B a ensinou com muita paciência. A ficou muito contente e agradeceu abraçando sua amiga B.

- Para participar da nova brincadeira todos os alunos deviam ficar na fila, um atrás do outro. De repente C tropeçou, caiu e começou a chorar. D e E correram para ajudar o amigo C a se levantar. C ficou muito feliz por ter recebido ajuda dos seus amigos, parou de chorar e voltou a brincar.

- Eles se divertiram muito aquele dia aprendendo uma brincadeira nova, mas alguma coisa estava errada, pois F não estava muito feliz. Então seus amigos A, B, C, D e E foram conversar com ele e perguntar o que estava acontecendo. F contou que estava muito triste aquele dia, porque seu cachorrinho havia morrido. Seus amigos ouviram sua história e sobre como ela estava sofrendo com o que havia acontecido. Depois de contar a história, todos os amigos de F o abraçaram e chamaram para brincar de novo. Ele ficou muito feliz, pois sabia que tinha amigos com quem podia contar e se alegrar. F foi brincar novamente com seus amigos e dessa vez, estava muito animado e feliz!!

- Ser amigo e ser justo também é compartilhar com os amigos o que temos, por isso B levou pirulitos para dividir com os amigos da turma.

As letras A, B, C, D, E e F foram usadas para substituir os nomes dos personagens do teatro, que são os alunos. A pesquisadora levou óculos e um saco de pirulitos para

compor o teatro. Os alunos apresentaram a encenação e os demais ficaram atentos e aplaudiram seus colegas como anteriormente.

Na quinta oficina foi passado um vídeo com animações da música sobre a virtude Amizade, já descrita anteriormente. Além disso, a pesquisadora ensaiou uma coreografia desta música com os alunos, que foi apresentada aos alunos do 4º período.

A pesquisadora relembrou junto com os alunos a história sobre Amizade que tinham ouvido e falou sobre a proposta que teriam para este dia. Os alunos ficaram animados em saber que aprenderiam uma música. Eles assistiram ao vídeo da música e depois ensaiaram uma coreografia. A música fala sobre como seria difícil a vida sem um amigo e a pesquisadora falou sobre isso com os alunos. A aluna NA disse: “Não ia ter ninguém para brincar. Como eu ia brincar de pega-pega se eu não tivesse um amigo. Ia ser muito ruim”. A pesquisadora então falou sobre a importância de ter amigos.

A sexta oficina foi a última contação de história sobre a Virtude Honestidade (TRINDADE, 2015b) do livro da coleção “O que Cabe no Meu Mundo”. A história inicia com a seguinte afirmativa: “Honestidade é a qualidade de quem não engana e não mente” (TRINDADE, 2015b, p. 2). Ao ouvir essa frase, a aluna JF aponta para a aluna VA e diz: “ela as vezes engana. Ela diz que é irmã da JS”. A pesquisadora diz aos alunos que não é certo enganar às pessoas. Continuou contando a história: “quando estou jogando sou honesto e não gosto de trapacear”, a pesquisadora comenta: “tem gente que as vezes quando está jogando gosta de trapacear”. AL diz: “eu gosto” e a pesquisadora explica que não é correto fazer isso. VI diz: “tia, trapacear é roubar”. O aluno MA: “quando eu jogo um jogo eu nunca roubo”. A pesquisadora elogia o aluno por sua atitude. NY diz que o aluno NI sempre “rouba a regra quando estão jogando” e a pesquisadora explica que isso não é certo.

A história continua dizendo que o personagem jogou uma bola e quebrou um vidro sem querer, então a pesquisadora fala sobre a importância de falar a verdade. O aluno MA diz: “não pode falar mentira, porque se não a mãe sabe e bate”. YA diz: “a tia pergunta quem fez isso e o NI diz que foi o MA”. A pesquisadora fala que sempre devemos dizer a verdade. A história continua: “ser honesto é devolver o troco que te deram a mais e achar um objeto e devolve-lo” (TRINDADE, 2015b, p. 8-9). A pesquisadora pergunta aos alunos se está certo encontrar algo no chão e levar pra casa e os alunos dizem que não. NI diz: “O convite da YA caiu no chão e a AL roubou, ela guardou na mochila dela e não falou nada. Aí a YA contou pra tia”. A pesquisadora disse que ela não irá mais fazer isso, direcionando-se à aluna. O aluno VO diz: “se alguém achar dez reais no chão tem que

falar de quem é”, “pois se não falar é roubo” completou o aluno MA. A pesquisadora concordou com os alunos e os elogiou.

A história do livro também menciona a importância de falar a verdade e a alegria que sentimos em fazer a coisa certa. O texto diz: “as vezes nós temos medo de dizer a verdade” (TRINDADE, 2015b, p. 12). AL diz: “eu tenho”. A aluna JF: “as vezes eu minto pra minha mãe”. A pesquisadora fala sobre os prejuízos de não falar a verdade. Ao terminar a história, a pesquisadora pergunta aos alunos o que eles aprenderam. Eles disseram: “a falar a verdade”; “não pode mentir”; “é feio mentir”; “devolver o que achar no chão e não é nosso”.

Nota-se pelos comentários, agora espontâneos, feitos pelos alunos, que eles se sentem mais à vontade com a pesquisadora. Revela também a capacidade que têm de entender as regras impostas (PIAGET, 1984; 1972), além de serem capazes de cumpri-las.

A oficina de número 6 foi também a última das encenações, que teve como tema a Virtude Honestidade, inspirada na história contada anteriormente. Foram escolhidos os alunos que ainda não haviam participado da encenação. Este grupo saiu da sala acompanhado pela pesquisadora para ensaiar e em seguida apresentar aos demais alunos.

Encenação da Honestidade

Narrador - A, B e C estudam na mesma turma e gostam muito de brincar.

- Em um dia de aula, a professora levou para a escola um brinquedo novinho que todos poderiam brincar juntos. A professora disse aos alunos para tomarem muito cuidado, pois aquele brinquedo novo poderia quebrar.

- As crianças ficaram muito animadas com a novidade e todos queriam brincar, quando A foi usar o brinquedo novo, aconteceu uma coisa: Ele quebrou!!! A professora não viu o que havia acontecido, mas A mesmo sabendo que poderia levar uma bronca, foi logo contar para a professora o que tinha acontecido. Ele se desculpou e a professora entendeu que ele não tinha feito de propósito e aceitou suas desculpas.

- Nesse mesmo dia, B encontrou um lápis colorido caído no chão da sala. Era exatamente o lápis rosa que ela queria ter e ela sentiu muita vontade de colocar o lápis dentro do seu estojo, afinal não sabia de quem era o lápis. Mas B pensou que não era certo fazer aquilo, pois ser honesto é devolver aquilo que não é nosso. Ela perguntou a todos os alunos quem era o dono do lápis, até que finalmente descobriu que o lápis pertencia a C que ficou muito feliz de ter encontrado seu lápis favorito que estava perdido. Ela agradeceu muito sua amiga B por tê-lo devolvido.

Durante essa oficina, os alunos tiveram a oportunidade de aprender sobre práticas da virtude Honestidade. A pesquisadora conversou com os alunos sobre o tema.

A sétima e última oficina consistiu na realização de uma brincadeira que pudesse possibilitar aos alunos a prática das virtudes Amizade, Honestidade e Justiça. A pesquisadora explicou a brincadeira aos alunos. Eles deviam fazer uma roda sentados no chão. Enquanto cantavam a música ensinada pela pesquisadora, deviam passar uma bolinha de mão em mão até a música acabar. Quem parar com a bolinha, começa a brincadeira. A música é a seguinte:

Ser honesto, ser amigo e ser justo é muito bom
Sempre falar a verdade e a todos respeitar
Aprendi a não mentir e ao amigo ajudar
Quero partilhar minhas coisas e sempre ter com quem contar
(Ao som de ciranda cirandinha)

Dois alunos iniciaram a brincadeira. Um deles foi vendado e o outro escolheu com quem deixar a bolinha enquanto os demais alunos cantavam a música. Em seguida o aluno que escolheu com quem deixar a bolinha, devia ajudar o amigo que estava com os olhos vendados a encontrá-la, podendo falar, dando dicas ou mesmo levar o colega à criança que estava com a bolinha. Esse movimento foi feito até que todas as crianças pudessem participar.

A brincadeira possibilitou aos alunos a prática das virtudes: a) amizade – os alunos eram incentivados a ajudar o colega que estava com os olhos vendados a encontrar o objetivo, exercendo assim, a prática da virtude amizade; b) honestidade – a regra dizia que não poderiam olhar quem estava recebendo o objeto, e foram incentivados pela pesquisadora a obedecer a regra, exercitando assim a honestidade; c) justiça – a forma de

iniciar a brincadeira foi feita com critério. Os alunos precisaram esperar a sua vez, respeitando as regras, eles praticaram a justiça.

Depois da realização de todas as oficinas, as dinâmicas aplicadas no início foram repetidas e as fichas investigativas de cada virtude foram preenchidas novamente. A intenção foi verificar se os alunos foram capazes de entender os conceitos das virtudes e se os praticaram. Antes de iniciar a dinâmica, a pesquisadora perguntou aos alunos se eles lembravam as palavras que aprenderam. Logo disseram: “justiça, amizade e honestidade”. Neste dia, foi aplicada a dinâmica da Amizade e Justiça, por isso a pesquisadora perguntou aos alunos o que entendiam sobre o conceito dessas virtudes.

Sobre ser amigo os alunos apresentaram as seguintes definições: JGU: “dividir”; VI: “não pode brigar e quando o amigo tá brincando, não pode pegar da mão do outro”; JGU: “quando a gente ta com um carrinho e o outro quer, a gente acaba de brincar e dá pro outro” NY: “não bater”; PE: “ser amigo”; JF: “quando um amigo cai o outro ajuda.

Em seguida os alunos foram organizados em duplas e enfileirados para poderem iniciar a dinâmica. As regras foram explicadas novamente. Regra nº1 - não pode jogar papel no chão; Regra nº2 - só podem abrir as embalagens juntos.

Dessa vez, com intuito de aumentar a complexidade da dinâmica e incentivar os alunos a dividirem com igualdade os doces que receberam, foram colocados em algumas caixinhas, cinco doces e não mais seis, como feito na primeira dinâmica.

Catorze alunos participaram desta dinâmica, sete receberam as caixinhas cheias e outras sete, vazias. Depois de receberem as caixinhas, tiveram autorização da pesquisadora para abrir, a maioria dos alunos imediatamente começam a dividir os doces. Depois de dar dois doces para sua dupla e ficar com outros dois, o aluno MA perguntou à pesquisadora o que deveria fazer com o doce que sobrou, perguntou se poderia jogar no lixo. A pesquisadora disse que não precisava jogar fora e perguntou se era possível dividir um, ele disse que sim que era só partir ao meio e foi o que fez. A pesquisadora disse aos demais alunos o que o aluno MA fez e os incentivou a fazer o mesmo.

É possível ver o resultado desta dinâmica no quadro a seguir:

Dinâmica da Amizade e Justiça		
Os alunos receberam 5 doces		
Pote Cheio	Pote Vazio	Resultado
LU	JGA	LU teve iniciativa de dividir igual - 2 ½ para cada
GU	PE	GU teve iniciativa de dividir igual - 2 ½ para cada
VO	JF	VO teve iniciativa de dividir igual - 2 ½ para cada
YA	LE	YA teve iniciativa de dividir igual - 2 ½ para cada
MA	ME	MA teve iniciativa de dividir igual - 2 ½ para cada
AR	NY	AR deu 3 para NY
VA	NA	VA deu 2 para NA

Quadro 8 – Resultado da Dinâmica da Amizade e Justiça 2 – Fonte: CARDOSO, Bruna

Depois de anotar o resultado das divisões feitas pelos alunos, a pesquisadora deu a oportunidade aos que tinham recebido a caixinha vazia de também colocar em prática as virtudes Amizade e Justiça. Estes receberam dois doces para que pudessem decidir o que fazer. O resultado pode ser visto no quadro abaixo:

Dinâmica da Amizade e Justiça		
Os alunos receberam 2 Doces		
Recebeu doces	Não recebeu doces	Resultado
JGA	LU	JGA teve a iniciativa de dividir igual - 1 para cada
PE	GU	PE teve a iniciativa de dividir igual - 1 para cada
JF	VO	JF teve a iniciativa de dividir igual - 1 para cada
LE	YA	LE teve a iniciativa de dividir igual - 1 para cada
NY	AR	NY teve a iniciativa de dividir igual - 1 para cada
NA	VA	NA não dividiu
ME	MA	ME não dividiu

Quadro 9 – Segundo resultado da Dinâmica da Amizade e Justiça 2 – Fonte: CARDOSO, Bruna

Ao terminar a dinâmica, a pesquisadora parabenizou os alunos que dividiram o que ganharam e deu parabéns em especial ao aluno AR que deu três doces para a sua dupla e ficou com uma quantidade menor para si.

A aluna NA disse que não dividiu porque esqueceu. A pesquisadora lhe disse que tiveram tempo para dividir e que havia sido explicado. É possível perceber na fala da aluna que a mesma quis justificar sua atitude, pois os demais alunos que dividiram foram elogiados pela pesquisadora.

A pesquisadora perguntou à dupla ME e MA como havia sido feita a divisão da segunda vez. ME não quis responder e o aluno MA disse que não gosta muito desse doce e que por isso não quis. Esta dupla tem um vínculo de amizade. Nota-se que o aluno MA

quis defender o amigo ME e esconde o erro dele, pois a pesquisadora o viu pedindo um doce para o amigo que não quis dar. Segundo Aristóteles “a forma mais elevada de justiça parece conter um elemento de amizade” (2007, p. 236) que foi visto nessa situação.

A pesquisadora conversou com o aluno ME sobre a importância de dividir, perguntando a ele se ele havia ficado feliz quando o seu amigo havia dividido o que ganhou, ele afirmou que sim. A pesquisadora lhe disse que mesmo que o amigo não quisesse o doce, deveria oferecer e repartir, pois isto é muito importante. Apesar do aluno ME não ter dividido os doces com sua dupla, observa-se a prática de amizade por parte do outro aluno que o defendeu.

Antes de dar início à dinâmica da Honestidade, a pesquisadora perguntou aos alunos o que significa essa palavra. GU disse: “é não mentir”. A pesquisadora lembrou a dinâmica desta virtude que haviam feito e perguntou aos alunos se obedecer as regras é ser honesto.

O aluno ME disse: “tia, eu peguei três brinquedos da outra vez que teve a brincadeira”. A pesquisadora falou para o aluno ME que ele teria uma nova chance de obedecer as regras. Observa-se uma evolução na postura do aluno ME, pois sem ser perguntado, reconheceu espontaneamente o erro cometido na dinâmica anterior, assumindo falta de virtude.

A pesquisadora também falou para toda a turma que quem desobedeceu a regra e pegou mais de um brinquedo, não foi honesto. Parabenizou quem obedeceu disse que haveria nova chance para os outros que poderiam ganhar assim uma recompensa no final da aula.

A pesquisadora iniciou a dinâmica, dizendo aos alunos que para ser justo, ela faria o sorteio dos nomes para decidir a ordem que pegariam os brinquedos. Regras da dinâmica: 1ª - pegar apenas um brinde; 2ª – ninguém pode ver o que o outro pegou. Todos os alunos presentes participaram da dinâmica. Quando o aluno ME foi pegar o seu brinquedo, o aluno PE disse que viu ele pegando mais de um brinquedo, a pesquisadora disse que uma das regras era não olhar o que o amigo estava pegando. PE demonstrou extrema chateação com o ocorrido e falou para a pesquisadora que devia olhar que ME havia pegado mais brindes que o permitido. A pesquisadora disse que depois que todos pegassem verificaria. PE ficou aborrecido e sentou no chão chorando pelo fato do aluno ME ter pegado mais brindes.

O resultado da dinâmica está exemplificado no quadro:

Brindes Disponíveis	Alunos Participantes	Brindes que deveriam ter sobrado	Brindes que sobraram	Déficit de Brindes
30	14	16	15	1

Quadro 10 – Resultado da Dinâmica da Honestidade 2 – Fonte: CARDOSO, Bruna

Ao terminar a dinâmica foi constatado que algum aluno havia pegado dois brindes. A pesquisadora disse aos alunos: “Quero dar os parabéns a todos os alunos que obedeceram as regras e pegaram apenas um brinde. Todos que fizeram isso irão ganhar um pirulito de brinde no final da aula. Porém, verifiquei que algum aluno pegou dois brindes e gostaria de dar a ele a chance de dizer quem foi, devolver um brinde e pedir desculpas”. O aluno ME disse: “tia, fui eu, me desculpe” e devolveu um dos brindes para a caixa. A pesquisadora parabenizou o aluno ME pela atitude e disse que infelizmente ele não poderia ganhar a recompensa prometida, pois fazia parte das regras dadas no início.

Abaixo pode se ver a lista de brindes disponíveis e os que sobraram

Brindes Disponíveis	
1	jogo de lego azul
6	Mola
7	corda de pular
5	Girocoptero
4	quadro para desenhar
2	jogo de lego colorido
3	pega vareta
2	Ioiô
Total	30

Brindes que Sobraram	
1	jogo de lego azul
3	Mola
6	corda de pular
2	jogo de lego colorido
2*	pega vareta
1	Ioiô
Total	15

*brinde devolvido pelo aluno ME

Quadro 11 – Brindes da Dinâmica da Honestidade 2 – Fonte: CARDOSO, Bruna

Em seguida os alunos preencheram as fichas investigativas e depois puderam brincar com os brindes que haviam recebido. Ao final da aula a pesquisadora entregou um pirulito a cada aluno que obedeceu a regras da dinâmica e disse individualmente: “Parabéns por ter obedecido a regra e ter sido honesto”. O aluno ME perguntou se ele não iria ganhar o pirulito e a pesquisadora disse: “A regra dizia que ganharia uma recompensa quem obedecesse. Eu até gostaria de te dar um pirulito, mas não é justo eu desrespeitar

as regras”. Ele entendeu e a pesquisadora disse a todos da turma que não era um castigo para ME, mas sim uma recompensa para os demais.

Ao perceber que o aluno ME demonstrou interesse em obedecer às regras dadas na dinâmica, mesmo sem tê-las respeitado anteriormente, a pesquisadora disse ao aluno que teria uma nova chance. Decidiu apresentar nova ficha investigativa, outra dinâmica, e questionário para investigar a realidade familiar dos alunos, porque o aluno ME não foi capaz de obedecer as regras. Com esse material, alguns dos conflitos do aluno ME foram identificados e são detalhados mais adiante. Observe-se a seguir a nova dinâmica e os resultados:

Uma ficha investigativa com o título “Eu e minha Família” foi apresentada a todos os alunos. A intenção foi conhecer a realidade familiar dos alunos. Na ficha os alunos deviam desenhar o tem “com quem eu moro”. Ao entregarem os desenhos, cada aluno tinha a chance de comentar sobre sua família, o que foi anotado na ficha. Além da ficha investigativa, foi elaborado um questionário sócio cultural com o objetivo de comparar as respostas dos alunos com as dos pais. Os dados de ambos estão detalhados no próximo tópico.

A nova dinâmica foi da Honestidade e consistiu em dar oportunidade aos alunos de desenvolver esta virtude. Um pote cheio de jujubas que estavam previamente contadas foi colocado diante dos alunos. Os alunos que terminassem de preencher a ficha investigativa, poderiam pegar apenas quatro jujubas, sem que ninguém pudesse vê-los pegando as balas. Todos os alunos que respeitassem a regra, ganhariam uma recompensa ao final da aula. Os alunos não sabiam que as jujubas haviam sido contadas. Isto poderia ter influenciado os alunos a pegarem mais que o permitido, por acharem que ninguém saberia se o fizessem.

Depois que todos os alunos preencheram as fichas e pegaram as jujubas, a pesquisadora contou e verificou que havia a mesma quantidade de jujubas. Todos os alunos respeitaram a regra e ganharam como recompensa mais duas jujubas. Veja-se o resultado no quadro:

Jujubas Disponíveis	Alunos Participantes	Jujubas que deveriam ter sobrado	Jujubas que sobraram	Déficit de Jujubas
65	10	25	25	0

Quadro 12 – Resultado da Dinâmica da Honestidade 3 – Fonte: CARDOSO, Bruna

Houve um avanço quanto ao exercício da virtude dos alunos no decorrer das atividades desenvolvidas. Em relação a essa dinâmica, na primeira vez que foi aplicada, houve um déficit de dois brindes, na segunda de um brinde e na terceira e última o déficit foi zero. Isso mostra ser possível ensinar, por meio da prática, virtudes aos alunos (SUCUPIRA LINS, 2004), diferentemente de Aristóteles (2007) que pensava na prática, mas não no ensino. A prática das virtudes colabora com o processo de desenvolvimento do caráter da criança (LIKONA, 2015), que tem início na primeira infância (ERIKSON, 1976), fase em que estão os alunos pesquisados.

Destaca-se a atitude do aluno ME, que teve inicialmente dificuldade em respeitar as regras nas outras atividades. Dessa vez, o aluno ME foi capaz de respeitá-las e demonstrou grande alegria ao receber elogios e também uma recompensa, por ter sido capaz de vivenciar as Virtudes trabalhadas. O aluno ME praticou a virtude.

Ao término das atividades e depois de ter todos os dados coletados, foram feitas análises, por meio de incidências (BARDIN, 2010) das palavras que mais apareceram nas descrições feitas pelos alunos ao preencherem as fichas investigativas antes e depois das oficinas.

Destacam-se nas tabelas abaixo as principais palavras mencionadas pelos alunos no preenchimento das fichas investigativas referentes as categorias *a priori*. A intenção foi compreender como os alunos entendiam cada uma das virtudes antes e depois da realização das oficinas. Na parte superior das tabelas estão listadas a quantidade de crianças que preencheram as fichas investigativas e os principais conceitos de virtudes por estas apontados. As fichas investigativas consistiram em uma folha na qual as crianças desenharam o que entendiam sobre cada uma das virtudes. Depois dos desenhos, a pesquisadora conversava individualmente sobre o que haviam desenhado e escrevia ao lado do desenho de cada aluno.

Foram elaboradas tabelas com intuito de oferecer uma comparação das fichas investigativas preenchidas pelos alunos antes e depois da realização das atividades que visaram o entendimento e vivência das virtudes Amizade, Honestidade e Justiça. Cada tabela apresenta o demonstrativo específico de cada virtude.

Apresenta-se a descrição da Tabela A1 com informações sobre as fichas investigativas da virtude Amizade, preenchidas pelos alunos antes do início das oficinas. Doze alunos participaram do preenchimento dessa ficha investigativa.

Virtude Amizade

Tabela A1 12 crianças			
Brincar	Manifestação de carinho	Afetividade	Não conceituou
7	2	1	2

Quadro 13 – Tabela A1 - Ficha Investigativa da Amizade – Fonte: CARDOSO, Bruna

Observa-se na tabela acima que 58% das crianças desenharam e apontaram que a virtude da amizade está relacionada com o brincar, utilizando expressões como: “amigos jogando futebol”, descreveu GU, ou ainda o aluno ME: “duas pessoas brincando de arminha de água”. Outros 16% acreditam que amizade tem relação com a manifestação de carinho, como por exemplo o aluno AT que disse: “estamos nos abraçando”. A aluna YA desenhou seu autorretrato junto com a professora da turma, envoltas em corações, o que se aproxima da palavra afetividade. Outras duas crianças não souberam explicar o que haviam desenhado, por isso, estes desenhos não foram conceituados.

Já a tabela A2 foi elaborada a partir da coleta de dados dos desenhos e definições que os alunos apontaram sobre a virtude Amizade no preenchimento da ficha investigativa depois da realização das oficinas. Treze alunos participaram. Foi possível identificar uma mudança significativa, que demonstra ser possível ensinar aos alunos conceitos de virtudes e eles entenderem. Embora se tratando de alunos de cinco e seis anos, estes são capazes de aprender conceitos que podem ser considerados complexos, dentro de sua capacidade cognitiva (PIAGET, 1971; BRUNER, 1978).

Tabela A2 13 crianças			
Brincar	Ajudar	Partilhar	Afetividade
6	3	3	1

Quadro 14 – Tabela A2 - Ficha Investigativa da Amizade – Fonte: CARDOSO, Bruna

Sobre a virtude Amizade, Aristóteles (séc. IV a.C. 2007, livro IX, 1167 a1-5) afirma que “a boa vontade parece ser o início da amizade”, o que notamos na fala da aluna

LE ao descrever uma situação em que há uma disposição de boa vontade de um amigo para o outro. Ela acredita que ser amigo é “Um amigo ajudando o outro a levantar”, como explicou. Veja-se ainda esse filósofo afirmar: “Numa amizade baseada na virtude, cada uma das partes anseia por beneficiar a outra, uma vez que é isso que caracteriza a virtude e a amizade” (ARISTÓTELES, séc. IV a.C. 2007, livro VIII, 1162 b5-10), o que se relaciona com a expressão do aluno JGU ao dizer que: “Amigos dividindo o brinquedo”. Este aluno acredita que ser amigo é partilhar o que se tem, ou seja, é uma atitude que visa beneficiar o outro.

Três alunos apontaram que ser amigo é saber partilhar. A aluna NA descreve: “amigas dividindo o biscoito”. Essas palavras não apareceram nas falas de nenhum aluno antes da realização das oficinas, o que nos leva a pensar que os foram capazes de entender os conceitos trabalhados. Sabe-se que “A amizade entre os seres humanos, portanto, requer que estes (a) sintam afeição (boa vontade) recíproca, ou seja, queiram o bem um do outro” (ARISTÓTELES, séc. IV a.C. 2007, livro VIII, 1156 a1-5), indicando esse bem estar relacionado ao ato de ajudar e partilhar, que foi apontado por 45% dos alunos.

Foi elaborada também a tabela sobre Honestidade (H1) com a descrição dos conceitos dados pelos alunos sobre essa virtude antes da realização das oficinas sobre esse tema. Treze crianças preencheram a ficha investigativa da virtude honestidade

- Virtude Honestidade

Tabela H1 13 crianças				
Lixo	Afetividade	Pegar	Fazer mal	Não conceituou
9	1	1	1	1

Quadro 15 – Tabela H1 - Ficha Investigativa da Honestidade - Fonte: CARDOSO, Bruna

Na tabela H1, observa-se que 70% dos alunos citaram palavras relacionadas ao *lixo* como conceito de honestidade entendido por eles. Por exemplo, o desenho do aluno GU que contém a seguinte descrição: “menino jogando lixo no chão”. Os demais alunos citaram as palavras: “afetividade”, “pegar” e “fazer mal” como conceito de honestidade. Um aluno não conceituou a palavra, pois segundo ele, não sabia do que se tratava.

A tabela H2 mostra as palavras que foram usadas pelos alunos no preenchimento das fichas investigativas, a partir do entendimento da virtude honestidade depois de terem participado de todas as oficinas.

Tabela H2 14 crianças		
Roubar	Dividir	Brincar
10	2	2

Quadro 16 – Tabela H2 - Ficha Investigativa da Honestidade - Fonte: CARDOSO, Bruna

Constata-se que depois de aprenderem o conceito da virtude Honestidade por meio das práticas das oficinas, nenhum aluno fez mais qualquer relação dessa virtude com o *lixo*, como aconteceu na tabela H1. Nesse momento, 70% das crianças citaram palavras como: “pegar”, “roubar” ou “arrancar”, que foram agrupadas à palavra “roubar”, descrita na tabela. Destaca-se o entendimento desse conceito, pois essas palavras estão relacionadas com uma atitude honesta ou não. Todas as crianças mencionaram essas atitudes como algo que não deve ser feito.

Por último, apresentamos as tabelas sobre a virtude Justiça (J1 e J2). A tabela J1 foi organizada com intuito de entender como os alunos conceituam a virtude Justiça antes das oficinas que levaram à aprendizagem e a prática da mesma. Catorze crianças participaram do preenchimento dessas fichas.

- Virtude Justiça

Tabela J1 14 crianças			
Polícia	Confronto	Escola	Cuidado
8	4	1	1

Quadro 17 – Tabela J1 - Ficha Investigativa da Justiça - Fonte: CARDOSO, Bruna

Observamos na Tabela J1 que 55% das crianças associaram justiça à palavra “polícia” e 30% das crianças acreditam que essa virtude está relacionada a confrontos:

“um homem atirando dentro do carro”, definição dada pela aluna JS. Nota-se também a descrição de MA: “cara do bem atirando com uma arma”. Estas expressões foram sintetizadas na palavra confronto. Ambos conceitos dados pelos alunos têm relação semelhante, de modo que, é possível observar que 85% das crianças entendem que justiça está relacionada a práticas de ação policial ou violência.

A tabela J2 apresenta os dados que as crianças descreveram ao preencherem a ficha investigativa com os conceitos da virtude Justiça depois da participação nas oficinas sobre esta virtude.

Tabela J2 11 crianças		
Regra	Partilhar	Brincar
5	4	2

Quadro 18 – Tabela J2 - Ficha Investigativa da Justiça - Fonte: CARDOSO, Bruna

Houve uma mudança significativa dos conceitos apontados pelos alunos depois da realização das oficinas. Na Tabela J2, 45% das crianças desenharam situações para definir justiça envolvendo regras. O aluno JGU desenhou uma cena intitulada: “A mãe falou para o filho não jogar papel no chão”, que é coerente com o que afirma Aristóteles (séc. IV a.C. 2007): “O justo é, portanto, o respeitador da lei e do probro, e o injusto é o homem sem lei e ímprobo” (séc. IV a.C. livro V, 1129 a30). Podemos concluir que os alunos foram capazes de entender justiça relacionada às leis. Os alunos mostraram situações nas quais são dadas regras para serem obedecidas.

40% das crianças acreditam que ser justo é saber partilhar, mostrando entender o conceito aristotélico de justiça. O filósofo diz: “somente a justiça, entre todas as virtudes, é o bem do outro, visto que se relaciona com o nosso próximo, fazendo o que é vantajoso a um outro”. Aristóteles (séc. IV a.C. livro V, 1130 a5) significando o ato de partilhar como uma preocupação com o outro além de si mesmo.

Análise dos dados referente às entrevistas

Observou-se a atitude da professora durante todos os momentos das aulas, com intuito de identificar se há e como acontece, a aprendizagem das Virtudes na prática pedagógica. Por suas ações é possível detectar se existe o conhecimento sobre o Tema Transversal Ética e em que medida.

A Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2010), é o método da organização de categorias a partir de inferências, que permite a classificação dos elementos de significação existentes na mensagem. Nesse sentido, as categorias foram a *priori* organizadas como as Virtudes Amizade, Honestidade e Justiça, como já foi mencionado. Existem estas três virtudes na prática pedagógica da professora (LONGO, 2009) e também apareceram no transcorrer das oficinas aplicadas pela pesquisadora. Foi feita a análise dos dados coletados na entrevista realizada com a professora. Aplicou-se um questionário com os pais dos alunos, os quais dez em dezenove enviaram resposta.

Inicialmente foram analisados os dados referentes aos critérios criados para a observação da prática pedagógica da professora, de acordo com fundamentação e objetivos desta pesquisa. Os critérios elaborados, como estão no objetivo, para a observação foram: identificar o início da formação do caráter por meio da aprendizagem de virtudes e da interação social na turma observada; promover a aprendizagem da Ética por meio das virtudes amizade, honestidade e justiça; observar elementos da interação social; e relacionar a prática das virtudes ao processo de socialização e início da formação do caráter.

No que se refere à prática da professora, notou-se em alguns momentos a preocupação com o desenvolvimento moral dos alunos em diversas situações. Em uma das aulas, a professora falou para os alunos sobre a importância de ter bons hábitos de afeto e cantou uma música sobre esse assunto. Constantemente instruía os alunos a pedirem licença, a dizer por favor e obrigado. Houve um episódio em que a professora estava contando uma história e precisou interromper para chamar a atenção do aluno NI, que não havia guardado o brinquedo. Ela disse que há regras na sala e que os brinquedos deveriam ser guardados para que todos pudessem participar no momento da história. É importante que a criança nessa fase de desenvolvimento entenda que há regras (PIAGET, 1994) e que estas devem ser cumpridas. O aluno guardou o brinquedo e a professora retomou a história, assim todos os alunos puderam prestar atenção e participar desse momento. Destaca-se também um episódio em que o mesmo aluno NI mostrou a língua

para a professora ao ser repreendido porque não obedeceu à ordem dada. Ela chamou sua atenção e falou sobre a importância do respeito. Conforme aponta von Hildebrand (1966), o respeito é uma das virtudes que deve ser praticada em todos os momentos. Desta forma haverá uma reciprocidade da prática da virtude.

Em relação à entrevista realizada com a professora da turma, foram coletados alguns dados pessoais e feitas perguntas concernentes à pesquisa. Há vinte e três anos a professora tem experiência em docência na Educação Básica e está há dois anos trabalhando na Educação Infantil na escola onde foi realizada a pesquisa.

As perguntas específicas sobre o tema da pesquisa, feitas à professora estão listadas e comentadas a seguir:

Pergunta 1 - O que é ética para você? “São conceitos que julgamos corretos”. Essa resposta está imprecisa porque serve para muitos assuntos. Torna-se inválida por não ser exclusiva. A resposta demonstra incompletude sobre a definição de ética, que segundo Sucupira Lins (2017) é um termo que vem de muito longe no tempo, quando os povos começam a pensar como é possível viver em harmonia, preocupando-se com costumes e tradições importantes que tenham uma contribuição para a felicidade. Destaca-se a definição da ética aristotélica, que se propõe a pensar sobre as perguntas feitas pelo homem quanto a si mesmo, em busca do sentido da vida. A palavra Ética, vem de *ethos*, que significa a construção dentro de um grupo, de modo que todos os cidadãos, que habitam a *polis*, possam viver em paz e em harmonia e encontrem a felicidade, sempre visando o bem comum, conforme Aristóteles (2007, sec. IV a.C.).

Pergunta 2 - Você conhece o Tema Transversal sobre Ética do PCN? “Sim, já li alguma coisa”. Esta resposta demonstra inconsistência, pois a professora diz já ter lido algo, mas não faz nenhum tipo de referência ao texto dos PCNs. Ela não demonstrou conhecer o objetivo da pergunta. Segundo Longo e Sucupira Lins (2018) o tema da Ética deve ser abordado nas escolas como tema transversal, exigindo dos professores conhecimentos sobre este tema.

Pergunta 3 - O que é virtude para você? “São comportamentos e atitudes do bem”. Apesar de ter uma aproximação com a definição de virtude apontada por MacIntyre (2001, p. 321) que diz: “é uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício costumam nos capacitar a alcançar aqueles bens internos às práticas e cuja ausência nos impede, para todos os efeitos, de alcançar tais bens”, a resposta dada pela professora está vaga e não expressa um conceito.

Pergunta 4 - Você acha que ética se aprende ou é nata? Justifique. “Acho que aprendemos porque quando nascemos, somos uma folha em branco, ou seja, temos que ser lapidados ainda”. Esta resposta possui aproximação com as afirmações de Aristóteles (2007) e Sucupira Lins (2012) sobre ninguém nascer ético e por isso sua prática se faz necessária. No entanto, a professora esqueceu a validade de potência da virtude, além de usar um conceito ultrapassado cientificamente para a pessoa ao repetir a expressão “folha em branco” (LOCKE, 1978).

Pergunta 5 - Você acha que é possível ensinar ética na escola? Justifique. “Sim, a todo momento porque a escola é um campo muito rico. Mas acredito que a base tem que vir do meio familiar”. Essa resposta expressa o que se sabe sobre ética, sem contudo indicar que a professora tenha estudos sobre o tema. Conforme já citamos a pesquisa de Longo (2009), é possível que a professora tenha recebido educação moral em sua família. Nesse sentido, Freud (1997) afirma que criança nasce com impulsos que devem ser organizados e não possui características éticas, por isso precisa aprendê-las na vida social. A escola tem o papel de auxiliar (SUCUPIRA LINS, 2010) na formação ética dos alunos, pois nela se encontra uma diversidade de novas práticas, antes desconhecidas pela criança. Corroborando com a suposição que fazemos quanto à resposta da professora (GUSDORF, 1995), a família é a base para a construção ética. A escola tem um papel muito importante de ampliação deste processo.

Depois da entrevista realizada com a professora regente da turma, observa-se que há uma deficiência do entendimento de alguns conceitos importantes que envolvem a ética e a obrigatoriedade legislativa do desenvolvimento do seu ensino em sala de aula, que é apontado por Sucupira Lins (2016) como um desafio na formação de professores. A professora inclui em algumas das suas práticas educativas, elementos da ética na educação dos alunos, conforme mencionado anteriormente, talvez por tê-lo recebido da família.

Foi realizada também uma entrevista com os pais, objetivando conhecer melhor a realidade dos alunos. Esta etapa foi realizada *a posteriori*, conforme apresentado por Bardin (1977), possibilitando acrescentar informações que se fizeram necessárias depois de todas as coletas de dados. Foi elaborado um questionário sócio cultural e a aplicação deste foi feita em uma reunião de pais de alunos, que é organizada bimestralmente pela escola e conduzida pela professora da turma. Foram preenchidos dez questionários, por um responsável de cada um destes alunos, dentre o total de dezenove crianças que tiveram autorização de participar da pesquisa.

Há no questionário sócio cultural as seguintes informações: nome do aluno; data de nascimento; endereço; com quem mora; quantidade de irmãos com as respectivas idades; nível de escolaridade do pai e da mãe; profissão do pai e da mãe; e religião da família, caso tenha.

Observa-se o resultado do preenchimento do questionário no quadro a seguir:

Aluno	D.N	Bairro	Com quem mora	Quant. Irmãos	Escolaridade Pai	Escolaridade Mãe	Profissão Pai	Profissão Mãe	Religião
GU	set-11	Estr. da Saudade	pai, mãe e irmãos	2	EMC	EMC	CP mecânico	TF costureira	Católica
JGU	dez-11	Caxambu	vó, mãe e irmão	1	EFC	EMC	CP	Do lar	Não tem
JF	set-11	Centro	mãe e padrasto	5	---	EMI	---	TF costureira	Protestante
LE	jan-12	São Sebastião	Pais	3	NS	EMI	CA sindicato	Do lar	Protestante
NA	ago-12	Centro	pai, mãe e irmãos	2	EMC	EMI	CA vigilante	TF costureira	Umbandista
NY	out-11	Caxambu	mãe e irmã	1	EMC	EMC	CA - aux. produção	TF diarista	Protestante
PE	out-11	Centro	mãe e irmã	2	EFI	EFC	CP	Do lar	Protestante
VO	jul-11	Caxambu	pai, mãe e irmão	1	EMC	EMC	CA	Do lar	Católica
VA	abr-11	Estr. da Saudade	pai, mãe e irmãos	2	EMC	EMC	CA aux. Adm.	TF - babá	Protestante
YA	nov-11	Estr. da Saudade	pai, mãe e irmãos	2	EMC	EMC	CA motorista	Do lar	Católica

Quadro 19 – Questionário Sócio Cultural - Fonte: CARDOSO, Bruna

Legenda:

Escolaridade - NS – Nível Superior / EMC – Ensino Médio Completo / EMI – Ensino Médio Incompleto /

EFC – Ensino Fundamental Completo / EFI – Ensino Fundamental Incompleto

Formas de Trabalho - CA – Carteira Assinada / CP – Conta Própria / TF – Trabalha Fora

As informações do questionário sócio cultural, consideradas de maior relevância para a pesquisa, estão exemplificadas por meio de gráficos.

Como foi mencionado anteriormente, há na escola uma grande diversidade de alunos, no que diz respeito à localização de moradias. Como é possível ver no gráfico abaixo, há alunos provenientes de quatro bairros diferentes. Levando em consideração a localização por endereço, a diversidade é ainda maior, pois os bairros mencionados

também têm uma grande diferença no que diz respeito à classe social e cultural. Essa diversidade cultural é uma característica que enriquece a coleta de dados para a pesquisa.

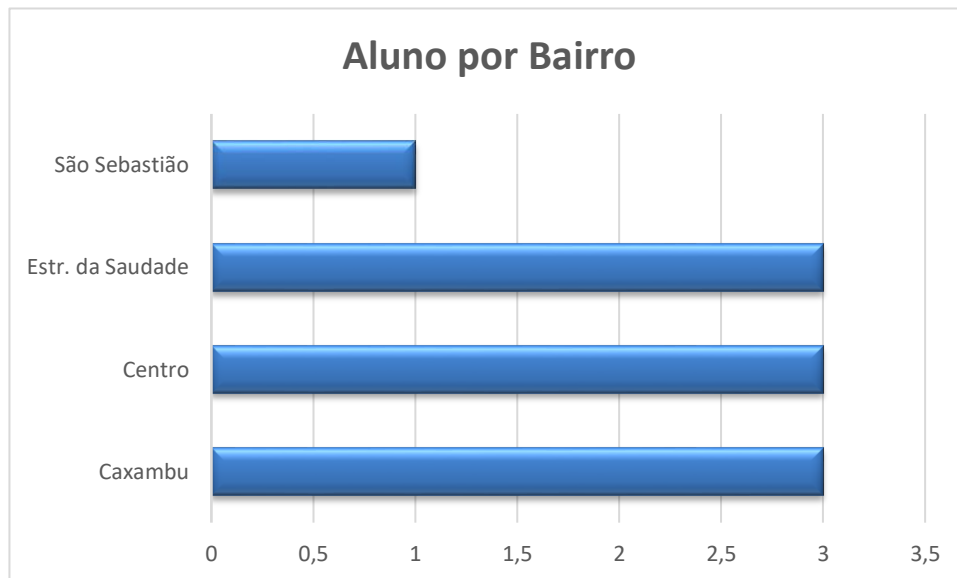


Gráfico 1 – Aluno por Bairro - Fonte: CARDOSO, Bruna

O gráfico a seguir mostra o nível de escolaridade das mães dos alunos. Apesar de maior facilidade de acesso hoje e por serem em sua grande maioria mães jovens, com menos de 40 anos, nota-se que nenhuma mãe possui nível superior. Uma quantidade significativa, de 40% não chegou nem a cursar o Ensino Médio Completo.

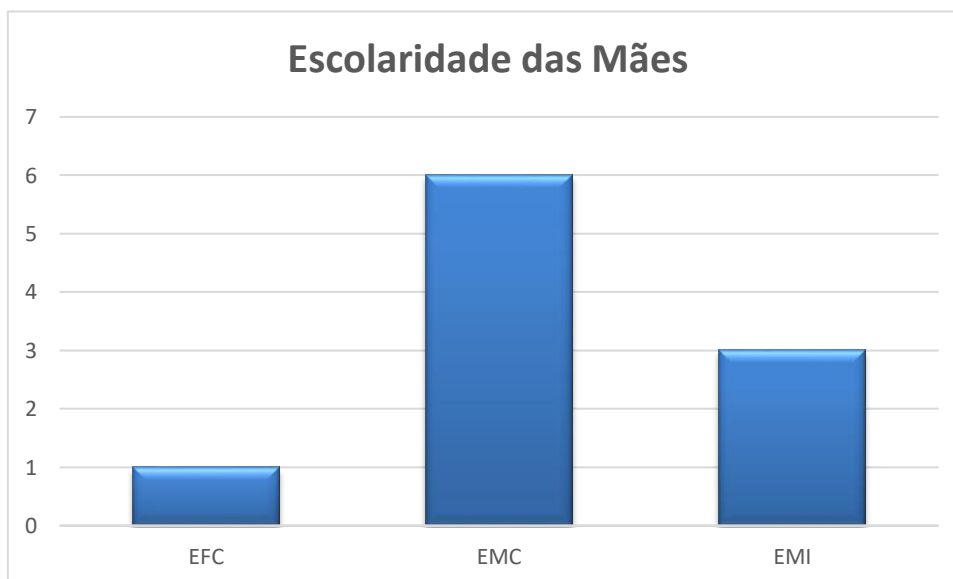


Gráfico 2 – Escolaridade das Mães - Fonte: CARDOSO, Bruna

Em relação à escolaridade dos pais dos alunos, veja-se na tabela abaixo, que já 10% possui formação em curso de nível superior. 60% concluíram o Ensino Médio e outros 30% não chegaram a concluí-lo ou não tiveram sua formação mencionada.

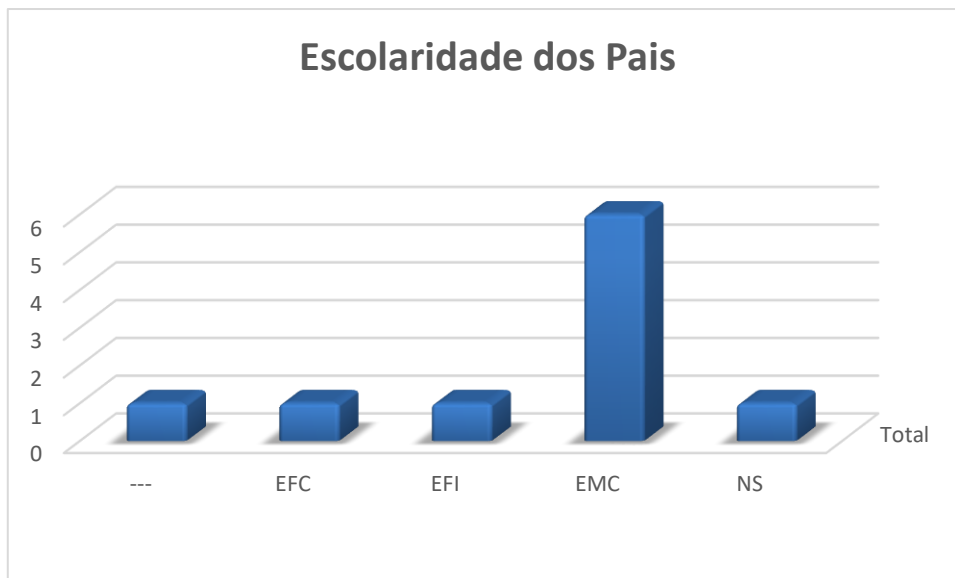


Gráfico 3 – Escolaridade dos Pais - Fonte: CARDOSO, Bruna

O gráfico abaixo aponta o quantitativo relacionado à profissão das mães dos alunos. Metade das mães, ou seja, 50% diz que possui um trabalho remunerado, outros 50% são Do lar, quer dizer, que se dedicam em cuidar da casa e não possuem trabalho remunerado.



Gráfico 4 – Profissão das Mães - Fonte: CARDOSO, Bruna

Já em relação ao contexto de trabalho dos pais dos alunos, vê-se no gráfico seguinte que 60% dos pais dos alunos trabalham com carteira assinada, ou seja, são empregados, 30% trabalham por conta própria, classificados como autônomos ou trabalhadores informais, ou que fazem serviços de diarista. Um dos pais não teve a profissão declarada, por se tratar de uma aluna que mora com o padrasto.



Gráfico 5 – Profissão dos Paes - Fonte: CARDOSO, Bruna

O próximo gráfico mostra a religião da família do aluno, podendo ter práticas religiosas ou não. Metade das famílias dos alunos assinalam a opção que os denomina como protestantes ou evangélicos, porém essa categoria foi subdividida de acordo com a descrição feita por eles próprios nesse campo. Obteve-se o seguinte resultado: 10% são Batista, 10% Metodista, 10% Quadrangular e 20% não especificaram qual denominação pertencem, escolhendo apenas a opção Protestante. Além dessa categoria, 30% das famílias denominam-se católicos, 10% umbandistas e outros 10% não possuem religião.

É imprescindível lembrar que Ética não é Religião, apenas se fez essa pergunta porque é fonte de qualquer questionário sócio cultural.

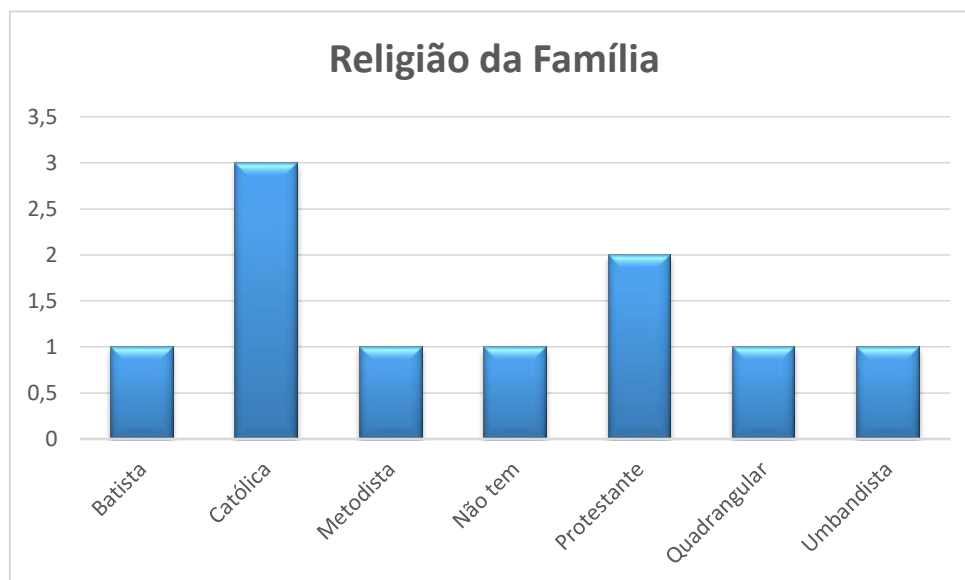


Gráfico 6 – Religião da Família - Fonte: CARDOSO, Bruna

Como parte dos dados coletados (BARDIN, 1977), a partir da mesma necessidade citada anteriormente de conhecer a realidade familiar dos alunos, estes também preencheram uma ficha investigativa, com o título “Eu e minha família”. Esta atividade teve como objetivo conhecer a realidade familiar, segundo a perspectiva dos alunos.

Essa ficha investigativa foi preenchida por dez alunos dentre o total de dezenove da turma. Embora seja percentual pouco mais da metade, essa análise elucidou muita coisa dentro do objetivo dessa pesquisa. A pesquisadora pediu aos alunos para desenharem “onde e com quem eu moro”. Em seguida perguntava aos alunos, individualmente, o que representava seu desenho e escrevia ao lado a resposta, como forma de identificar as impressões e conhecer a realidade de cada um fora do ambiente escolar. Existiu também a oportunidade de ouvir algumas histórias que os próprios alunos espontaneamente quiseram contar sobre suas famílias.

A próxima tabela é um demonstrativo que compara as respostas dos alunos com as do responsável que preencheu a ficha. Dez pais, em um universo de dezenove alunos, responderam ao Questionário Sócio Cultural. Dez alunos, no universo de dezenove, responderam a Ficha Investigativa “Eu e minha Família”.

Sete, dos dez alunos que preencheram as fichas, também tiveram o questionário sócio cultural respondido por algum responsável. Esses sete estabelecem uma equivalência entre fichas de alunos e questionários de pais.

Fonte das Respostas	Aluno	Idade	Bairro	Com quem mora	Quant. Irmãos	Idade dos irmãos	Comentário do aluno
Quest. Sócio Cultural Responsável	GU	6	Estr. da Saudade	pai, mãe e irmãos	2	17 / 8	Morreu um irmão na barriga da mamãe
Ficha Investigativa Aluno						18 / 8	
Quest. Sócio Cultural Responsável	JGU	5	Caxambu	vó, mãe e irmão	1	8	***
Ficha Investigativa Aluno		6				7	
Quest. Sócio Cultural Responsável	LE	5	São Sebastião	com os pais	3	22 / 12 / 9	Meus irmãos não moram comigo. Meu pai casou duas vezes.
Ficha Investigativa Aluno						adulto / 12 / 8	
Quest. Sócio Cultural Responsável	NA	5	Centro	pai, mãe e irmãos	2	19 / 26	***
Ficha Investigativa Aluno			***	pai, mãe, avó e irmãos		18 / 18	
Quest. Sócio Cultural Responsável	VO	6	Caxambu	pai, mãe e irmão	1	5	Tem um bebê na barriga da mamãe. Meus avós e tio moram perto e junto comigo
Ficha Investigativa Aluno				padrasto, mãe, irmãos, tio e avós			
Quest. Sócio Cultural Responsável	VA	6	Estr. da Saudade	pai, mãe e irmãos	2	13 / 3	***
Ficha Investigativa Aluno							
Quest. Sócio Cultural Responsável	YA	6	Estr. da Saudade	pai, mãe e irmãs	2	12 / 15	***
Ficha Investigativa Aluno				pai, mãe e irmãs		11 / + de 11	

*** não soube responder ou não fez comentário

Observa-se que as respostas dos alunos estão muito próximas ou iguais as respostas dadas pelo responsável que preencheu o questionário sócio cultural. Isto indica que é possível dar validade as respostas dos alunos, mesmo tendo ainda pouca idade.

Desta forma, destaca-se a fala do aluno ME, que apresentou mais dificuldades em desenvolver algumas das atividades referentes à prática de virtudes. Sobre sua família esse aluno disse: “meu irmão está preso por causa de drogas”. Trata-se de uma criança de seis anos de idade, que também mencionou o pai não estar trabalhando e cada dia uma pessoa diferente cuida dele e o leva pra escola. O aluno ME não teve o questionário respondido por nenhum responsável. Ninguém compareceu à reunião de pais como interessado nessa criança nem foi devolvido o questionário enviado pela professora da turma.

Esse aluno durante toda a pesquisa apresentou problemas comportamentais. Evidencia-se pela fala deste aluno, que os problemas sociais e familiares interferem diretamente no desenvolvimento integral da criança, dificultando ainda mais o trabalho do professor no ensino da ética, pois lhe falta uma referência familiar. Trata-se de uma criança que está tendo sua formação iniciada e seu caráter em construção (LICKONA, 2001, 2015; BERKOWITZ, 2016) já na primeira infância. Apesar de haver uma dificuldade maior com a ausência da colaboração dos pais, é possível ao professor auxiliar na formação e desenvolvimento integral de qualquer aluno.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui apresentadas não são conclusivas, visto que um estudo como este precisa de um aprofundamento maior, feito por meio de outras pesquisas com intuito de ampliar as reflexões propostas. O tema estudado não se esgota, porém estimula a continuação da busca de possibilidades que possam auxiliar no processo de desenvolvimento do caráter. Pesquisas orientadas para a formação do caráter iniciado na infância são sempre necessárias. Este processo acontece por meio da contribuição de diversos fatores. As conclusões da presente dissertação apontam duas possibilidades, como forma de auxiliar no início do processo de formação do caráter: a interação social e prática de virtudes.

O ambiente escolar é propício a esse desenvolvimento em qualquer fase que o aluno esteja, porém se nota em geral ausência dessa preocupação. Algumas vezes o professor não dá a importância devida à formação do caráter do aluno e ao papel fundamental que tem, enquanto agente capaz de auxiliá-los nesse processo. É um campo de pesquisa a ser explorado de modo que se saiba a razão dessa atitude.

Como foi argumentado, a formação integral do aluno depende da formação do caráter. Observou-se na pesquisa que ele estará apto a desenvolver as etapas posteriores para firmar a capacidade de contribuir para o bem comum. Entende-se a partir dessa pesquisa que é preciso saber como tratar os outros por meio das virtudes, de maneira que reconheça a dignidade da pessoa. A interação social contribui de forma positiva para esse desenvolvimento como foi visto. O exercício da virtude permite o convívio com diferentes pessoas, tornando a criança capaz de lidar e conviver bem com estas em todas as situações.

A interação social, que é iniciada no ambiente familiar, pode ser desenvolvida com grande potencial na escola, por ser este um ambiente diverso. É primordial que a interação social comece nos primeiros anos de vida, o que aconteceu visivelmente durante a pesquisa. Afim de garantir que a criança seja capaz de identificar o outro como diferente e digno de respeito, foram desenvolvidas oficinas que mostram ótimos resultados.

De acordo com as nossas reflexões e dados coletados nesse trabalho, o caráter pode ser desenvolvido. Para que se torne possível esse desenvolvimento, é necessário que a construção seja iniciada o quanto antes, desde a Educação Infantil, o que ocorreu na presente pesquisa.

A família é a primeira instância capaz de auxiliar no processo de formação do caráter de uma criança e isso foi plenamente contemplado nessa dissertação. Infelizmente, esse papel fundamental nem sempre é vivido por razões que não cabem aqui ser analisadas. A comunicação da família facilita o trabalho do professor. Mesmo alunos que apresentaram maior dificuldade em desenvolver as virtudes, talvez por não terem ambiente familiar nesse sentido, são capazes de aprendê-las e praticá-las, mas para isso, é necessário que alguém se dedique a ensiná-los.

Durante a pesquisa, algumas situações foram observadas nas quais a importância da exemplaridade quanto ao ensino da ética. Isto quer dizer, o ensino/aprendizagem das virtudes se dá principalmente pela observação da prática e a oportunidade de exercitá-las. Não basta ensinar conceitos das virtudes. Mais fundamental do que isso, é preciso possibilitar a prática e principalmente esforçar-se em vivenciá-las. Alunos observam as práticas dos colegas e principalmente dos adultos, que são um modelo para ele, e então os imitam, como aconteceu durante os procedimentos da pesquisa.

Durante todo o processo, viu-se que a criança, mesmo com pouca idade, caso dos alunos da pesquisa, é capaz de observar e identificar se a fala do professor é condizente com suas práticas. Dessa mesma forma age com os colegas. Quando o aluno percebe que um colega foi elogiado pelo professor pela virtude praticada, sente-se encorajado a imitar a prática elogiada. Por isso é importante que o professor tenha o hábito de afirmar as boas práticas dos alunos, ajudando-o a desenvolver comportamentos éticos.

Foi possível observar a evolução dos alunos em relação ao aprendizado e prática das virtudes. Num primeiro momento foram capazes de entender os significados de cada uma das virtudes trabalhadas, de acordo com sua capacidade cognitiva: Amizade, Honestidade e Justiça. Em seguida apresentaram avanços na prática das virtudes. Pretendo, nessas conclusões, destacar a evolução de vivência ética do aluno ME, que no início apresentou maior dificuldade em exercitar as virtudes durante as atividades. No decorrer da pesquisa, mostrou-se interessado em se esforçar para cumprir as propostas apresentadas. O primeiro indício de sua evolução foi o reconhecimento de não ter respeitado a regra de uma das dinâmicas. Em seguida, o mesmo aluno ME desculpou-se por ter desobedecido. Por fim, foi capaz de praticar a virtude, obedecendo a mesma regra que havia sido desrespeitada por ele duas vezes anteriormente.

Concluimos que o início do processo de desenvolvimento do caráter da criança está relacionado ao amadurecimento e à capacidade de agir buscando o bem estar do outro quando isso lhe é ensinado. A capacidade de deixar de olhar apenas para si e entender que

as próprias atitudes atingem diretamente a vida de outras pessoas, podendo ser de forma positiva ou negativa. Esse risco de prejudicar o outro, faz com que a criança que está formando o caráter, seja capaz de pensar antes de tomar atitudes precipitadas, que possam de alguma maneira prejudicar alguém. As dinâmicas mostraram esse comportamento. A formação do caráter determina o agir do homem e faz dele alguém capaz de praticar diversas virtudes, mas é preciso que a construção tenha começado na infância.

Ressaltamos os avanços dos alunos em relação a prática das virtudes trabalhadas como um indicativo de que é possível se auxiliar no início do processo de formação do caráter. A criança necessita de alguém que lhe ensine as virtudes, podendo ser na família, que é o fundamental e também na escola por professores e funcionários envolvidos no processo educacional. Todos têm esse papel e devem contribuir de alguma forma com esse processo de desenvolvimento tão importante para a pessoa e a sociedade.

Deseja-se uma sociedade mais Justa, Honesta e que se importa em olhar para o outro com Amizade, o que foi trabalhado nessa pesquisa. É necessário, para isso, iniciar essa construção desde a infância, que é quando se tem a base do desenvolvimento do caráter das crianças. Além das três virtudes selecionadas para a pesquisa dessa dissertação, lembro que as demais precisam também ser ensinadas à criança com objetivo da formação de seu caráter.

O professor precisa entender o poder que tem de modificar a realidade de um aluno, uma sala de aula ou mesmo uma escola, promovendo oportunidades para que pratiquem as virtudes. Lembrando que o professor é um exemplo a ser seguido pelas crianças e por isso é responsável pela vivência de virtudes. Auxiliar na construção do caráter de uma criança, é ajudar a construir uma sociedade mais ética e isto é uma possibilidade real.

Espera-se que o material e os resultados apresentados nesta dissertação, sirvam de inspiração a outros profissionais da educação. Pensamos ter contribuído para o trabalho de professores da Educação Infantil, visto que o conteúdo disponibilizado é rico e diverso. As atividades e material criados pela pesquisadora podem ser utilizados por qualquer professor que desejar.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHTMAN, A. *“They left everything and followed him”*: Our Responset Ability to Ethical Exemplars. Hildebrand Presentation, 2017.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. *O Método nas Ciências Sociais*. In _____. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa Qualitativa*. 2ª edição. São Paulo: Pioneira editora, 1998. P. 109-203.

ARISTÓTELES. *A Política*. 2ª edição. Bauru, São Paulo: Edipro, 2009.

_____. *Ética a Nicômaco*. Tradução: Edson Bini, 4ª edição. Bauru, São Paulo: Edipro, 2007.

AUSUBEL, David P. *Psicologia Educacional*. Tradução: Eva Nick, 2ª edição. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BARBIER, R. *A Pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução: Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edição revista e atualizada. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2010.

BERKOWITZ, Marvin W.; BIER, Melinda C. *What Works in Character Education: A Research-Driven Guide for Educators*. Character Education Partnership: University of Missouri-St. Louis, 2016

BLOOM, Paul. *O que nos faz bons ou maus*. Tradução de Eduardo Rieche. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Sellers, 2014

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos temas transversais/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRUNER, Jerome S. *O Processo da Educação*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira, São Paulo: Companhia Nacional, 1978.

ERIKSON, Erik. *Infância e Sociedade*. Tradução: Gildásio Amado. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

_____. *Identidade, Juventude e Crise*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

- GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa social, São Paulo: Atlas, 1999.
- GOULART, Iris Barbosa. *PIAGET: Experiências Básicas para Utilização pelo Professor*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- GRATIOTE-ALFANDÉRY, Hélène. *Henri Wallon*. Tradução e Organização: Patrícia Junqueira. Recife: Massangana, 2010.
- GUSDORF, Georges. *Professores para quê? Para uma Pedagogia da Pedagogia*. Tradução: M.F. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HARE, Richard. *Ética: Problemas e Propostas*. São Paulo: Unesp, 2003.
- HAVIGHURST, Robert J. (1953). *Human development and education*. New York: Longmans, 1953
- INHELDER & PIAGET. *Da lógica da Criança à Lógica do Adolescente*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- IVENICKI, Ana & CANEN, Alberto. *Metodologia da Pesquisa: Rompendo Fronteiras Curriculares*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda., 2016.
- LICKONA, Thomas. *What Is a Comprehensive Approach to Character Education?* Disponível em: <<https://www2.cortland.edu/dotAsset/279703.pdf>> Acesso em 22 de setembro de 2015.
- _____. *What is Effective Character Education?* Apresentado em: The Stony Brook School Symposium on Character. October, 2001. Disponível em: <<http://www.mtsm.org/pdf/What%20is%20Effective%20Character%20Education.pdf>> Acesso em 2 de novembro de 2017.
- LOCKE, John. *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*, em Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978
- LONGO, M. M. *Entre a Permissão e a Repressão: a Formação do Professor nos Cursos de Licenciatura e a Abordagem da Ética*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- LONGO, M. M.; SUCUPIRA LINS, M. J. C. Ética na Formação Docente em Tempos de Crise. *Pesquiseduca*, ISSN: 2177-1626, v. 10, n. 20, p. 90-103, jan.-abr. 2018.
- MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude: um estudo em teoria moral*. Tradução: Jussara Simões. Bauru, SP: Edusc, 2004.

_____. *Dependent Rational Animals. Why Human Beings Need the Virtues*. Chicago e La Salle: Open Court, 1999.

MAIA, Maria Vitória C. M.; VIEIRA, C. N. M. *Criatividade docente: Winnicott e a construção de subjetividades*. Revista Subjetividades, v. 16, p. 79-90, 2016.

MALHEIRO, João. *Escola com Corpo e Alma: Manual de ética para Pais, Professores e Alunos*. 1ª edição. Curitiba: Editora CRV, 2014.

MARITAIN, Jacques. *Rumos da Educação*. Tradução: Abadia de Nossa Senhora das Graças. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora AGIR, 1966.

MARROU, Henri-irenée. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOUNIER, E. *O Personalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1976

_____. *Tratado de Caráter*. Paris: Threshold, 1961.

PADILHA, Tarcísio Meirelles. *Educação e Filosofia*. Rio de Janeiro: Central da Universidade Gama Filho, 1995.

PERINI, T. A. *Jogos de Regras: Instrumento Pedagógico para Ensino de Ética pela Prática de Virtudes na Educação Física Escolar*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PERINI, T. A e SUCUPIRA LINS, M. J. C. *O Papel do Meio Social no Desenvolvimento da Racionalidade e da Moralidade*. Cadernos de Pesquisa, v. 24, n. 3, set./dez. 2017

PIAGET, Jean. *Relações entre Afetividade e a Inteligência no Desenvolvimento Mental da Criança*. Tradução: Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014

_____. *A Psicologia da Inteligência*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. *O Julgamento Moral na Criança*. 4ª edição. São Paulo: Summus, 1994.

_____. *Epistemologia Genética*. São Paulo: Abril Cultura, 1984.

_____. *Estudos Sociológicos*. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

_____. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Tradução: Maria Luísa Lima. Coleção: Plural, n.º 10, 1971.

PIKUNAS, Justin. *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1979.

RUSSELL, James Sojourner. *The Rebirth and Retooling of Character Education in America*. December, 2012. Disponível em: <<https://www.character.org/wp-content/uploads/Character-Education.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

SOUZA, Ana Céli Pimentel. *Ética como Tema Transversal nas aulas de Artes Visuais no 1º segmento do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SOUZA, Carla Cristina Souza. *Educação Moral e Personalidade: Exercitando as Virtudes na Infância*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. *Os Afetos na Aprendizagem: por uma educação integral para todos*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SPITZ, René A. *O Primeiro Ano de Vida*. 3ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1979.

SUCUPIRA LINS, M. J. C e SOUSA, C. C. Avaliação do desenvolvimento da personalidade moral. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. Online, v. 26, n.100, p. 1004-1020, 2018.

SUCUPIRA LINS, Maria Judith da Costa. *Formação do Caráter*. 2018. (5m 21s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ovht8UKoQMs&feature=youtu.be>>. Acesso em: setembro 2018.

_____. *Ética e Moral*. 2017. (8m 36s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BMSS9FVNO5c&t=62s>> Acesso em: outubro 2018

_____. *Formação de Professores e o Desafio da Ética*, in Revista Diálogos, on line, v. 20 p. 151-169. 2016

_____. *Método de Pesquisa Ação com Maior Comprometimento*. In: Revista Eletrônica Pesquiseduca: Santos. V. 07 n. 13, P. 52-74, jan/jun, 2015.

_____. *Aprendizagem de Ética: privilégio de seres humanos*. In: Barone, L.M.C. & Andrade, M.S. (org.) *Aprendizagem Contextualizada*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

_____. *Ética e Formação de Professores*. CINFE. Caxias do Sul, RS, maio de 2010.

_____. *Agentes da Educação: A Relação do Educador e o Educando*. COMMUNIO: Revista Internacional de Teologia e Cultura, p.399-414, volume XXVII, Número 2, (Edição 98): abril/ junho 2008.

_____. *Educação Moral na Aprendizagem Escolar*. In: Barreto M. & Mettrau, M. Rumos e Rumos e Resíduos da Moral Contemporânea, p. 148-168. Niterói, RJ: Ed. Muiraquitã, 2007.

_____. *Contribuições da Teoria de Piaget para a Educação*. in Revista Educação & Cultura Contemporânea – p.11-30, v. 2, n. 4, 2005.

_____. *Ética se Aprende na Infância*. Jornal Cátedra p.3, Caderno 14, Rio de Janeiro, 08 fev. 2004.

_____. *Educação e contemporaneidade: educação moral na encruzilhada*. Revista da FAEEBA, Salvador: UNEB, v. 8, n. 12, p. 97-112, jul. / dez. 1999.

_____. *A Estruturação da Inteligência do Pré-Escolar Segundo Piaget*. Rio de Janeiro: Anima, 1984.

TRIGUEIRO MENDES, Durmeval. *Filosofia da Educação Brasileira*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987

TRINDRADE, Kátia. *Amizade*. O que Cabe no meu Mundo. 1ª edição. Santos: Cedic, 2015a.

_____. *Honestidade*. O que Cabe no meu Mundo. 1ª edição. Santos: Cedic, 2015b.

_____. *Justiça*. O que Cabe no meu Mundo. 1ª edição. Santos: Cedic, 2015c.

VON HILDEBRAND, Dietrich. *The Nature of Love*. South Bend, Indiana: St. Augustine's Press, 2009.

VON HILDEBRAND, Dietrich; HILDEBRAND, Alice Von. *The Art of Living*. Steubenville, USA. Hildebrand Project Press, 2017.

_____. *Morality and Situation Ethics*. Chicago: Franciscan Herald Press, 1966.

VYGOTSKY, C. S. “*A Formação Social da Mente*”. Tradução: Monica Stahel M. da Silva. 4ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. *Psicologia e Educação da Infância*. Lisboa: Estampa, 1975.

WERNER, Jaeger. *Paideia: A Formação do Homem Grego*. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

8- ANEXOS E APÊNDICES

Anexo 1: Livro Amizade

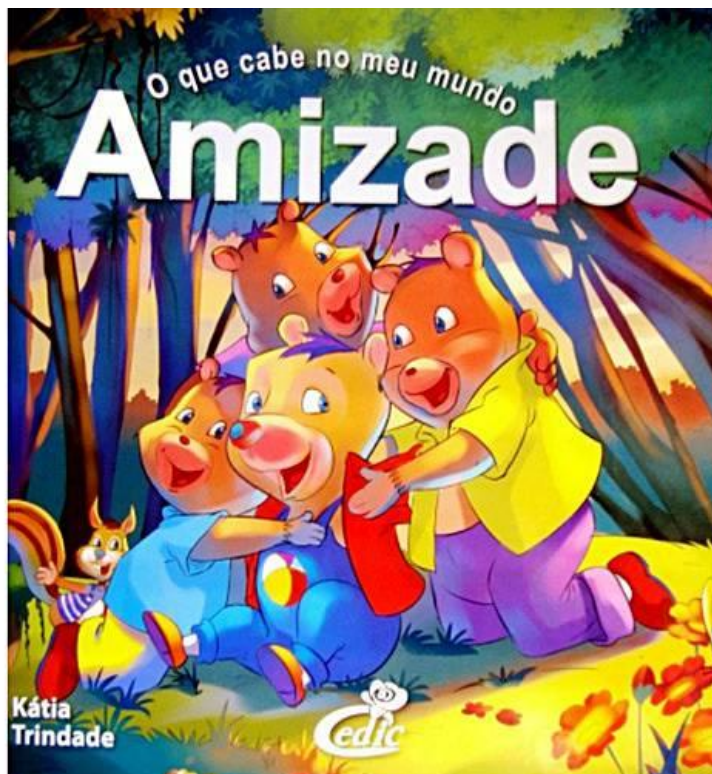


Figura 5 – Livro Amizade – Fonte: TRINDADE, Kátia

Anexo 2: Livro Honestidade



Figura 6 – Livro Honestidade – Fonte: TRINDADE, Kátia

Anexo 3: Livro Justiça



Figura 7 – Livro Justiça – Fonte: TRINDADE, Kátia

Anexo 4: Vídeo da música A-M-I-G-O



Figura 8 – Música A-M-I-G-O – Fonte: Youtube

<<https://www.youtube.com/watch?v=dMUyLsH7w1A>>

Apêndice 1: Termo de Consentimento de Livre e Esclarecido.

Preenchido pelos responsáveis dos alunos

TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável pela execução da pesquisa: Bruna Rodrigues Cardoso Miranda, orientada pela Professora Doutora Maria Judith Sucupira da Costa Lins da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Título do Projeto: **“O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO CARÁTER”**

Informações ao participante e ao responsável:

I - Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como objetivo observar alguns pontos:

- 1) O comportamento ético dos alunos da Educação Infantil, no cotidiano;
- 2) A interferência das virtudes morais no desenvolvimento do caráter na infância;
- 3) O posicionamento dos alunos frente às situações éticas.

II – Esta pesquisa tem como benefício para a comunidade interna e externa, contribuir para a formação dos alunos da Educação Infantil que irão vivenciar a prática das virtudes em suas vidas, iniciando-se o processo de desenvolvimento do caráter, que pode torná-los, desde a infância, atentos às necessidades do outro em sua comunidade, bem como no mundo no qual estão inseridos, sendo assim capazes de colaborar com a transformação para um mundo realmente melhor.

III - Ao assinar este termo de consentimento, confirmo que estou ciente de que:

- 1) Trata-se de um estudo de risco mínimo, isto é, o mesmo risco que têm atividades rotineiras como conversar, brincar, etc., portanto, não há riscos que possam comprometer a integridade e/ou fatores cognitivos ou psicológicos dos participantes da investigação. No entanto, caso percebermos algum indício de risco, imediatamente comunicaremos os responsáveis para devidas providências;
- 2) A participação será voluntária e não remunerada;
- 3) As informações obtidas serão tratadas sob absoluto sigilo e anonimato e, fielmente, relatadas pela pesquisadora;
- 4) Qualquer um dos participantes estará livre para interromper, a qualquer momento, a participação no estudo, não sofrendo qualquer tipo de sanção ou prejuízo em consequência do ato da desistência. Você poderá recusar a responder qualquer pergunta que porventura lhe cause algum constrangimento ou recusar que seu filho (a) participe ou que os trabalhos dele não sejam utilizados como parte na referida pesquisa ou, até mesmo, que seu filho não seja fotografado ao realizar as atividades. A sua participação como voluntário (a) e a do seu filho (a), pelo qual você é responsável, não ganhará nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza;
- 5) A pesquisadora estará disponível para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários quanto ao assunto abordado, durante a realização da pesquisa;
- 6) A pesquisadora estará disponível a repassar quaisquer informações necessárias para a decisão consciente acerca da participação, ou não, no referido estudo;
- 7) A pesquisadora se compromete a repassar, individualmente, os resultados da pesquisa no seu encerramento, caso seja de interesse do participante e/ou responsáveis;
- 8) Os resultados individuais não serão divulgados. Já no caso dos resultados gerais, poderão ser publicados em anais e/ou revistas científicas, garantindo o anonimato de todos os participantes;
- 9) A pesquisa será aplicada pela professora regente da turma pesquisada;
- 10) Este termo deverá ser assinado em duas vias de igual teor;
- 11) A investigação está de acordo com Conselho Nacional de Saúde e CONEP (Conselho Nacional de Ética em Pesquisa).

Eu, _____, possuidor da identidade nº _____, expedida pelo _____, responsável por _____, declaro que autorizo a minha e a participação de meu filho (a) na pesquisa intitulada **“O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO CARÁTER”**, em que responderemos questionários. Autorizo meu filho (a) e seus respectivos trabalhos (atividades) a serem fotografados e utilizados na pesquisa.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do(a) Responsável

Assinatura do(a) aluno(a)*

E-mail para contato: _____

Pesquisadora: Profª Bruna Rodrigues Cardoso Miranda – rodriguesbr@gmail.com. Tel: (24) 99254-9565
 CEP: cep.cfch@gmail.com. End-Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 2º a- Urca. Cep: 22.290-240. Rio de Janeiro. RJ. Telefone: (21)3938-5167

*O aluno não poderá assinar o termo, visto que ainda não estará alfabetizado.

Apêndice 2: Termo de Consentimento

Preenchido pela professora regente da turma

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - FACULDADE DE EDUCAÇÃO TERMO DE CONSENTIMENTO

Convidamos o (a) Sr (a) _____ para participar da pesquisa “O papel do Professor de Educação Infantil no Processo de Formação do Caráter” sob responsabilidade da pesquisadora Bruna Rodrigues Cardoso Miranda, que tem como objetivo produzir um protótipo de modo que seja possível concretizar o Ensino/aprendizagem de Ética para alunos da Educação Infantil de uma escola pública, utilizando-se de oficinas que ofereçam este aprendizado que incluem contação de histórias, dramatizações e brincadeiras.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista pessoal. Essa pesquisa tem riscos mínimos em sua decorrência que podem ser aqueles riscos usuais de uma atividade rotineiras de conversar, brincar, etc., portanto, não há riscos que possam comprometer a sua integridade e/ou fatores cognitivos ou psicológicos. No entanto, caso haja algum indício de risco, imediatamente comunicarei os responsáveis para devidas providências.

Caso aceite participar, estará contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento acerca da construção da ética para crianças da Educação Infantil e a ampliação da compreensão do processo da formação do caráter que se inicia na infância e que é essencial quando se busca devolver uma sociedade com cidadãos éticos comprometidos com os outros sujeitos.

Se depois de consentir sua participação desistir de continuar participando da pesquisa tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador, pelo email: rodriguesbrc@gmail.com, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – UFRJ, Avenida Pasteur, 250

– Urca – RJ. Tel.: (21) 3938-5159

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado que a pesquisadora está investigando sobre o ensino/aprendizagem de ética na Educação Infantil em uma Escola Municipal e que precisa da minha colaboração. Entendi os riscos e concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso desistir quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Rio de Janeiro, / / 2017.

Assinatura do professor

Assinatura do Pesquisador Responsável

Apêndice 3: Ficha Investigativa das Virtudes

Virtude Amizade

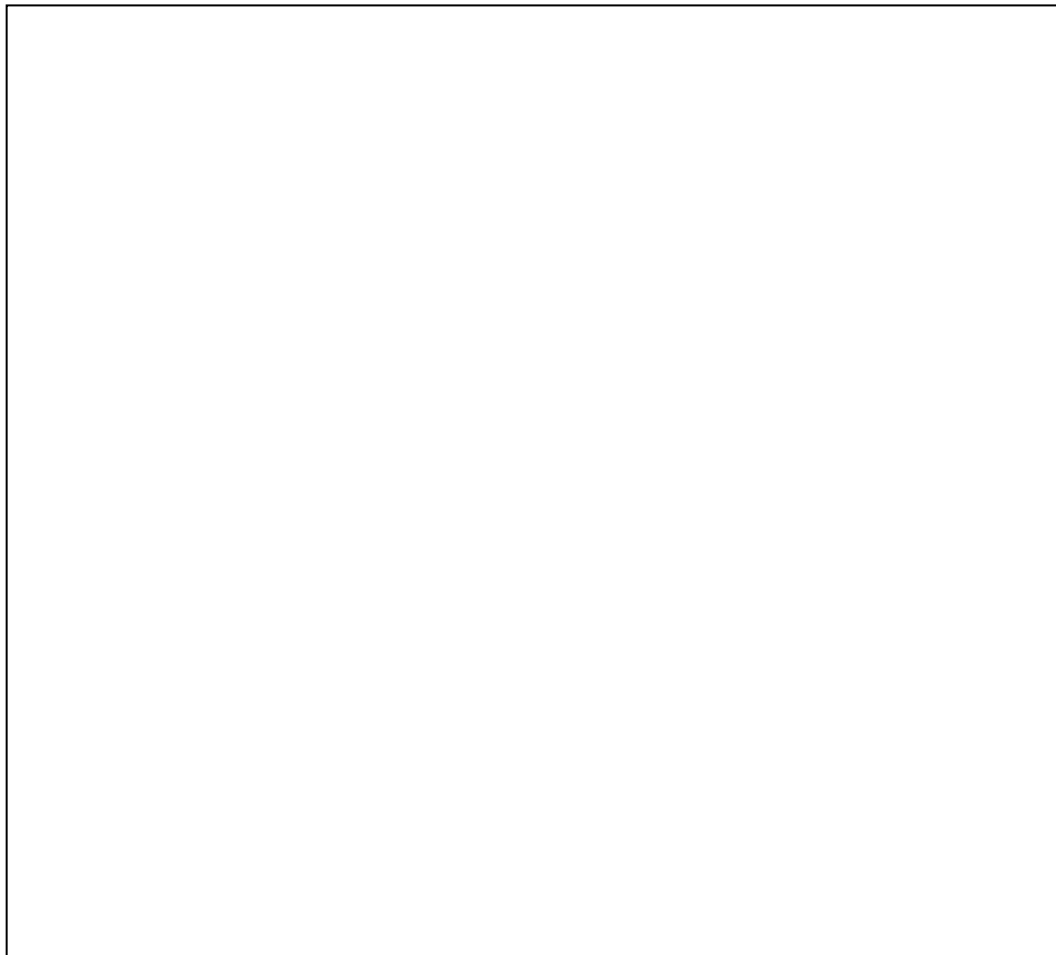
Ficha Investigativa das Virtudes

Nome: _____

Data: _____

Virtude Amizade

Ser amigo é...

A large empty rectangular box with a thin black border, intended for the student to write their response to the question 'Ser amigo é...'. The box is currently blank.

Exemplos de Ficha Investigativa da Virtude Amizade 1
Preenchida pelos alunos antes das oficinas

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

Data:

02/09/2017

Virtude Amizade

Ser amigo é...



Duas pessoas brincando de arminha
de água.

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

Data:

27/01/14

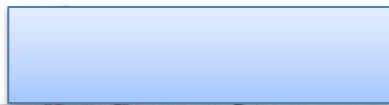
Virtude Amizade

Ser amigo é...



Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:



Data:

02/09/2017

Virtude Amizade

Ser amigo é...



Exemplos de Ficha Investigativa da Virtude Amizade 2
Preenchida pelos alunos depois das oficinas

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

Data:

24/11/17

Virtude Amizade

Ser amigo é...



um amigo ajudando o outro a levantar

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

Data: 24/11/17

Virtude Amizade

Ser amigo é...



amigas dividindo o biscoito

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome: Data: 24/11/17Virtude Amizade

Ser amigo é...



A filha caiu da escada e a outra foi correndo ajudar.

Apêndice 4: Ficha Investigativa das Virtudes

Virtude Honestidade

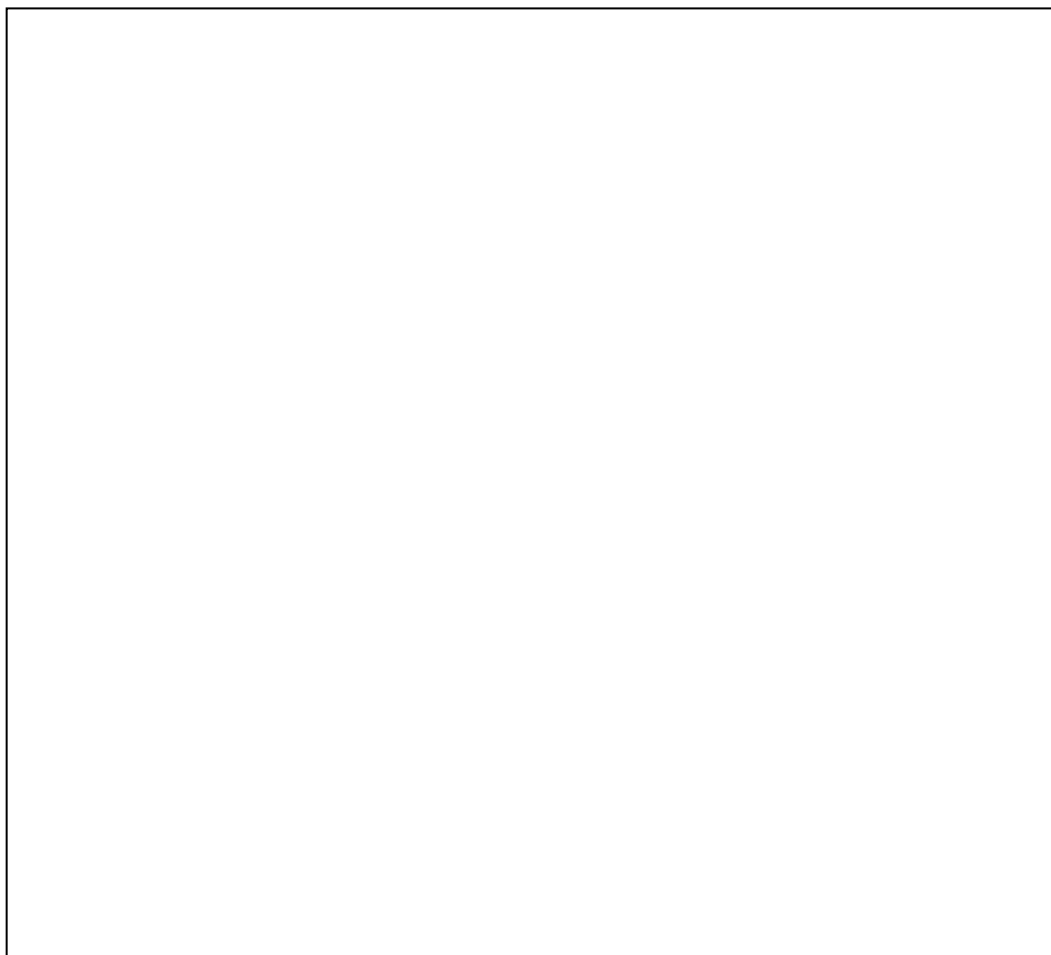
Ficha Investigativa das Virtudes

Nome: _____

Data: _____

Virtude Honestidade

Ser honesto é...

A large empty rectangular box with a thin black border, intended for the user to write their response to the prompt 'Ser honesto é...'. The box is currently blank.

Exemplo de Ficha Investigativa da Virtude Honestidade 1
Preenchida pelos alunos antes das oficinas

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

Data:

29/8/17

Virtude Honestidade

Ser honesto é...



uma pessoa catando lixo

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

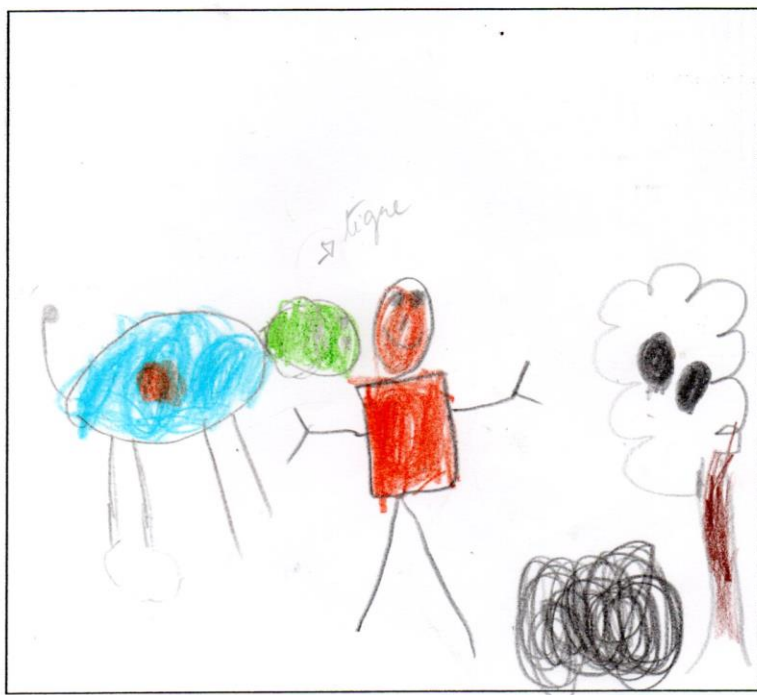


Data:

29/09/17

Virtude Honestidade

Ser honesto é...



O Tigre queria comer o lixo, mas o homem não deixou.

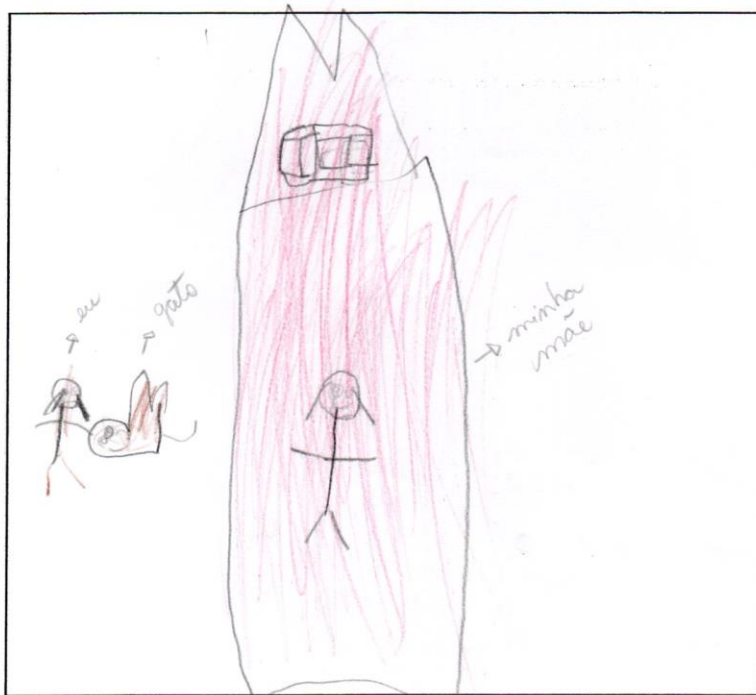
Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

Data: 29/9/17

Virtude Honestidade

Ser honesto é...



eu estou cuidando do gato

Exemplos de Ficha Investigativa da Virtude Honestidade 2

Preenchidas pelos alunos depois das oficinas

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

Data:

29/11/17

Virtude Honestidade

Ser honesto é...



Ela roubou as maçãs do vizinho e não pede

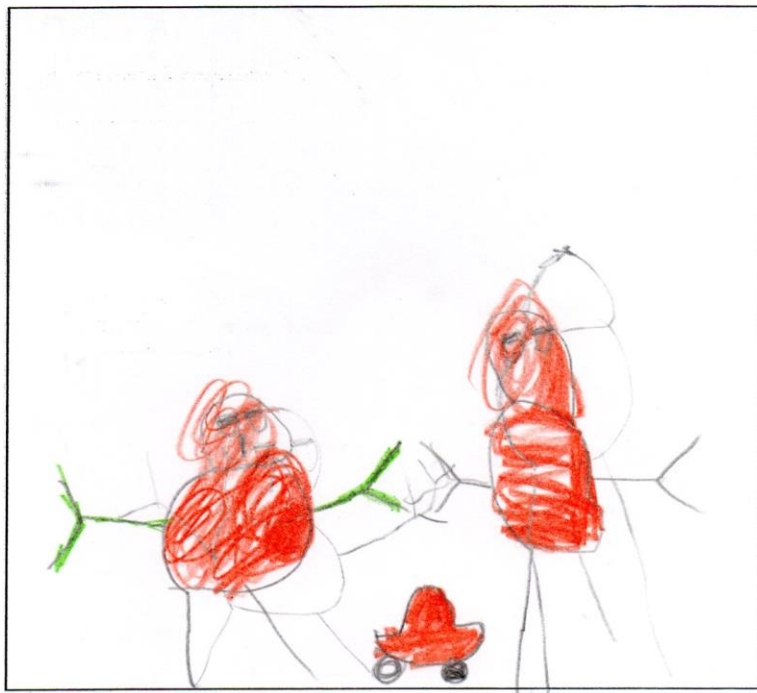
Ficha Investigativa das Virtudes

Nome: 

Data: 29/11/17/

Virtude Honestidade

Ser honesto é...

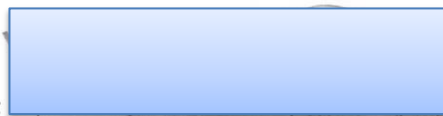


Ele pegou o carrinho sem pedir e depois devolveu

Exemplo 2

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

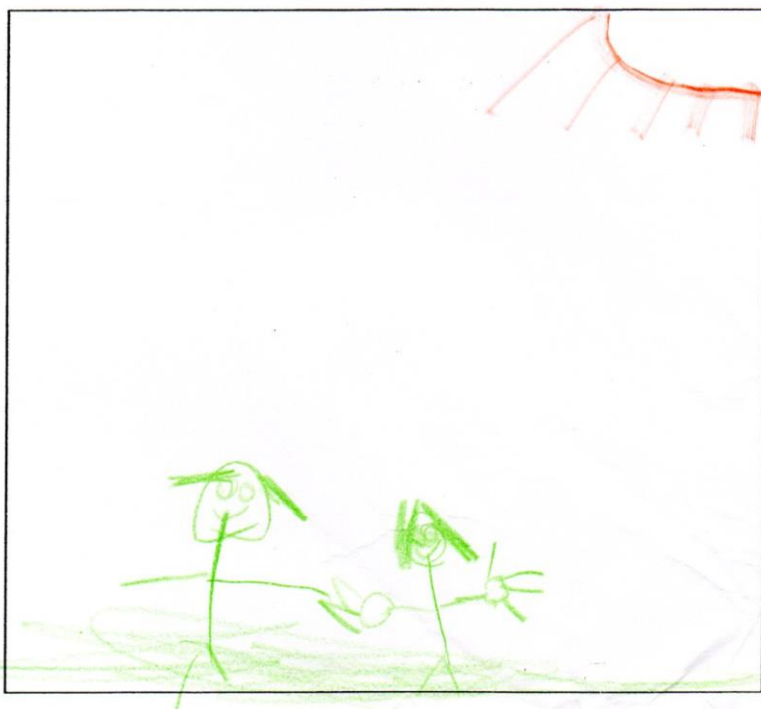


Data:

09/11/17

Virtude Honestidade

Ser honesto é...



Uma menina roubou o brinquedo da
outra e não pede.

Exemplo 3

Apêndice 5: Ficha Investigativa das Virtudes

Virtude Justiça

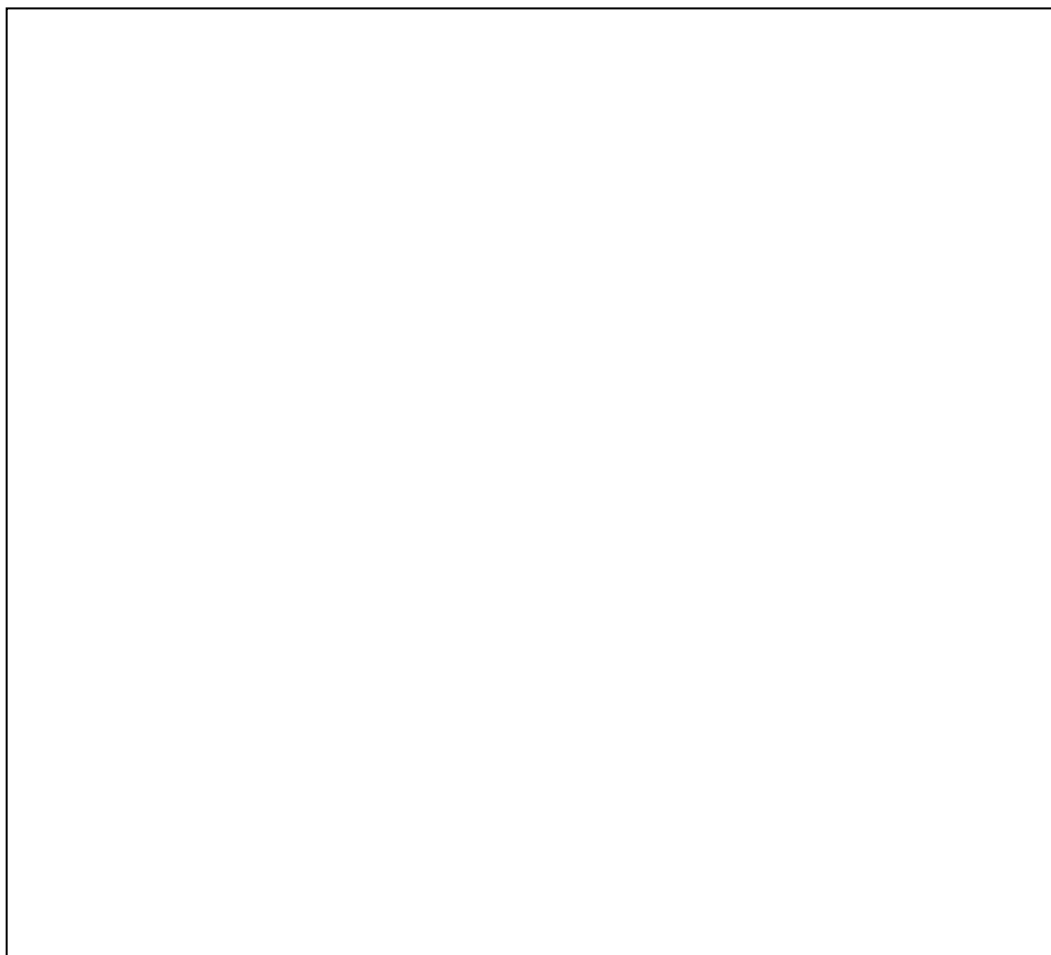
Ficha Investigativa das Virtudes

Nome: _____

Data: _____

Virtude Justiça

Ser justo é...



Exemplos de Ficha Investigativa da Virtude Justiça 1
Preenchidas pelos alunos antes das oficinas

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

22/09/2017

Data:

Virtude Justiça

Ser justo é...



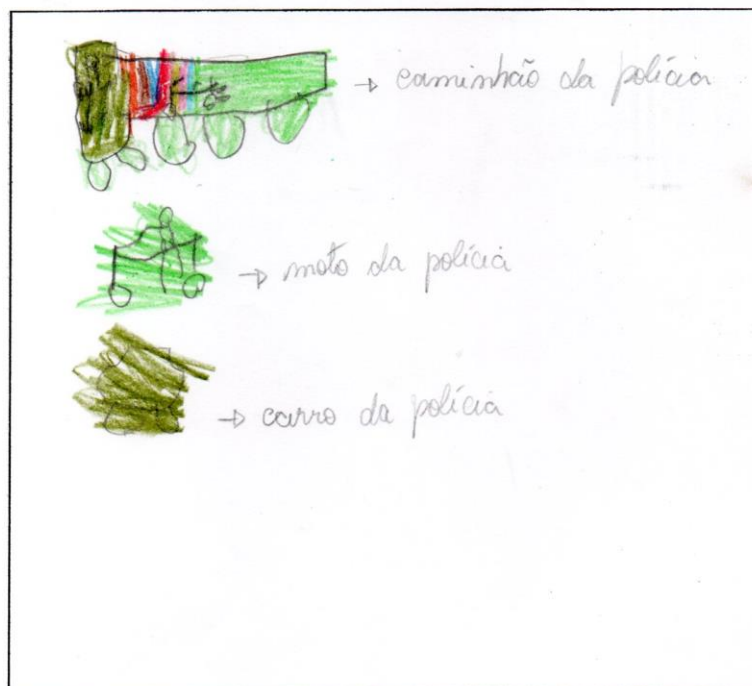
Ficha Investigativa das Virtudes

Nome: 

Data: 21/09/2011

Virtude Justiça

Ser justo é...



Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

Data: 20/09/2017

Virtude Justiça

Ser justo é...



Exemplo da Ficha Investigativa da Virtude Justiça 2

Preenchidas pelos alunos depois das oficinas

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome: Data: 24/11/18Virtude Justiça

Ser justo é...

*Eu dividindo o brinquedo*

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome:

Data: 24/11/17

Virtude Justiça

Ser justo é...



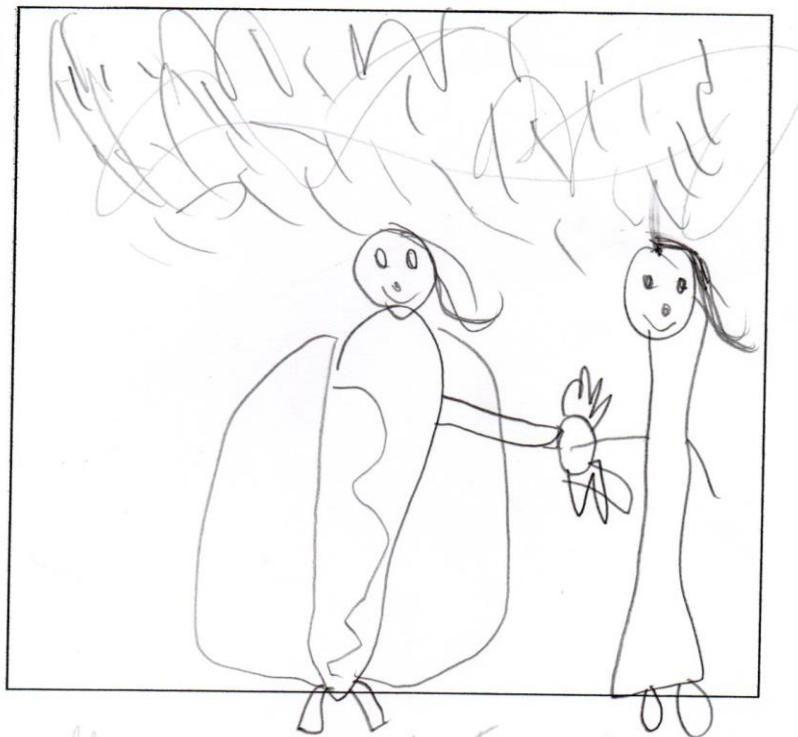
a menina jogou papel no chão
mas tem que jogar no lixo

Ficha Investigativa das Virtudes

Nome: _____

Data: **Virtude Justiça**

Ser justo é...



Uma menina emprestou a fantasia
para a outra.

Apêndice 6: Ficha Investigativa

Eu e minha Família

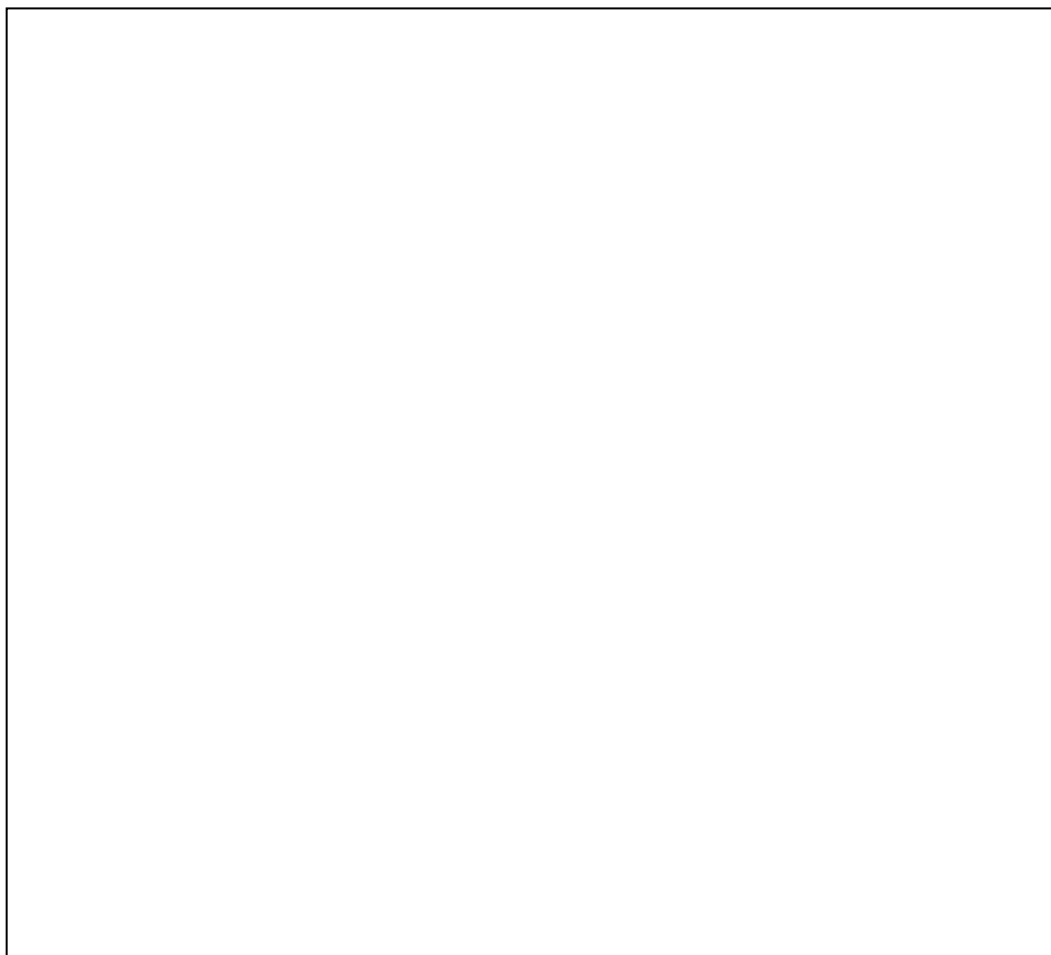
Ficha Investigativa

Nome: _____

Data: _____

Eu e minha Família

Onde e com quem eu moro...



Exemplos da Ficha Investigativa Eu e Minha Família
Preenchidas pelos alunos

Ficha Investigativa

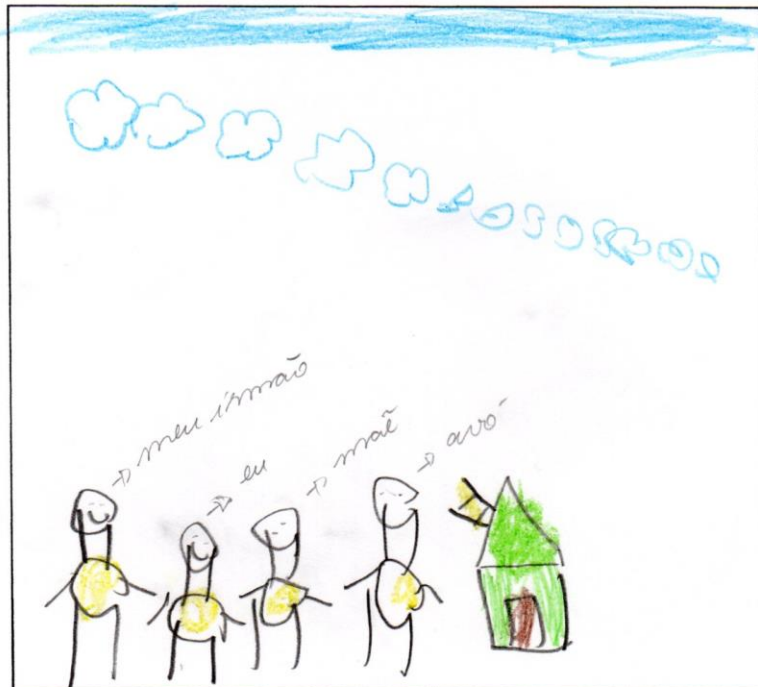
Nome:

Data:

11/12/17

Eu e minha Família

Onde e com quem eu moro...



Ficha Investigativa

Nome:

Data:

11/12/17

Eu e minha Família

Onde e com quem eu moro...



A família está dentro da casa

Exemplo 2

Ficha Investigativa

Nome: Data: 11/12/17Eu e minha Família

Onde e com quem eu moro...



Exemplo 3

Apêndice 7: Entrevista realizada com a professora regente da turma

**PESQUISA: O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL
NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO CARÁTER**

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Formação: _____

Quanto tempo atua na Rede Municipal de Ensino _____

Quanto tempo atua nessa escola _____

O que é ética para você?

Você conhece o Tema Transversal sobre Ética do PCN?

O que é virtude para você?

Você acha que ética se aprende ou é nata? Justifique

Você acha que é possível ensinar ética na escola? Justifique

Apêndice 8: Questionário Sócio Cultural - Preenchido pelos responsáveis dos alunos

Questionário Sócio Cultural com os alunos do Colégio Maria Campos

Este questionário faz parte de uma pesquisa que está sendo feita com os alunos da turma do 5º período de 2017, realizado pela mestranda da FE/UFRJ Bruna Rodrigues Cardoso. Os dados coletados são apenas informações para auxiliarem a pesquisa e terão extremo sigilo, não sendo divulgados.

Nome do aluno: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Endereço de onde o aluno mora: _____

Com quem mora: _____

O aluno tem irmãos? _____ Quantos? _____
 Nome do irmão (a): _____ Idade: _____
 Nome do irmão (a): _____ Idade: _____
 Nome do irmão (a): _____ Idade: _____
 Nome do irmão (a): _____ Idade: _____

Escolaridade do Pai

- Nível Superior
 Curso: _____
- Ensino Médio Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Fundamental Incompleto
- Não estudou
- Outra opção: _____

Profissão do Pai:

- Trabalha com carteira assinada
- Trabalha por conta própria
- Ocupação: _____

Religião da Família

- Católica
- Espírita
- Islâmica
- Umbandista

Escolaridade da Mãe

- Nível Superior
 Curso: _____
- Ensino Médio Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Fundamental Incompleto
- Não estudou
- Outra opção: _____

Profissão da Mãe:

- Trabalha apenas em casa
- Trabalha Fora
- Ocupação: _____

- Protestante/ Evangélica
 Denominação: _____
- Não tem religião
- Outras opções: _____

Assinatura do responsável

Apêndice 9: Quadros com os comentários feitos pelos alunos, sobre as virtudes Amizade, Honestidade e Justiça, durante as oficinas.

Aluno	Definição de Amizade ou ser Amigo
AR	Amigo é quando abraça
AL	é ser carinhoso
IS	É dividir as coisas com o amigo
JG	Amizade é abraço. É ajudar
JC	Amizade é fazer carinho, não brigar, é não ser egoísta, é dividir
JF	Amizade é não brigar
ME	Amizade é abraço, beijo e amor
MS	Amigo é quando deixa brincar, tipo deixar brincar de spinner, deixar brincar de tudo
NA	Amizade é uma pulseira da amizade. Amigo é quando dá amor, carinho
YA	Amizade é abraçar os outros.

Aluno	Definição de Honestidade ou ser Honesto
AL	ser honesto é cuidar do Brasil e das pessoas
JC	os bichos não podem comer sujeira, por isso não pode jogar lixo na rua
PE	honesto tem que cuidar dos animais
VO	honesto pode cuidar do Brasil
YA	ser honesto é cuidar dos animais e não deixar eles morrer

Aluno	Definição de Justiça ou ser Justo
AL	ser justo é fazer uma coisa que é justa
IS	bombeiro. A Yasmim falou que o pai dela foi na justiça e ele ganhou pirulito e deu pra ela
JG	é perder o jogo
JC	justo é aceitar perder
JF	é justo ficar olhando as brincadeiras
ME	super herói, luta. É perder a corrida
MS	carro de polícia, caminhão de polícia e moto de polícia. Briga. É tipo, brincar de arminha de água e perder, é justo.
NY	carro de polícia
PE	ser justo é pra perder a corrida. Eu ganhei a corrida do Nicolas e ele ficou muito triste

Apêndice 10: Quadros com as respostas dadas pelos alunos sobre as virtudes Amizade, Honestidade e Justiça durante o preenchimento das Fichas Investigativas realizados antes e depois das oficinas.

Definição de Amizade ou ser Amigo

Aluno	Desenhado pelos Alunos na Ficha Investigativa aplicada antes das oficinas
AR	eu e NA estamos nos abraçando
AL	estou fazendo amizade com a Júlia
GU	amigos jogando futebol
IS	duas meninas
JGU	eu e meus amigos
JS	duas crianças brincando em uma festa junina
JF	duas meninas
LU	amigos passeando
MA	duas pessoas brincando de arminha de água
ME	duas pessoas brincando de arminha de água
NA	pulseira da amizade
NY	eu, JF, JS e IS. A gente tá brincando de princesa
PE	menina e dois meninos dançando
YA	eu e a tia

Aluno	Desenhado pelos Alunos na Ficha Investigativa aplicada depois das oficinas
AR	eu e YA estamos de mãos dadas
GU	eu e meu irmão jogando bola
JGU	amigos dividindo o brinquedo
JF	estamos brincando de pique-pega
LE	um amigo ajudando o outro a levantar
LU	eu e JGU estamos passeando
MA	brincando de pistola de água
ME	eu e MA estamos correndo
NA	amigas dividindo o biscoito
NY	eu estou dando a pulseira da amizade para você tia Bruna
PE	amigos estão brincando
VO	a JF caiu e eu fui ajudar
VA	eu e GU estamos brincando
YA	a filha caiu da escada e a outra foi correndo ajudar

Definição de Honestidade ou ser Honesto

Aluno	Desenhado pelos Alunos na Ficha Investigativa aplicada antes das oficinas
AL	o cachorro quer despedaçar a aranha
GU	menino jogando lixo no chão
IS	uma moça varrendo o lixo
JGU	gato comendo o lixo
JS	uma pessoa catando lixo
JF	uma pessoa catando lixo
LU	o tigre queria comer o lixo, mas o homem não deixou
ME	uma moto que acabou a gasolina
NA	o gato está comendo o lixo
NY	uma pessoa catando lixo
PE	o homem pegou uma escada para pegar uma maçã
VO	homem catando lixo na rua
YA	eu estou cuidando do gato

Aluno	Desenhado pelos Alunos na Ficha Investigativa aplicada depois das oficinas
AR	o menino pegou duas coisas e não podia. A professora zangou com ele
GU	o menino pegou um brinquedo
JGU	um menino pegou o carrinho do outro. A professora brigou e o menino devolveu
JF	ela roubou as maçãs do vizinho e não pode
LE	uma menina dividindo a boneca com a outra
LU	ele pegou o carrinho sem pedir e depois devolveu
MA	eu e ME brincando de bistola de água
ME	meu amigo pegou dois brinquedos na caixa e eu peguei só um
NA	ela pegou o biscoito do amigo sem pedir
NY	a menina arrancou as maçãs da árvore e jogou lixo no chão. Aí ela fez a coisa certa e jogou lixo na lixeira e devolveu as maçãs para as árvores
PE	um menino pegou dois e dividiu com quem pegou um
VO	o menino enganou que ia pegar um brinquedo e pegou quatro. Não pode
VA	eu brincando com a mola
YA	uma menina roubou o brinquedo da outra e não pode

Definição de Justiça ou ser Justo

Aluno	Desenhado pelos Alunos na Ficha Investigativa aplicada antes das oficinas
AR	cara do batalhão
AL	minha mãe queria sentar na cadeia, porque ela pensou que eu ia cair
GU	carro de polícia
IS	carro de polícia
JGU	carro de polícia
JF	Escola
MA	cara do bem atirado com uma arma no cara do mau
ME	caminhão de polícia, moto de polícia, carro de polícia
NA	carro de polícia
NY	carro de polícia
PE	boneco indo pra guerra
YA	moto de polícia, polícia, prisão

Aluno	Desenhado pelos Alunos na Ficha Investigativa aplicada depois das oficinas
AR	os meninos estavam brigando e a professora zangou com eles e mandou pararem
GU	dois meninos jogando futebol
JGU	a mão falou para o filho não jogar papel no chão
LE	eu dividindo o brinquedo
LU	um dividiu o brinquedo com o outro
NA	a menina jogou papel no chão, mas tem que jogar no lixo
NY	não pode jogar lixo na rua. Ela desobedeceu
PE	estão brincando de dividir a bola
VO	uma menina emprestou a fantasia para a outra
VA	estão brincando
YA	a moça falou para o menino não jogar papel no chão